PAISAGEM EM CIRCULAÇÃO: O IMAGINÁRIO E O PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO DE SÃO FRANCISCO DO SUL EM CARTÕES-POSTAIS (1900-1930)

Marina Cañas Martins

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Faculdade de Arquitetura Programa de Pós-Graduação Planejamento Urbano e Regional - PROPUR Linha de Pesquisa Cidade, Cultura e Política

PAISAGEM EM CIRCULAÇÃO:
O IMAGINÁRIO E O PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO DE
SÃO FRANCISCO DO SUL EM CARTÕES-POSTAIS (1900-1930)

MARINA CAÑAS MARTINS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional.

Orientadora:

Profa. Dra. Sandra Jatahy Pesavento

PORTO ALEGRE
RIO GRANDE DO SUL - BRASIL
2008

M386p Martins, Marina Cañas

Paisagem em circulação : o imaginário e o patrimônio paisagístico de São Francisco do Sul em cartões-postais (1900-1930) / Marina Cañas Martins ; orientação de Sandra Jatahy Pesavento. — Porto Alegre : UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 2008.

186 p. : il.

Dissertação (mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, RS, 2008.

CDU: 719(816.4) 712.2(816.4) 676.813"1900/1930"(816.4)

DESCRITORES

Patrimônio histórico : São Francisco do Sul (SC) 719(816.4)

Paisagem urbana : São Francisco do Sul (SC) 712.2(816.4)

Cartões postais : 1990 a 1930 : São Francisco do Sul (SC) 676.813"1900/1930"(816.4)

Bibliotecária Responsável

Elenice Avila da Silva - CRB-10/880

PAISAGEM EM CIRCULAÇÃO: O IMAGINÁRIO E O PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO DE SÃO FRANCISCO DO SUL EM CARTÕES-POSTAIS (1900-1930)

MARINA CAÑAS MARTINS

Dissertação submetida à avaliação e aprovada pelas professoras:

Profa. Dra. Francisca Ferreira Michelon Instituto de Artes e Design Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Ester Judite Bendjouya Gutierrez
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dra. Zita Rosane PossamaiFaculdade de Educação
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Defendida em 28 de novembro de 2008.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar à minha orientadora, professora **Sandra Pesavento**, por desde o início mostrar-se interessada pelo tema da paisagem, por apoiar meus caminhos profissionais, e por demonstrar entusiasmo e incentivo em relação ao trabalho e à vida em cada conversa.

Ao arquiteto, colega e chefe **Ulisses Munarim** pelo diálogo, troca de livros, incentivo e apoio às minhas constantes idas à Porto Alegre.

Ao arquiteto e colega **Fabiano Teixeira dos Santos** por disponibilizar sua coleção de cartões-postais, por contaminar-me com sua paixão pelo tema, e por estar sempre disponível para esclarecer minhas dúvidas.

À Daniela Cañas, Julian Quero, Eduardo Hahn, Sandro Luis Schlindwein e Gessy Deppe pela grande ajuda com as traduções dos cartões-postais.

À historiadora, amiga e fina-flor **Leticia Brandt Bauer** por disponibilizar sua pesquisa sobre São Francisco do Sul, por ser exemplo de profissional e pelos momentos diários de incentivo.

À família e aos amigos pelo carinho e estruturação da logística de minhas idas e vindas entre Florianópolis, Porto Alegre e São Francisco do Sul.

Ao arquiteto e noivo **João Paulo Schwerz**, por acompanhar cada momento desta pesquisa e por simplesmente estar sempre ao meu lado.

Ao arquiteto e irmão **Miguel Cañas Martins**, pela torcida constante.

À minha mãe Maria Luisa Cañas Martins e meu pai Sergio Roberto Martins, por serem meus orientadores de vida. Dedico a eles este trabalho.

Resumo

A partir de duas temáticas principais - paisagem e imaginário - esta investigação buscou identificar valores patrimoniais na paisagem, reconhecendo-a como um bem cultural, que envolve os conceitos de patrimônio material, imaterial e natural. A pesquisa teve como objetivo buscar os traços e registros do passado que identificassem as atribuições de valor à paisagem da cidade de São Francisco do Sul, SC, do início do século XX, bem como seus elementos mais representativos, suas identidades e seus lugares de memória. O estudo deu-se a partir da análise da representação da paisagem de São Francisco do Sul em cartões-postais produzidos e circulados no período de 1900-1930, entendendo o estudo das representações como um meio de aproximação ao imaginário da época. Adotou-se uma visão integradora da paisagem, considerando tanto suas características subjetivas/simbólicas como suas características objetivas/morfológicas. Sendo assim, montou-se uma grade interpretativa que possibilitou a análise de descritores icônicos e descritores sociais e de circulação. A interpretação dos dados revelou que a paisagem estudada foi possuidora de valores patrimoniais que foram entendidos como valores estéticos; valores naturais e ecológicos; valores produtivos; valores de uso social; e valores simbólicos e identitários.

Palavras-chave: paisagem, imaginário, patrimônio, São Francisco do Sul.

Abstract

Taking two subjects as focus – landscape and imaginary – this research aimed to identify heritage values in landscape, as we recognize landscape as a cultural property that includes concepts of tangible, intangible and natural heritage. The investigation had the objective of searching vestiges and registers of the past that could identify the attribution of values in the landscape of São Francisco do Sul, SC, as well as its most representative elements, its identities and its places of memory. The study used postcards of São Francisco do Sul produced and distributed from 1900 to 1930, as we considered the study of representations as one means of proximity to the imaginary of that period. We used an integrated vision of landscape, considering not only its morphological but also its symbolic characteristics. Constructing an interpretative frame, that made possible the reading of iconic, social and circulation describers, we could conclude that the landscape of São Francisco do Sul had significant social use, aesthetical, natural, ecological, productive and symbolical heritage values.

Keywords: landscape, imaginary, heritage, São Francisco do Sul.

Sumário

Introdução	01
Capítulo I - Os significados da paisagem: fundamentação teórica	09
1.1 Paisagem	09
1.2 Paisagem e patrimônio	13
1.3 Representação e imaginário	18
1.4 Paisagem e representação	20
1.5 Paisagem e cartão-postal	31
Capítulo II - Como ver a paisagem? Metodologia	36
2.1 Descritores icônicos	40
2.2 Descritores sociais e de circulação	44
2.3 O método de Walter Benjamin	45
2.4 São Francisco do Sul como objeto empírico	48
2.5 O cartão-postal em São Francisco do Sul	54
Capítulo III - Paisagem em circulação: a leitura dos cartões-postais	59
3.1 Análise dos descritores icônicos	60
3.1.1 Localização e abrangência espacial	60
3.1.2 Estrutura	65
3.1.3 Forma	73
3.1.4 Elementos e funções	82
3.1.5 Unidades	89
3.2 Análise dos descritores sociais e de circulação	100
Capítulo IV - O valor patrimonial da paisagem: conclusão	112
Referências bibliográficas	119
Apêndice - Grade interpretativa dos cartões-postais de São Francisco do Sul (1900-1930)	125

Lista de Figuras

Introdução		
Figura 01	Esquema geral da pesquisa.	08
Capítulo I		
Figura 02	Ambrogio Lorenzetti, A Vida no Campo, Os Efeitos do Bom Governo (c. 1337 - 1340), detalhe.	23
Figura 03	Ilustração do Tacuinum Sanitatis.	23
Figura 04	Irmãos Limbourg, Fevereiro das Riquíssimas Horas do Duque de Berry, c. 1415, iluminura.	25
Figura 05	Konrad Witz. A Pesca Milagrosa, 1444.	25
Figura 06	Robert Campin, A Virgem e o Menino, 1420-1425.	26
Figura 07	Geertgen Tot Sint Jans, São João Batista, 1490-1495.	26
Figura 08	Albrecht Dürer, L'Étang dans la forêt, 1495.	27
Figura 09	Joachim Patinir, São Jerônimo no Deserto, 1520.	27
Figura 10	Altdorfer, Paisagem, c.1532.	29
Figura 11	Claude Lorrain, Paisagem com Sacrifício a Apolo, 1662.	29
Capítulo II		
Figura 12	Grade interpretativa, identificação e descritores icônicos.	38
Figura 13	Grade interpretativa, descritores sociais e de circulação.	39
Figura 14	Estado de Santa Catarina, localização da Ilha de São Francisco do Sul	48
Capítulo III		
Figura 15	Principais pontos de localização do Centro Histórico de São Francisco do Sul.	59
Figura 16	Gráfico do descritor icônico Localização da imagem.	60
Figura 17	Cartão-postal 03B.	63

Figura 18	Cartão-postal 03A.	63
Figura 19	Cartão-postal 03F.	63
Figura 20	Gráfico do descritor icônico Abrangência espacial.	
Figura 21	Cartão-postal 01A, fotografia a partir de base verde (Morro da Caixa d'Água).	66
Figura 22	Cartão-postal 10C, fotografia a partir de base verde (Morro do Hospício).	66
Figura 23	Gráfico do descritor icônico <i>Estrutura.</i>	67
Figura 24	Montagem dos cartões 09B e 09C, fotografia a partir da Baía da Babitonga.	69
Figura 25	Cartão-postal 08F, fotografia da Rua da Babitonga.	71
Figura 26	Dimensões das edificações determinadas no Código de Posturas de 1926.	78
Figura 27	Projeto de nova construção datado de 1931, seguindo o Código de Posturas de 1926.	78
Figura 28	Diferentes estilos arquitetônicos, resultado do gosto e das determinações dos códigos, cartão-postal 02G.	79
Figura 29	Diferentes estilos arquitetônicos, resultado do gosto e das determinações dos códigos, cartão-postal 06A.	79
Figura 30	Gráfico do descritor icônico <i>Forma</i> .	80
Figura 31	Cartão-postal 01C, apresentando o equilíbrio entre o construído e o não-construído.	82
Figura 32	Cartão-postal 06F, apresentando o equilíbrio entre o construído e o não-construído.	82
Figura 33	Gráfico do descritor icônico <i>Funções</i>	83
Figura 34	Cartão-postal 06E, São Francisco em dia de festa.	85
Figura 35	Cartão-postal 06B, Clube XXIV de Janeiro.	88
Figura 36	Principal perspectiva de cada unidade da paisagem representada nos cartões-postais.	90

Figura 37	Gráfico do descritor Icônico <i>Unidades.</i>	91
Figura 38	Cartão-postal 01A.	93
Figura 39	Cartão-postal 06C.	93
Figura 40	Cartão-postal 02C.	93
Figura 41	Cartão-postal 02B.	93
Figura 42	Cartão-postal 10C.	95
Figura 43	Cartão-postal 02A.	95
Figura 44	Cartão-postal 08G.	95
Figura 45	Cartão-postal 02E.	95
Figura 46	Dois pontos da mesma rua: imediações do Mercado Público	97
Figura 47	(cartão-postal 01G) e armazenamento de madeira nas ruas junto aos Armazéns Hoepcke.	
Figura 48	Pintura de Basílio Ferrari.	98
Figura 49	Cartão-postal 08B.	99
Figura 50	Fotografia do porto de São Francisco do Sul de 2001.	99
Figura 51	Jornal "A Razão" de 1927.	101
Figura 52	Jornal "A Razão" de 1927.	101
Figura 53	Cartão-postal 09D.	104
Figura 54	Cartão-postal 01F.	104
Figura 55	Gráfico das motivações dos conteúdos escritos.	106
Figura 56	Cartão-postal 05A - frente.	107
Figura 57	Cartão-postal 05A - verso.	107
Figura 58	Cartão-postal 08D.	110

Introdução

A Paisagem tem sido tema de interesse de diversas áreas do conhecimento, entre elas a história, a geografia, a arquitetura, o planejamento urbano, as artes visuais, e, mais recentemente, a preservação do patrimônio cultural.

Nos últimos anos assistimos a um rápido processo de transformação territorial, que em muitas ocasiões colocaram em risco os valores ambiental, cultural e histórico das paisagens. Como resposta a esse processo, cresce a valorização da paisagem como referência ou limite para transformações, entre outras razões, por sua direta associação com a memória coletiva e seu conteúdo simbólico.

Como conseqüência a essa percepção, e com o objetivo de uma adequada gestão da paisagem, políticas públicas de vários países são trabalhadas no sentido de desenvolver medidas gerais e atuações diversas voltadas para a preservação e potencialização da qualidade de seus recursos paisagísticos. Para tanto, a identificação de uma paisagem e seus componentes culturais se torna a primeira e uma das principais etapas de um trabalho nesse sentido.

Como arquiteta e urbanista do Instituo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, autarquia do governo federal voltada para a preservação do patrimônio cultural, e preocupada com a necessidade de investigar a questão da paisagem brasileira e seu valor patrimonial, encontrei no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mais precisamente na linha de pesquisa Cidade, Cultura e Política, o espaço e orientação para desenvolver uma pesquisa sobre a paisagem.

Entre os inúmeros enfoques que uma pesquisa sobre a paisagem poderia ter, optou-se pelo estudo de suas representações, mais precisamente o estudo da representação da paisagem através da imagem fotográfica, pois a representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão¹, assemelhando-se aos processos que envolvem a proteção do patrimônio cultural.

A cidade de São Francisco do Sul, Santa Catarina, foi escolhida como objeto de estudo por se tratar de um bem inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional desde 1987, e conseqüentemente objeto de minha atividade profissional. Sua paisagem é composta por elementos naturais e culturais que, através deste estudo, venho demonstrar ser de forte relação com imaginário local.

Sendo assim, como subsídio às ações de preservação do patrimônio cultural, esta pesquisa teve como objetivo geral identificar os traços e registros do passado que indiquem as atribuições de valor à paisagem de São Francisco do Sul (SC) do início do século XX, bem como seus elementos mais representativos, suas identidades e seus lugares de memória. O estudo se dará a partir da análise da representação dessa paisagem em cartões-postais produzidos e circulados no período de 1900-1930.

¹ PESAVENTO, Sandra. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 40

A partir da pesquisa documental, o trabalho também seguiu os seguintes objetivos específicos: a) reunir as coleções disponíveis de cartões-postais de São Francisco do Sul, do período analisado; b) desenvolver uma grade interpretativa e sistema de avaliação quantitativa e qualitativa de imagens paisagísticas; c) verificar a interferência da caracterização da imagem do cartão-postal na produção de um imaginário da paisagem local; d) identificar os valores patrimoniais da paisagem da cidade no início do século XX.

Com esses objetivos, considerando que a representação é um processo cultural de explicação e atribuição de significado e valor ao mundo, tentou-se responder em que medida as imagens que representam uma paisagem determinada podem fornecer dados através dos quais podemos identificar seus valores patrimoniais.

A reflexão que pretende esta pesquisa insere-se em dois debates mundiais e crescentes no Brasil. O primeiro é acerca da identificação, proteção e conservação das paisagens como bens de valor patrimonial, e o segundo, estaria relacionado às reflexões vinculadas ao fazer da História Cultural Urbana.

Para oferecer um panorama do primeiro debate, podemos citar três documentos regionais e/ou internacionais que, entre outros, vêm contribuindo para a crescente consciência da importância da paisagem: a Carta da Paisagem Mediterrânea² redigida em Sevilha em 1993 por uma iniciativa conjunta entre três regiões mediterrâneas: Andalucía (Espanha), Languedoc-Roussillon (França) e Toscana (Itália); a Recomendação n° R(95)9 sobre a conservação

_

² Disponível em www.regione.emilia-romagna.it/paesaggi/europa/Download/carta_medit.pdf acessado em 10/2008.

integrada das áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas³, adotado pelo Comitê de Ministros do Conselho da Europa em 1995; e a Convenção Européia da Paisagem (CEP)⁴, cuja formulação iniciou em 1994 e cujo texto final foi apresentado em Florença em 2000, que tem por objetivo incorporar a dimensão paisagística nas políticas públicas mediante o desenvolvimento de instrumentos de ordenação, gestão e fomento dos valores paisagísticos. A importância desses três documentos está no ineditismo do tema: a paisagem como principal enfoque, considerando que existem inúmeros textos normativos internacionais que fazem referência à paisagem, mas poucos a apresentam como objeto principal. A maioria trata as paisagens como elemento secundário nas políticas ambientais, na ordenação do território, na proteção do patrimônio cultural e nas diversas políticas regionais.

Apesar de apresentarem textos diferentes, os três documentos citados conceituam paisagem a partir dos seguintes enfoques:

- a) Interação entre homem e natureza: a paisagem é expressão formal da relação sensível dos indivíduos e das sociedades em um tempo e um espaço topograficamente definido;
- b) Percepção do espaço: a paisagem é definida e caracterizada da maneira pela qual determinado território apropriado pelo homem é percebido por um indivíduo ou por uma comunidade;
- c) Atribuição de valor: a paisagem deve ser considerada portadora de significado cultural, pois por ela são definidas sensibilidades, práticas, crenças e tradições e à ela são atribuídos valores de ordem afetiva, de identidade, estética, simbólica, espiritual ou econômica.

³ CURY, Isabelle (org.). *Cartas Patrimoniais*. 2ªed. rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. p.329–346.

⁴ Disponível em http://conventions.coe.int/Treaty/en/Treaties/Word/176.doc acessado em 03/2008.

Além da importante definição de paisagem, os três textos também se assemelham no teor de algumas recomendações: formar especialistas nos domínios do conhecimento e da intervenção da paisagem; identificar as paisagens no conjunto do território das regiões envolvidas e avaliá-las tomando em consideração seus valores específicos que lhes são atribuídos pelos técnicos e pela população interessada; e integrar a paisagem nas políticas de ordenamento do território e de urbanismo, e nas suas políticas cultural, ambiental, agrícola, social e econômica.

Diferentemente dos documentos já citados, os quais procuram regular todos os tipos de paisagem e não somente àquelas com valores especiais, entra no debate um outro importante documento para a identificação e proteção do valor patrimonial da paisagem: a Convenção da Unesco para Patrimônio Mundial, que a partir de 1992 acrescentou a paisagem cultural como categoria para inclusão de bens na lista da UNESCO. Hoje, considera-se que uma das principais vias de atribuição de valor a uma paisagem do ponto de vista patrimonial é a sua declaração como Paisagem Cultural Patrimônio Mundial. A Convenção cria diferentes classificações para a categoria:

- a) Paisagens claramente definidas: aquelas desenhadas e criadas intencionalmente, como jardins e parques construídos por razões estéticas. Nesses sítios, para a concessão de título de patrimônio mundial, os principais valores identificados estão enraizados em seu planejamento e na capacidade de transmitir um determinado sentimento de beleza, em função do significado e apreciação cultural que adquiriu ao longo da história;
- b) Paisagem evoluída organicamente: aquela que resulta de um imperativo inicial social, econômico, administrativo e/ou religioso e que desenvolveu sua forma atual através da associação com o seu meio natural e

em resposta ao mesmo. Esse tipo de paisagem pode ser subdividida em paisagem relíquia ou fóssil (na qual seu processo de construção terminou em algum tempo passado) e em paisagem contínua (aquela que retém um ativo papel na sociedade contemporânea, profundamente ligada à formas de vida tradicionais ainda em atividade);

c) Paisagem cultural associativa: aquelas que têm seu valor dado em função das associações que são feitas à elas, mesmo que não haja manifestações materiais de intervenção humana. Sua inclusão na lista é justificada pelo seu significado religioso, artístico ou cultural.

Na tentativa desta pesquisa inserir-se no debate explicitado, propõe-se o estudo voltado à identificação de paisagens com valores patrimoniais. Para tanto, trabalhar-se-á com suas representações, dentro da perspectiva da História Cultural do Urbano, um segundo debate no qual nos inserimos.

A História Cultural Urbana se propõe a estudar a cidade através de suas representações. Aqui, não se estuda somente a história real, mas também a história que poderia ter sido, por esta estar impregnada de significados, construídos pelos homens para explicar o mundo e atribuir-lhe valor. Segundo Sandra Jatahy Pesavento⁵, pensar o social através de suas representações é uma preocupação contemporânea, balizada pela crise dos paradigmas explicativos da realidade que pôs em xeque a objetividade e racionalidade das leis científicas no domínio das ciências humanas. A autora também afirma:

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural [...] é porque está dando uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de idéias e seus nomes mais expressivos.

⁵ PESAVENTO, Sandra. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro: v. 8, n°16, p.279–290, 1995. p. 280.

Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.⁶

Para tanto, a História Cultural tem trabalhando as sensibilidades de determinado tempo, ou seja, as formas de valorizar, de classificar o mundo, ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais⁷. Apesar de sutis, difíceis de capturar, pois traduzem emoções, sentimentos e valores que não são mais os nossos, o estudo das sensibilidades contribui para o entendimento do que poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo, clareando o conjunto de representações do mundo que chega hoje em nossas mãos.

Ao trabalhar a cidade, e por sua vez a paisagem, e levando em consideração as diferentes temáticas nas quais este trabalho está inserido, abre-se um campo de pesquisa interdisciplinar, pois nessa discussão, além de arquitetos, incluem-se os geógrafos, historiadores, sociólogos, economistas, urbanistas e antropólogos. A cidade passa de um local à um objeto de reflexão. Não se estudam apenas os processos econômicos que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade, levando ao estudo do imaginário urbano, que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais⁸.

A pesquisa está organizada em quatro capítulos. O capítulo I traz o referencial teórico deste estudo através dos temas *paisagem*, *paisagem* e patrimônio, representação e imaginário, paisagem e representação, paisagem e cartão-postal. O segundo capítulo aborda os procedimentos metodológicos

_

⁶ PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 40.

⁷ PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frédérique (orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 21.

⁸ PESAVENTO, 2005, op. cit., p. 77.

utilizados na pesquisa, além de delimitar o objeto empírico e as categorias de análise. O capítulo III é formado pela análise dos dados a partir dos 61 cartões-postais da paisagem de São Francisco do Sul, em dois sub-capítulos: análise dos descritores icônicos e análise dos descritores sociais e de circulação. Por fim, apresento o último capítulo com os valores da paisagem de São Francisco do Sul, encaminhando esta pesquisa para sua conclusão, conforme esquema apresentado na figura 01.

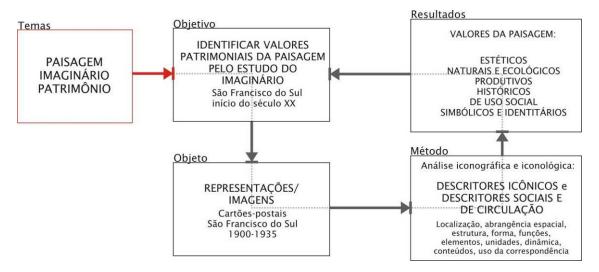


Figura 01 - Esquema geral da pesquisa. Fonte: Autora, 2008.

Para efeitos desta pesquisa, a palavra "paisagem" terá o mesmo significado da expressão "paisagem cultural", pois se propõe trabalhar com a perspectiva de que a paisagem já é formada através do olhar do homem, da cultura de quem a interpreta e lhe atribui significado.

Capítulo I

Os significados da paisagem: fundamentação teórica

1.1

Paisagem

Paisagem é um termo muito utilizado por diferentes disciplinas, como a geografia, a arquitetura, o urbanismo, a ecologia, a história, a arte, as ciências políticas e a arqueologia, para citar algumas. Mesmo se tratando de um mesmo tema, cada uma dessas áreas confere à paisagem significados diferentes, o que a torna bastante polissêmica. É importante ressaltar que a adoção de qualquer concepção de paisagem pode levar o trabalho a rumos distintos, mesmo em se tratando de um mesmo espaço. Dentre os inúmeros conceitos dados à paisagem, exploraremos aqueles que se envolvem diretamente com os conceitos-chave deste trabalho: patrimônio, imaginário e representação.

Um dos campos do conhecimento que realmente tratou a paisagem como disciplina foi a geografia, e suas principais referências devem ser destacadas. As abordagens mais utilizadas são duas: aquelas que levam em conta a morfologia da paisagem, formulada no início do século XX, e aquela voltada para a simbologia da paisagem, que começa a ganhar destaque no

final dos anos 1960 com o que ficou conhecido dentro da geografia como movimento humanista⁹.

A primeira abordagem tem como análise o método morfológico, desenvolvido pelo geógrafo americano Carl O. Sauer, cuja principal publicação nesse sentido intitulou-se "A Morfologia da Paisagem" de 1925. Sauer apresentava uma análise da paisagem em suas formas materiais, existindo uma preocupação em investigar como a cultura humana, analisada através de seus artefatos materiais, transforma essa paisagem. Sauer pode ser considerado o fundador da geografia cultural norte-americana e a Escola que se formou em sua volta em Berkely representou um dos mais ricos aportes teórico-metodológicos da geografia norte-americana, no século XX, e ainda hoje influencia inúmeros trabalhos¹⁰.

O segundo enfoque da paisagem está voltado para seus aspectos simbólicos. Essa corrente valorizou a subjetividade na pesquisa geográfica e foi considerada a característica principal dos adeptos da "Nova Geografia Cultural", que viam nos discípulos de Sauer os seguidores da "Geografia Cultural Tradicional". Dois de seus principais defensores foram Augustin Berque¹¹ e Denis Cosgrove¹², cujos artigos estudados foram publicados em 1984 e 1989, respectivamente.

Berque defendia a paisagem como marca e como matriz: é marca porque expressa uma civilização, mas também é matriz porque participa dos

⁹ RIBEIRO, Rafael Winter. *Caderno de estudos do PEP - Paisagem Cultural e Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. p.10.

¹⁰ RIBEIRO, Rafael Winter. *Caderno de estudos do PEP - Paisagem Cultural e Patrimônio.* Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. p.10.

¹¹ BERQUE, Augustin. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Probemática para uma Geografia Cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

¹² COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou seja, da cultura, os quais canalizam a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza¹³

Partindo do princípio que algumas sociedades podem considerar-se paisagísticas e outras não, o geógrafo propõe alguns critérios para verificar se uma sociedade assume a paisagem como valor cultural. Esses critérios estão diretamente relacionando à paisagem representada. Para uma sociedade, a paisagem existe caso esteja representada de quatro formas: 1. por meio das representações lingüísticas, na palavra ou palavras para dizer "paisagem"; 2. nas representações literárias, orais ou escritas cantando ou descrevendo as belezas da paisagem; 3. nas representações pictóricas, que tenham por tema a paisagem; 4. nas representações "jardinísticas", traduzindo uma apreciação propriamente estética da natureza¹⁴. Também em uma perspectiva simbólica, Cosgrove afirma que a paisagem é um conceito valioso para uma geografia efetivamente humana, pois ao contrário do conceito de lugar, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza¹⁵.

Essa mesma dualidade entre paisagem morfológica e simbólica, é colocada, por outros autores, como paisagem objetiva e subjetiva. A paisagem objetiva seria um conjunto de elementos materiais (a cobertura do solo, o relevo, etc.), ou seja, uma realidade possível de racionalizar e quantificar. Por outro lado, alguns autores defendem a paisagem dita subjetiva, considerando-a não uma realidade objetiva, mas uma imagem dessa realidade, uma imagem

-

¹³ BERQUE, op. cit., p.84.

¹⁴ JAKOB, Michael. L'emergence du paysage. França: Infolio Éditions, 2004, p. 7.

¹⁵ COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p.100.

retrabalhada pela percepção humana, através de um filtro de um esquema sociocultural¹⁶.

O geógrafo brasileiro Milton Santos trabalha também com dois enfoques: paisagem e espaço. A partir de uma necessidade epistemológica de distinguir os dois conceitos, Santos explica que "paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima"17. Apesar de afirmar que um não pode ser considerado sem o outro, o autor faz referência direta à paisagem com os termos "configuração territorial", "conjunto de objetos reais-concretos", "distribuição de formas-objetos", "sistema material", contrapondo o espaço como sendo um "sistema de valores que se transforma permanentemente através da função que cada indivíduo lhe dá". A partir dessa diferenciação é "classificar" possível visão da de paisagem Santos como objetiva/morfológica, e o espaço como sendo subjetivo/simbólico. Porém, o autor afirma que a paisagem é composta por formas, criadas em momentos históricos diferentes, mas coexistindo no momento atual, desempenhando uma função atual¹⁸.

Nesta pesquisa, optou-se por não determinar uma única abordagem. Apesar de trabalharmos com as características subjetivas/simbólicas no caso das análise dos conteúdos culturais das imagens, também utilizei-me de suas características objetivas/morfológica, no caso das análises de forma.

¹⁶ QUÉRIAT, Stéphanie. Les figures d'um pays. Les paysages wallons à la lumière de leur artialisation. In : GUCHT, Daniel e VARONE, Frédéric. Le paysage à la croisée des regards. Bruxelas: La lettre volée, 2006,

¹⁷ SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Ed. da USP, 2006, p.103.

¹⁸ Ibid., p.104.

1.2

Paisagem e patrimônio

Alguns autores e documentos internacionais discutem a definição de patrimônio. No contexto do presente trabalho, mais do que arrolar definições, faz-se importante destacar as principais mudanças no entendimento do patrimônio em diferentes épocas.

Françoise Choay começa seu livro "A Alegoria do Patrimônio" diferenciando "patrimônio" de "patrimônio histórico". A primeira palavra está ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.), é o bem de herança que é transmitido dos pais e das mães aos filhos. Já "patrimônio histórico" designa um bem destinado ao usufruto de toda uma comunidade que possui um passado comum¹9. A autora trata o patrimônio histórico também a partir da definição de monumento, que deriva de "advertir", "lembrar", "aquilo que traz à lembrança alguma coisa": o monumento tem natureza afetiva, pois mais do que apresentar uma informação, ele toca pela emoção, pela memória viva²o.

A atribuição de valor como monumento vai sendo ampliada: no início eram apenas as construções erguidas para rememorar uma data ou um fato, passando por edifícios monumentais (castelos, igrejas, edifícios públicos), chegando às edificações de pequeno porte, que marcam uma época e que contam a história de um local, e à áreas inteiras de uma cidade. Assim como a

¹⁹ CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p.11.

²⁰ Ibid., p.11.

história deixou de privilegiar apenas uma pequena parcela da sociedade, o trato com o patrimônio também se modificou.

Com a ampliação dos conceitos, em 1972, a Unesco já trabalha com a definição de patrimônio cultural, e não mais de patrimônio histórico. Apesar da Unesco trabalhar em busca daquilo que possui valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte e da ciência, as definições passaram a ser aplicadas em escalas locais, regionais e nacionais. Em sua Convenção para a salvaguarda do patrimônio mundial, cultural e natural, o patrimônio cultural pode englobar: a) os monumentos – obras arquitetônicas, de escultura, ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica; b) os conjuntos – grupos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude de sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem apresentem valor; c) os sítios: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza²¹.

A Convenção também definiu patrimônio natural, em uma perspectiva ainda separada de cultura e natureza, ou seja, o patrimônio natural destacado não apresentava a mão do homem. Quando um bem possuía características culturais e naturais marcantes, ele era inscrito tanto na lista do Patrimônio Cultural, como do Patrimônio Natural da Humanidade. Como já mencionado na introdução deste trabalho, em 1992 foi criada a categoria Paisagem Cultural, para designar "as obras conjugadas do homem e da natureza"²².

A evolução do conceito de patrimônio trouxe outra questão: não só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo, há um grande conteúdo patrimonial nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A

²¹ CURY, Isabelle (org.). Cartas Patrimoniais. 2ªed. rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000, p.179

²² FOWLER, P.J. World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002. World Heritage Papers 6. UNESCO, 2003.

essa porção intangível da herança cultural dos povos, deu-se o nome de patrimônio cultural imaterial.

Dentro desse grande grupo de bens materiais, imateriais e naturais, pelo qual perpassa a cultura de um povo, encontra-se a paisagem, um conjunto de formas físicas, naturais e construídas, impregnada de valor simbólico. A paisagem pode ser considerada um bem que pode hoje registrar todos os caminhos do patrimônio e sua presente atribuição de valor. No entanto, Ribeiro²³ aponta alguns aspectos que devem balizar qualquer abordagem sobre a paisagem como um bem patrimonial:

Se quisermos utilizar essa categoria, devemos ter em mente que a paisagem cultural deve ser o bem em si, evitando cair no erro de percebê-la como o entorno ou ambiência para um sítio, ou para determinados elementos que tenham seu valor mais exaltado. Isso significa que sua abordagem deve ser realizada em conjunto, ressaltando as interações que nelas existem. [...] É na possibilidade de valorização da integração entre material e imaterial, cultural e natural, entre outras, que reside a riqueza da abordagem do patrimônio através da paisagem cultural e é esse o aspecto que merece ser valorizado.

Partindo do pressuposto que a paisagem pode ser possuidora de valor para a preservação, é preciso identificar e discutir tais valores patrimoniais. Para tanto, será adotado o rol de valores propostos pelas bases conceituais e metodológicas do Catálogo de Paisagem²⁴, elaborado pelo Observatório da Paisagem, instituição que trabalha com o objetivo de estudar, elaborar propostas e impulsionar medidas de proteção, gestão e ordenação da paisagem da Catalunha (Espanha).

NOGUÉ, Joan; SALA, Pere. *Prototipo de Catálogo de Paisaje. Bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos de Paisaje de Cataluña*. Olot y Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2006.

-

²³ RIBEIRO, Rafael W. *Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro*: IPHAN/COPEDOC, 2007, p.111.

O Catálogo indica que, de todo o processo de caracterização da paisagem, o mais significativo é a identificação de seus valores, os quais devem ser levados em consideração no momento de propor qualquer ação sobre o território. Os valores que se devem analisar são de diferentes tipos: valores estéticos, valores naturais e ecológicos, valores produtivos, valores históricos, valores de uso social, valores espirituais e mitológicos e valores simbólicos e identitários.

Os *valores estéticos* estão relacionados com a capacidade que tem uma paisagem de transmitir um determinado sentimento de beleza, em função do significado e apreciação cultural que adquiriu ao longo da história. Também representam seus valores intrínsecos, em função das cores, diversidade, forma, proporções, escala, textura e unidades dos elementos que conformam a paisagem. No entanto, o Catálogo²⁵ alerta para o fato de que o valor estético da paisagem costuma ter uma base cultural profunda, a qual associa a beleza a determinados padrões ou modelos e não deve ser resultado simplesmente dos fatores primários como a cor e a textura.

Enquanto os *valores ecológicos* referem-se aos fatores e elementos que determinam a qualidade do meio natural, os *valores produtivos* estão relacionados com a capacidade de uma paisagem de proporcionar benefícios econômicos, convertendo seus elementos em recursos.

Os *valores históricos* correspondem às pegadas mais relevantes que o ser humano deixou na paisagem ao longo da história, como tipologias construtivas, tipologias de assentamento, centros históricos, conjuntos arquitetônicos, estruturas de parcelamento do solo e estruturas de limites

.

²⁵ NOGUÉ, Joan; SALA, Pere. *Prototipo de Catálogo de Paisaje. Bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos de Paisaje de Cataluña*. Olot y Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2006, p. 22.

físicos, sistemas de irrigação, rede de caminhos públicos, etc. O Catálogo²⁶ esclarece, no entanto, que não se trata de um inventário de elementos de interesse histórico, mas sim dos espaços e conjuntos de elementos que tenham valor paisagístico desde uma perspectiva histórica.

Também são apresentados os *valores de uso social*, que são aqueles relacionados à utilização, por parte de um indivíduo ou determinado grupo, que se faz da paisagem para locomoção, prazer, lazer, passeio, repouso, observação panorâmica, lugares de encontro, educação ambiental, prática de esporte ou funções terapêuticas.

Os valores mitológicos fazem referência àqueles elementos da paisagem que têm atribuição simbólica coletiva, relacionados com histórias fantásticas ou lendas. Os valores religiosos e espirituais correspondem aos elementos da paisagem, ou paisagens como conjunto, que se relacionam com práticas e crenças religiosas. E, por último, o Catálogo²⁷ traz os valores simbólicos e identitários, que correspondem à identificação que um determinado grupo sente em relação à paisagem. Referem-se aos elementos da paisagem que despertam relações de pertencimento.

A identificação desses valores para a paisagem de São Francisco do Sul do início do século XX foi um dos objetivos desta pesquisa, desenvolvido com a contribuição da metodologia de análise de 61 cartões-postais, explicitada no capítulo seguinte.

-

²⁶ NOGUÉ, Joan; SALA, Pere. *Prototipo de Catálogo de Paisaje. Bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos de Paisaje de Cataluña*. Olot y Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2006, p. 23.

²⁷ Ibid., p. 24.

1.3

Representação e imaginário

O campo da História Cultural traz um conceito-chave que orienta a postura do historiador: a representação. Essa categoria, considerada por Pesavento²⁸ como categoria central da História Cultural, foi incorporada pelos historiadores a partir de formulações de Marcel Mauss e Émile Durkheim, no início do século XX. Ambos estudaram, nos chamados povos primitivos atuais, as formas integradoras da vida social construídas para manter a coesão dos grupos, e identificaram que essa coesão surgia através de representações em forma de normas, instituições, discursos, imagens e ritos, que ajudavam o grupo a dar sentido à vida e ao mundo que os cercava, a dar explicações sobre o real:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.²⁹

O significado mais puro de representação é "estar no lugar de". O que está por trás dessa substituição é o que pode gerar informações sobre uma realidade do passado. Realidade que pode nunca ter existido, mas pode ter sido sonhada, desejada, planejada. E, simplesmente pelo fato de ter sido pensada e elaborada, ela faz parte de uma época e de uma maneira de ver e entender o mundo.

.

²⁸ PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.39.

²⁹ Ibid., p.39.

Segundo Pesavento³⁰, o desafio do historiador da cultura está em decifrar o passado a partir de suas representações. Para tanto, o pesquisador irá encontrar códigos que não fazem mais parte da leitura do presente. Esses códigos serão decifrados através do entendimento das sensibilidades da época estudada. A partir disso, a História também será uma narrativa de representação do passado. Se chegará a uma representação do já representado. Para Anne Cauquelin³¹, as formas de representação anteriores à nossa existência são determinantes na forma como entendemos uma paisagem.

Só vemos o que já foi visto e o vemos como deve ser visto. "Vê, como é belo..."

Pesavento coloca mais um conceito fundamental nas mudanças epistemológicas que acompanham a emergência da História Cultural: o imaginário - "sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo". Pode se afirmar que o imaginário pode ser datado. Comporta crenças, ideologias e valores de uma determinada época. "Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão e o conflito"32.

Esta pesquisa se utiliza dos conceitos de imaginário e representação ao buscar decifrar o imaginário paisagístico dos moradores de São Francisco do Sul nas três primeiras décadas do século XX, através das representações da paisagem local em cartões-postais.

³⁰ PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.43.

³¹ CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem.* São Paulo: Martins, 2007, p.96.

³² Ibid., p.43.

1.4

Paisagem e representação

Para a identificação dos valores culturais, perceptivos ou interpretativos, ou seja, de valoração mais subjetiva de uma paisagem, é importante conhecer a opinião das pessoas que vivem ou viveram em um território. Mas a participação pública não é o único método para se chegar a conhecer esses valores. A exploração da herança artística e literária de um lugar é uma outra via. Ao longo da história, artistas e escritores transmitiram em suas obras paisagens com atributos estéticos e simbólicos. E não se deve esquecer que eles mesmos, muitas vezes, foram seus criadores.³³

Alguns autores, como Jakob³⁴, atribuem a origem da paisagem ao quadro sócio-histórico da cidade, do meio urbano, do "anti-campo." A paisagem emerge do olhar de um sujeito frente a frente com a natureza, de um homem que controla aquilo ao qual foi anteriormente submisso.

O autor destaca uma época: por volta de 1800 ocorre um extraordinário "momento paisagem" na cultura européia: a paisagem emerge de todas as partes, espalha-se em poesia e prosa, como realidade visual e sonora, como fenômeno representado, como símbolo do espírito humano ou alegoria de uma procura impossível. É cantada, evocada, descrita e decomposta³⁵.

³³ NOGUÉ, Joan; SALA, Pere. *Prototipo de Catálogo de Paisaje. Bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos de Paisaje de Cataluña*. Olot y Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2006, p.21.

³⁴ JAKOB, Michael. *L'emergence du paysage*. França: Infolio Éditions, 2004, p.8.

³⁵ Ibid., p.9.

Jakob considera que o sentido da observação, o processo no tempo e, por conseguinte, a memória cultural dos modelos prévios, face um diretório de conceitos, filtram a realidade e permitem distinguir o que é interessante do que continua a ser desprovido de todo interesse. Este diretório compreende a elegância, a riqueza, a grandeza, o sublime, a beleza, a dignidade ou esplendor de cenas³⁶.

Na mesma linha, Meneses³⁷ afirma que "a coisa percebida e sua representação (conceitural, visual, verbal) existem simultânea e simbioticamente". O autor reescreve uma passagem narrada por Gombrich, sobre um guia impresso do século passado, destinado a atrair turistas para o Distrito de Lagos, na Inglaterra, o qua traz promessas tentadoras:

[...] o turista verá em Coniston Lake paisagens com os toques delicados do painel de Claude; em Windermere Water, terá acesso ao senso de nobreza de Poussin; em Lake of Derwent, se defrontará com as estupendas idéias românticas de Salvator Rosa"38.

Podemos dizer então que o surgimento da paisagem e da representação da paisagem estão interligados. Por isso, é necessário contextualizar historicamente a paisagem na arte.

Ainda segundo Jakob³⁹, é possível precisar o quadro do surgimento da paisagem, identificando momentos específicos para sua aparição histórica: a paisagem teve seu desenvolvimento no meio Ocidental, na época helenística, renasce nos tempos da Roma imperial, desaparece no fim da Antiguidade, para emergir novamente a partir do século XIV na Itália.

_

³⁶ JAKOB, Michael. L'emergence du paysage. França: Infolio Éditions, 2004, p.11.

³⁷ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2002, p. 32.

³⁸ Ibid., p.34.

³⁹ JAKOB, op. cit., p.8.

Alain Roger optou por seguir os quatro critérios de Berque⁴⁰ para estudar o surgimento de civilizações paisagistas (o lingüístico, o literário, o pictórico e o "jardinístico"). Porém, não descarta aquelas sociedades que de algum modo preencheram pelo menos um dos critérios, o que passou a chamar de civilizações proto-paisagísticas⁴¹. Nessa classificação Roger inclui as civilizações gregas e romanas, por apresentarem não os quatro critérios, mas a sensibilidade paisagística. Gombrich destaca o período helenístico pelas pinturas de paisagem descobertas em Pompéia. Essas paisagens eram como "coleções de tudo o que constitui uma cena idílica, pastores,e gado, rústicas ermidas, palacetes e montanhas distantes" ⁴².

Antes de entrar nas sociedades paisagísticas, Roger dá destaque à China, por apresentar os quatro critérios, a seu modo, centenas de anos antes que o ocidente⁴³. Gombrich também destaca a pintura da paisagem chinesa, mas esclarece que essas obras do século XII e XIII representavam água e montanhas num espírito de reverência, não com o intuito de ensinar lições, nem de fazer decoração, mas com a finalidade de fornecer material para uma meditação profunda⁴⁴.

Pela importância atribuída ao caminho traçado até a plena representação da paisagem, Roger escreve um capítulo de sua obra para o nascimento da paisagem no ocidente. Então, destaca o afresco "Efeitos do Bom Governo" (1338-40) de Ambrogio Lorenzetti (fig.2) como uma das primeiras paisagens ocidentais (Palazzo Publico, Siena). De mesma importância, enfatiza outras obras do mesmo autor "Chatêau au bord du lac" e "Ville sur la mer", que

⁴⁰ BERQUE, A. Les raisons du paysage - De la Chine antique aux environnements de synthèse. Paris: Hazan, 1995.

⁴¹ ROGER, Alain. Court traité du paysage. Bibliothèque des Sciences Humaines. Ed. Gallimard, 1997, p.50.

⁴² GOMBRICH, E. H. *A História da Arte.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1993. p.77.

⁴³ ROGER, op. cit., p.63.

⁴⁴ GOMBRICH, op. cit., p.108.

embora com perspectivas defeituosas, são obras que testemunham a vontade de laicização do país, apresentando um discurso alegórico de cidadania e liberando-se de toda referência religiosa 45.



Figura 2 – Ambrogio Lorenzetti (c. 1290 – c. 1348). A Vida no Campo. Os Efeitos do Bom Governo (c. 1337 – 1340). Afresco (detalhe). Siena,



Figura 3 - Ilustração do Tacuinum Sanitatis. Fonte: ROGER, 1997, p.88.

A questão da laicização foi uma das condições que Alan Roger definiu como indispensáveis para que a paisagem aparecesse na percepção histórica e na imagem do Ocidente. A laicização dos elementos naturais - árvores, rochedos, rios, etc. - antes não passavam de signos num espaço sagrado.

⁴⁵ ROGER, Alain. Court traité du paysage. Bibliothèque des Sciences Humaines. Ed. Gallimard, 1997, p.66.

Sempre que apareciam até então, esses signos deveriam ser decodificados segundo uma interpretação bíblica.

Cabe aqui ressaltar uma obra de representação literária que se posicionou no limite entre a imagem e o discurso. A carta escrita por Petrarca a partir do cume do Mont Ventoux, onde descreve a paisagem com uma carga altamente simbólica, é um dos documentos que melhor representa um textopaisagem⁴⁶. A vontade e o desejo de conhecer o mundo e a liberdade de quem consegue se elevar aparecem nas palavras de Petrarca.

Voltando a análise de Roger, a segunda condição para o surgimento da paisagem era a organização dos elementos naturais em um grupo autônomo e coerente, pois inúmeros quadros do Quattrocento italiano tratavam a paisagem como mero cenário/fundo⁴⁷. Esse grupo autônomo de elementos naturais foi representado primeiramente em Flandres e nos Países Baixos, onde os artistas deixaram de representar as espécies botânicas como objetos isolados, mas como parte do seu meio-ambiente. A Itália também passou a desenvolver esse tipo de representação, com mais desenvoltura no grafismo das figuras. No final do século XIV, a Itália publicou o chamado "Tacuinum Sanitatis" (fig.3), livro medieval sobre o bem-estar, baseado em um tratado médico árabe, com ilustrações que tinham como objetivo representar o objeto mencionado no texto (planta, animal, etc.) não como um item isolado de museu, mas inserido no seu meio ambiente natural⁴⁸.

Dessa dupla operação - dessacralização e unificação conceitual - podese atravessar mais uma etapa: os panoramas nas pinturas francesas em miniaturas. Os espaços começam a ganhar profundidade, e o trabalho da luz é

٠

⁴⁶ JAKOB, Michael. L'emergence du paysage. França: Infolio Éditions, 2004.p.17

⁴⁷ ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Ed. Gallimard, 1997. p.70.

⁴⁸ Ibid., p.69.

aprimorado. Passa-se à etapa das iluminuras/calendários. No precioso *Riquíssimas Horas do Duque de Berry*, 1415 (fig.4), há uma dupla laicização: espacial e também temporal, visto que a cronologia litúrgica é substituída pelo ciclo de temporadas, e, embora a perspectiva ainda seja ascendente, a paisagem já se apresenta de forma autônoma⁴⁹.



Figura 4 – Irmãos Limbourg. Fevereiro, das Riquíssimas Horas do Duque de Berry. c. 1415. Iluminura. Museu Condé, Chantilly. Fonte: JANSON, 1996, p.162.



Figura 5 - Konrad Witz. A Pesca Milagrosa, 1444. Museu de Arte e de História, Genebra. Fonte: GOMBRICH, 1999, p.244.

Nesse período Gombrich registra a paisagem representada por Konrad Witz, que em seu quadro "A pesca Milagrosa", 1444 (fig.5), reproduziu uma paisagem real: o lago de Genebra com o monte Salève erguendo-se ao fundo. O autor considera que essa possa ser o primeiro "retrato" de um panorama.

Voltando ao raciocínio de Alain Roger, outro aspecto marcante no percurso da paisagem na pintura é o aparecimento das janelas, como na obra de Robert Campin (fig.6). Ele compara as cenas pintadas a cubos dentro dos quais os personagens se encontram e cujo fechamento posterior é aberto para

⁴⁹ ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Ed. Gallimard, 1997, p.72.

a paisagem. Apesar do surgimento da perspectiva, essa paisagem muitas vezes não se mostra "verdadeira", mas composta como se fosse um cenário de um palco de teatro⁵⁰.



Figura 6 – Robert Campin, A Virgem e o Menino. 1420–1425, Londres, National Gallery. Fonte: ROGER, 1997, p.77.



Figura 7 - Geertgen Tot Sint Jans. São João Batista. 1490-1495. Berlin, Staatlich Museum. Fonte: ROGER, 1997, p.80.

O amadurecimento dessa vista a partir da janela e depois sua ampliação e autonomia são os seguintes passos em direção à independência do gênero da paisagem na pintura. A extensão da paisagem à quase totalidade do quadro ocorre no final do século XV, em pintura de Geertgen Tot Sint Jans (fig.7). Dizse quase, por ainda possuir como principal elemento da composição um personagem. Roger atribui à Albrecht Dürer o primeiro artista a pintar paisagens sem personagem (fig.8), considerando suas aquarelas "singulares e inovadoras", foram simples vistas topográficas que adquiriram um caráter de "visão"⁵¹. Contudo, essas pinturas ainda eram registradas em pequenos formatos, o que mostra que ainda não era considerado um gênero nobre.

⁵⁰ ROGER, Alain. Court traité du paysage. Bibliothèque des Sciences Humaines. Ed. Gallimard, 1997. p.74

⁵¹ Ibid., p.76.



Figura 8 – Albrecht Dürer. L'Étang dans la forêt. 1495. Londres British Museum. Fonte: ROGER, 1997, p.81



Figura 9 - Joachim Patinir. São Jerônimo no Deserto. 1520. Paris, Museu do Louvre. Fonte: www.louvre.fr. Acessado em 10/2008.

Roger reserva pelo menos um parágrafo de sua obra para a originalidade de Joachin Patinir⁵². O pintor do início do século XVI continua registrando cenas religiosas, mas inseridas em grandes paisagens, cuja superfície ultrapassa a dos personagens. Patinir aumenta a superfície do quadro, principalmente a largura, direcionando para um formato "paisagem" (fig. 9).

52 ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Ed. Gallimard, 1997. p.78

Afirmando que nem Dürer, nem Patinir exerceram grande influência sobre seus contemporâneos, Alain Roger termina seu capítulo "O nascimento da Paisagem no Ocidente", escrevendo sobre a representação do campo, que se instala no século XVI na pintura flamenca, logo na italiana, passando em seguida para a literatura. O campo representava algo vizinho à cidade, uma paisagem domesticada, colonizada, uma paisagem mais voltada ao jardim.

O autor termina registrando que, durante dois séculos, essa paisagem permanecerá sem desdobramentos, até que a Idade das Luzes invente novas paisagens, incorporando à beleza a categoria do sublime e transformando por completo a sensibilidade ocidental⁵³. Já Gombrich destaca pelo menos mais dois pintores importantes antes desse período: Albert Altdorfer (1480?–1538) e Claude Lorrain (1600–1682). O autor atribui a Altdorfer uma das primeiras paisagens sem seres humanos (fig.10), e lembra:

Na Idade Média, uma pintura que não ilustrasse claramente um tema, fosse sagrado ou profano, era quase inconcebível. Só quando a habilidade do pintor começou a merecer por sim mesma o interesse das pessoas, é que se tornou possível vender um quadro isento de qualquer outro propósito que não fosse registrar o deleite pessoal do artista ante um belo trecho de paisagem.⁵⁴"

A Claude Lorrain deve ser dado destaque por ter sido o primeiro a abrir os olhos das pessoas para a beleza sublime da natureza, e, segundo Gombrich⁵⁵, por quase um século após sua morte, os viajantes costumavam julgar um trecho de paisagem real de acordo com os padrões por ele fixados em suas telas (fig.11).

.

⁵³ ROGER, Alain. Court traité du paysage. Bibliothèque des Sciences Humaines. Ed. Gallimard, 1997. p.82

⁵⁴ GOMBRICH, E. H. *A História da Arte.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1993. p.273

⁵⁵ Ibid., p.310.



Figura 10 – Albrecht Altdorfer, Paisagem, c. 1526–8, Alte Pinakothek, Munique. Fonte: GOMBRICH, 1999, p.355.



Figura 11 – Claude Lorrain. Paisagem com sacrifício a Apolo, 1662–3. Abadia de Anglesey, Cambridgeshire. Fonte: GOMBRICH, 1999, p. 396.

Ao direcionar valor patrimonial, representação, imagem, imaginário e paisagem para um possível cruzamento, optou-se por incorporar à pesquisa o conceito de "artialisation" proposto por Alain Roger⁵⁶.

O autor defende a idéia de que é preciso preparar o olhar para descobrir a beleza da natureza através de um processo cultural de aprendizagem de códigos e modelos. Esse processo é chamado "artialisation in visu". O ambiente é elevado à categoria de objeto de fruição, e ao inserir na materialidade do lugar um código artístico, um olhar que o torna belo, desenvolvemos o processo de "artialisation in situ".

A artialisation então, seria um processo em que se transforma o espaço visível através de uma apreciação estética. Para o Roger, uma região não é, na sua essência, uma paisagem. Encontramos a paisagem de um lugar através da mediação da arte, e é a partir dessa mediação que elas se tornam familiares.

-

⁵⁶ ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Ed. Gallimard, 1997. p.17

Por isso, afirma que para um entendimento da paisagem, é necessário que primeiro se proceda a sua leitura, a sua interpretação.

O dualismo lugar-paisagem tem de ser encarado à luz da mediação artística no local (*in situ*) e no olhar reflexivo para as paisagens (*in visu*). Para o autor, a modernidade criou a paisagem por conseguir desenhar várias regiões.

Voilà ce que nous enseigne l'histoire, mais nos paysages nous sont devenus si familiers, si « naturels », que nous avons accoutuné de croire que leur beauté allait de soi ; et c'est aux artistes qu'il appartient de nous rappeler cette vérité première, mais oubliée : qu'un pays n'est pas, d'emblée, un paysage, et qu'il y a, de l'un à l'autre, toute l'élaboration de l'art. Telle est donc la « double articulation » : Pays/Paysage, in situ/in visu (...) l'hypothèse heuristique qui me servira de fil conducteur⁵⁷

Da instância geográfica que nos cerca captamos impressões que podemos decodificar através da utilização não só dos sentidos, como também dos sentimentos. Para Alves,

O modo como operamos esta decodificação vai depender, por sua vez, de condicionamentos sociais e culturais que vão modelar a nossa experiência perceptiva, a nossa forma de construir a paisagem. A paisagem é não só o resultado de uma construção mental individual, como também o produto da evolução das representações coletivas.⁵⁸

Ora, se um lugar se torna paisagem a partir de uma operação "in situ" / "in visu", a representação resultante teve como processo uma reflexão coletiva na escolha de valores e elementos fundamentais para a descrição e o entendimento desse lugar. Essa escolha de valores está diretamente relacionada à escolha de um patrimônio que represente uma cidade ou país.

⁵⁷ ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Ed. Gallimard, 1997. p.18 ⁵⁸ ALVES, Teresa. Paisagem – em busca do lugar perdido. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa, XXXVI, 72, pp.67–74, 2001, p.72.

1.5 Paisagem e Cartão-postal

Entende-se que entre as paisagens estudadas no último item e as paisagens representadas na fotografia existe um longo período a ser melhor estudado e detalhado. No entanto, após entender o surgimento da representação da paisagem que ocorreu através da pintura, optou-se por uma aproximação do meio em que, no início do século XX, as imagens de São Francisco do Sul foram registradas: fotografia impressa nos cartões-postais.

Antes de mais nada, é preciso esclarecer que parte-se do entendimento proposto por Boris Kossoy, de que a fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação, o que o autor chama de segunda realidade, construída, codificada, "sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para desenvendarmos o passado"59.

Ainda para Kossoy, o advento do cartão-postal, coincidentemente ao surgimento das revistas ilustradas entre outras formas de difusão impressa da imagem pictórica e, em especial da fotográfica (tornadas tecnicamente possíveis na passagem do século XIX para o XX), representou uma verdadeira revolução na história da cultura. Um mundo fartamente ilustrado e de

⁵⁹ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê editorial, 2002. p.22.

temáticas variáveis, de fácil manuseio, vem finalmente "saciar o imaginário popular"60.

O surgimento do cartão-postal se deu na segunda metade do século XIX, criação do austríaco Emmanuel Hermann (1839-1920), professor de economia política da Academia Militar de Viena, quem em 1869 sugeriu às autoridades de seu país o uso postal de cartões abertos. A sugestão foi acatada e posta em vigor no mesmo ano, superando expectativas: somente nos três meses iniciais foram vendidos 2.926.102 cartões-postais no império austro-húngaro, ultrapassando a casa dos 10 milhões de unidades no fim do primeiro ano⁶¹.

Mas há os que dêem crédito à Heinrich von Stephan (1831–1897) quanto à invenção do cartão-postal. Funcionário do correio alemão, ele teria sugerido em 1865 a utilização de um cartão no formato aproximado dos envelopes então em uso, já com selo impresso, um lado reservado para o endereçamento e o outro destinado à correspondência. Segundo Vasquez⁶², não se sabe se Hermann e Stephan tinham conhecimento das propostas do colega.

O que por um lado significava um receio de expor o conteúdo da correspondência a todos que a ela tinham acesso, numa época de guerras e conflitos diversos, foi justamente seu despudor que contribuiu para seu sucesso, pois permitia de imediato aos censores o acesso à mensagem veiculada. Um das primeiras utilizações do cartão-postal em massa foi por militares, que tinham como principal preocupação comunicar a parentes e amigos a notícia de estarem vivos. "Por ironia do destino, o cartão-postal,

⁶⁰ KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo : Ateliê editorial, 2002. p.63..

⁶¹ VASQUEZ, Pedro Karp. Postaes do Brazil: 1893-1930. São Paulo: Metalivros, 2002. p.25.

⁶² Ibid., p.28.

associado em nosso imaginário às idéias de lazer, amor e felicidade, teve um começo "trágico".63

Em princípio eram cartões-postais despojados, tornando-se com o tempo cuidadosamente ilustrados. Ainda de acordo com Vasquez⁶⁴, as autoridades postais que detinham o monopólio da produção dos cartões passaram a autorizar, a partir da década de 1890 editoras particulares a imprimir cartões-postais ilustrados.

A febre do colecionismo revolucionou inteiramente o uso do cartão-postal. Até então se costumava utilizar postais quando se viajava ou quando se desejava enviar felicitações por datas especiais (casamento, aniversário), solicitar notícias em caso de doença ou expressar pesar em caso de falecimento, ou naturalmente, fazer juras de amor. Sempre um motivo [...] para enviar postais, até que o simples anseio de colecioná-los se tornou a única justificativa necessária, com as pessoas passando a trocar cartões com freqüência assombrosa.

A indústria então aproveitou essa febre e passou a incentivar os colecionadores de diversas formas, entre elas a realização de concursos para melhores coleções e a reedição de luxo de postais consagrados.

Os primeiros postais impressos no Brasil datam de 1880. Como ocorreu no resto do mundo, a produção de postais era inicialmente controlada pelo governo, passando em 1899 a ser autorizada a impressão de postais por empresas privadas. Segundo Belchior⁶⁵, nesse ano surgiram os primeiros postais ilustrados com imagens de cidades brasileiras:

Os primeiros aqui circulados no século XIX, contendo vistas do Brasil [...] foram impressos no exterior, estampando trabalhos de famosos fotógrafos, entre os quais se distinguem

-

⁶³ VASQUEZ, Pedro Karp. Postaes do Brazil: 1893-1930. São Paulo: Metalivros, 2002. p.26.

⁶⁴ Ihid n 28

⁶⁵ BELCHIOR, E. de O. Introdução. In: BERGER, P. *O Rio de ontem no cartão-postal 1900-1930*. Rio de Janeiro, RIOARTE, 1983. p. IV.

Lindemann e Marc Ferrez. Cabe ressaltar o papel precursor de Albert Aust, de Hamburgo, ao lançar a série "Süd América", reproduzindo "clichés", pelo menos, de Recife, Salvador, Paraná e Rio de Janeiro (...) As legendas em português – com freqüentes tropeços gramaticais – denotam o indiscutível propósito de comercialização no país que retratavam.

Albert Aust de Hamburgo também foi responsável pela impressão de uma série de cartões-postais de São Francisco do Sul e outras cidades de Santa Catarina.

Desde o início do século XX os postais de paisagens eram os mais requisitados. Era a forma com que as pessoas tiveram acesso a imagens de vários lugares do mundo. Cidades e países tornavam-se "reais" a partir da imagem colecionável. Sendo assim, cada cidade, acabava por selecionar a imagem que melhor lhe representasse, focando em aspectos de modernidade e que de preferência, segundo Kossoy, fosse iconograficamente européia. Além de veículos de correspondência, tornaram-se também instrumentos de propagandas, particularmente no caso de vistas das cidades⁶⁶.

Faz-se interessante transcrever trechos das palavras de Robert Girault, representante da Editora Yvon, que desde 1924 foi a principal casa editora francesa de cartões-postais:

Tentarei agora vos explicar o que é a fotografia vista pelo cartão-postal, pois na verdade, nós, editores de cartões-postais, temos uma certa visão da fotografia que nos é imposta. Nós somos obrigados a nos abstrair de nossas preferências pessoais, para corresponder ao gosto da multidão, e a multidão é um monstro que vos elimina se você não é capaz de satisfazer às suas necessidades. Os fotógrafos nos recriminam com freqüência por não sermos criativos, não ousarmos. Mas eu faço questão de deixar bem claro que nós temos, em primeiro lugar, uma função econômica, à qual nós

⁶⁶ KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo : Ateliê editorial, 2002. p.69.

não podemos nos furtar sob pena de sofrermos sanções bastante severas. De que se trata na verdade?

A vocação primoridal do cartão-postal é a transmissão de uma mensagem escrita no verso e visual no anverso. O turista que deseja transmitir aquilo que ele vê aos seus amigos que ficaram em casa, lhes endereçará o cartão-postal que melhor descreve aquilo que ele vê diante de si e, de preferência, de forma idealizada. É por isso que um cartão-postal é sempre uma reprodução fiel e, por conseguinte, clássica de um local ou de um monumento. Só nos resta valorizar ou sublimar um pouco a paisagem, com o aporte de flores, por exemplo, ou então acentuando algumas de suas características distintivas, como o azul do Mar Mediterrâneo ou o vermelho dos rochedos do Estérel. Sendo preciso lembrar que todas as fotografias que modificam a visão da paisagem ou do monumento, pela utilização de um ângulo inabitual ou de uma técnica nova, ainda que fornecendo um efeito fotográfico interessante, são desdenhadas pelo público. Somos, assim, forçados a respeitar o gosto do público.67

Nessa passagem, apresentada em um colóquio com diversos especialistas em fotografia, Girault, justificando-se sobre a rigidez que algumas imagens acabam adquirindo em cartões-postais, acaba por explicar a dinâmica na qual a representação da imagem paisagística pode ser interpretada como aquilo que faz parte do imaginário popular, portanto como aquilo que, muitas vezes, se quer preservar.

As imagens das paisagens construídas por suas representações culturais, as traduzem e qualificam, nos fazem ver, educam nossos olhares, dotam de novos sentidos os lugares, as tramas e as formas geográficas. Os valores que as paisagens adquirem ao longo do tempo, muitas vezes reforçados por essas representações e pelo imaginário construído, é o que se acaba identificando como bem patrimonial. É o que propõe a metodologia desta pesquisa.

⁶⁷ VASQUEZ, Pedro Karp. Postaes do Brazil: 1893-1930. São Paulo: Metalivros, 2002. p.50-51.

Capítulo II

Como ver a paisagem? Metodologia

A primeira idéia desta pesquisa foi trabalhar com imagens da representação da paisagem de São Francisco do Sul, fossem essas imagens pintura, desenho ou fotografia. Deparei-me com diferentes tipos de objetos que poderiam ser lidos e interpretados de maneiras diversas. O trabalho acabaria fugindo da objetividade e os resultados poderiam ser questionados. Segui, então, o que orienta Ana Maria Mauad: delimitar o estudo em um conjunto definido de imagens, que possam compor uma série, no caso, os cartões-postais.

A autora afirma que tais séries devem ser extensas, capazes de dar conta de um universo significativo de imagens, e homogêneas, posto que numa mesma série fotográfica há que se observar um critério de seleção, evitando-se misturar diferentes tipos de fotografia⁶⁸. A homogeneidade da série possibilita o estudo das semelhanças e diferenças próprias do conjunto de imagens que se escolheu analisar além de permitir-nos ter em mente os objetivos para os quais as imagens fotográficas foram produzidas ou veiculadas⁶⁹.

-

⁶⁸ MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.73-98, 1996, p.89

⁶⁹ POSSAMAI, Zita Rosane. *Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos - Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, p.108-109.

A partir desse recorte, partiu-se para o amadurecimento da metodologia de análise das imagens. Estudos que trabalharam a relação imagem e cidade, como o de Zita Possamai⁷⁰ sobre Porto Alegre, de Solange Ferraz de Lima e Vânia de Carvalho⁷¹ sobre São Paulo, Lucrécia D'Alessio Ferrara⁷² também sobre São Paulo e Francisca Ferreira Michelon⁷³ sobre Pelotas, foram importantes na indicação do tratamento das imagens em abordagens qualitativas e quantitativas. Optando-se por definir categorias de análise que abordassem a forma e o conteúdo das imagens. Segundo Possamai,

A análise das imagens fotográficas, como de outras fontes visuais, deveria levar em conta a diferenciação entre forma e conteúdo, ou seja, as escolhas técnicas e estéticas realizadas pelo fotógrafo [...] e os motivos fotografados – paisagens, pessoas, ruas e avenidas, festas, acontecimentos.⁷⁴

Sendo assim, parti para a definição de duas categorias de análise: os descritores icônicos, e os descritores sociais e de circulação. Na primeira categoria trabalha-se com a forma e o conteúdo da paisagem de São Francisco do Sul, levando em consideração muito mais as escolhas estéticas do fotógrafo do que as escolhas técnicas. A segunda categoria estuda a relação dos usuários do cartão-postal com cidade, no intuito de mapear as situações de percepção e uso dessa paisagem. Nesse sentido, as análises qualitativas e quantitativas foram utilizadas em ambas categorias, em complementação e

⁷⁰ POSSAMAI, Zita Rosane. *Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos - Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

⁷¹ LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade: da razão urbana à lógica do consumo. Álbuns de São Paulo (1887–1954)*. São Paulo: Mercado de Letras, 197. p.19.

⁷²FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Os Significados Urbanos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp. 2000.

⁷³ MICHELON, Francisca Ferreira. *Cidade de papel: a modernidade nas fotografias impressas de Pelotas* (1913-1930). 2v. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

⁷⁴ POSSAMAI, op. cit., p.107.

sobreposição, baseando-se no método indicado por Benjamin⁷⁵, e melhor detalhado a continuação.

A partir dos descritores icônicos e os descritores formais e de circulação, desenhou-se uma grade interpretativa (fig.12 e 13), como sugerido nos estudos já mencionados. A grade interpretativa foi formada por quatro partes: identificação, imagem (frente e verso), descritores icônicos e descritores sociais e de circulação.

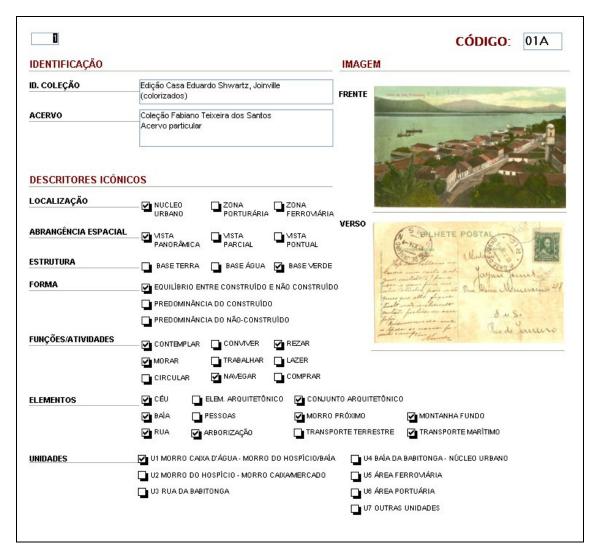


Fig.12 Grade interpretativa - identificação e descritores icônicos. Fonte: Autora, 2008.

⁷⁵ BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representações da história em Walter Benjamin.* São Paulo: Editora da USP, 1994.

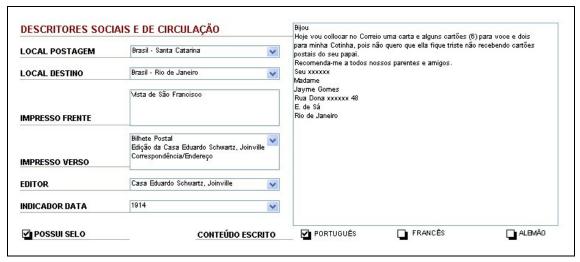


Fig.13 Grade interpretativa - descritores sociais e de circulação. Fonte: Autora, 2008.

Os descritores trabalhados encontram paralelo na proposição metodológica de Boris Kossoy⁷⁶ para estudo e interpretação de imagens fotográficas. Trata-se de análise iconográfica e análise iconológica, também trabalhada por autores como Panofsky⁷⁷ para estudo de imagens pictóricas. As informações obtidas por meio da análise iconográfica revelam dados concretos sobre o documento no que diz respeitos à sua materialização documental e aos detalhes icônicos nele gravados. Busca-se através dessa análise, "decodificar a realidade exterior do assunto registrado na representação fotográfica, sua face visível"78. Já a análise iconológica tenta resgatar, na medida do possível, a história própria do assunto, seja no momento em que foi registrado, seja independentemente da mesma representação. Também tenta buscar a desmontagem das condições de produção, do processo de criação que resultou na representação em estudo79.

-

⁷⁶ KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê editorial, 2002. p.58-59.

⁷⁷ PANOFSKY, Erwin. *Estudos de Iconologia. Temas Humanísticos na arte do renascimento*.Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

⁷⁸ KOSSOY, op.cit., p.58–59.

⁷⁹ Ibid., p.59.

2.1 Descritores icônicos

Os itens trabalhados nos descritores icônicos envolvem localização da paisagem (núcleo urbano, zona portuária ou zona ferroviária) e abrangência espacial (vista panorâmica, vista parcial ou vista pontual). As outras sete categorias de análise dos descritores icônicos foram incorporadas a partir da metodologia de estudo de paisagem proposta por Eduardo Martínez de Pisón.

Segundo o geógrafo, a paisagem visível é a formalização totalizada do sistema ou estrutura espacial, nutrida por suas representações, imagens e sentidos. Portanto, a forma da paisagem é composta, em realidade, por sua estrutura e seus significados.

[...] el concepto de paisaje encierra una morfología territorial, pero además contiene ideas, imágenes, una cobertura cultural y vivencial. Parece, por tanto, que una de las características del ser humano, entre otras, es no ver sólo un territorio en sus escenarios, sino un paisaje. Esto equivale a decir que una parte de lo propriamente humano es esta capacidad de otorgar sentido cultural a su existencia y, en ésta, a su relación con el medio. El paisaje es, pues, un nivel cultural.⁸⁰

Desse modo, o autor faz uma classificação analítica com categorias indissociáveis, mas que podem ser analisadas separadamente para efeito de estudo: estrutura, forma, função/relação externa, elementos, evolução/dinâmica, unidades e conteúdos⁸¹:

81 MARTINEZ DE PISÓN, Eduardo. Los componentes geográficos del paisaje. In: MADERUELO, Javier (org.) *Paisaje y pensamiento.* Madri: Abada Editores, 2006, p.137.

-

⁸⁰ MARTÍNEZ DE PISÓN, Eduardo. Reflexión sobre el concepto de paisaje. In: Awareness to the landscape: from perception to protection. Council of Europe Publishing, 2001.

a) Estrutura: a *estrutura* seria a base da paisagem. Essa base é composta por elementos cujas funções dependem umas das outras, e cujos componentes se inter-relacionam, articulam-se, penetram-se funcionalmente. O autor também chama esse componente de *relações internas*.

Trazendo esse conceito para a análise das imagens dos cartões-postais paisagísticos de São Francisco do Sul, optou-se por abrir três opções de classificação: a base terra, quando a imagem tem como base a rua, o construído; a base água, quando a base da imagem é a Baia Babitonga; e a base verde, quando a imagem é apoiada em um dos morros que envolvem o núcleo urbano. Seguindo a idéia de Pisón, esses três elementos se interrelacionam, formando a base da paisagem da cidade. A partir da análise das imagens em relação a esse item, será possível afirmar se existe uma base na qual a imagem paisagística de São Francisco se apóia predominantemente.

b) Forma: Também chamada pelo autor de *face*, a *forma* adquirida é a configuração adquirida em um momento dado, é o volume da paisagem visível, em cuja textura se realiza a existência. É, em suma, o aspecto externo, a figura.

Esse item configurou-se em três sub-itens: equilíbrio entre construído e não construído, predominância do construído e predominância do não-construído. A avaliação da forma a partir do construído, possibilitará entender até que ponto a imagem da cidade, no período estudado, ficou marcada por uma paisagem urbana ou natural.

c) Função: ainda segundo Martinez de Pisón, não há espaço geográfico sem *função*. A paisagem se insere em redes e possui funções em vários níveis, fortemente relacionados a elementos materiais. Sendo assim, os modelos funcionais arrastam consigo as paisagens. A paisagem mostra vida porque

possui forças e é um sistema de relações com as áreas vizinhas e com a região na qual se inclui, o que leva o autor a também denominar esse componente de relações externas.

Optei por trazer para a análise das funções da paisagem de São Francisco do Sul as funções da cidade: morar, circular, trabalhar e ter lazer. Além dessas funções, me pareceu pertinente incluir outras, que, no caso estudado, fazem-se pertinentes pelos elementos icônicos de forte presença nos cartões-postais: navegar (grande presença de transporte marítimo), rezar (valorização da igreja como componente da paisagem local), comprar (forte destaque ao Mercado Público) e por último, a função contemplativa da paisagem.

d) Elementos: os *elementos* de uma paisagem são múltiplos, diversificados e aparecem mesclados. Mesmo assim, é necessário identificálos, hierarquizá-los, classificá-los e entendê-los, principalmente com relação a seu papel e significado, especialmente na estrutura, na forma e na função. São os elementos cuidadosamente estabelecidos que permitem definir o caráter, as modulações e o estado da paisagem.

A grade interpretativa traz então 11 elementos, que podem vir a compor os cartões-postais paisagísticos estudados: céu, como elemento de amplidão e iluminação; Baía Babitonga, como elemento delimitador da paisagem; rua, como malha para o construído; pessoas, como elemento vital; arborização urbana, como elemento de embelezamento; transporte marítimo e terrestre, como elementos de circulação; morro próximo como indicador de formação da paisagem a partir de uma topografia acentuada; montanha ao fundo, como elemento emoldurador da imagem; e elemento arquitetônico ou conjunto arquitetônico como principais elementos materiais.

e) Unidades: uma paisagem é o resultado de um somatório de diversas unidades de menores dimensões e de diferentes escalas. É possível fracionálas, mas sem perder o conjunto, pois sua estrutura é hierárquica e articulada.

As 43 imagens estudadas nos mostram a paisagem de São Francisco do Sul desde vários pontos de vista diferentes. Esses pontos de tomada se repetem ao longo dos anos, sendo registrados por diferentes editoras e fotógrafos. Como conseqüencia, formam diferentes unidades de paisagem.

Os sete pontos de tomada e/ou unidades foram divididos em: U1 - Morro da Caixa d'Água em direção ao Morro do Hospício; U2 - Morro do Hospício em direção ao Morro da Caixa d'Água ou ao Mercado Público; U3 - Rua da Babitonga; P4 - Baía da Babitonga em direção ao núcleo urbano; U5 - Morro do Hospício em direção à Estação Ferroviária; U6 - Porto antigo em direção ao porto novo, porto novo em direção ao núcleo ou outras imagens com destaque ao porto; e outras unidades.

f) Dinâmica: as paisagens são produtos históricos que fixam o processo que as formam, pois são densos acumuladores de heranças. Portanto, são essencialmente mutantes. devido a suas modificações estruturais, morfológicas e funcionais. Nesse sentido, a história/dinâmica é um ponto de essencial importância no estudo das paisagens. Pisón ainda afirma que a paisagem não é um cenário morto. É composto por constituintes ativos no tempo e no espaço e é, por si só um conjunto ativo. Consequentemente, a paisagem não está afetada pela dinâmica, ela é dinâmica, assim como todos os componentes de sua paisagem. Por esse motivo, o estudo da dinâmica das imagens não contou com itens pré-estabelecidos. Optou-se por deixar em aberto as abordagens referentes à história que cada paisagem pôde contar, diluindo-as na análise dos demais itens.

g) Conteúdos culturais: mais além do conhecimento formal externo, está finalmente a *vivência da paisagem*, seu descobrimento, seu conhecimento em um nível mais profundo. O estudo dessa vivência é importante visto que a paisagem é um entorno vital, uma realidade sensível, não somente matéria. Essa análise da paisagem buscará reconhecer os *conteúdos culturais* que a qualificam, mesmo que seus constituintes possam não ser diretamente visíveis através de formas. Ainda segundo o autor, a paisagem é um produto do tempo que revela o que somos e como consideramos nosso patrimônio cultural. Essa categoria, encontra vinculação nas anteriores citadas e nos descritores sociais e de circulação.

2.2 Descritores sociais e de circulação

Seguindo as categorias da grade interpretativa, chegamos aos descritores sociais e de circulação, que auxiliarão na descoberta de quem, quando e como os cartões eram utilizados, bem como no mapemamento dos locais por onde eles circularam. Apesar de alguns cartões-postais não terem sido utilizados e por isso não contêm informações manuscritas no verso, a quantidade daqueles que apresentam informações é superior à metade da amostra: 23 de 43 cartões-postais. Volta-se, então, à grade interpretativa preenchendo os itens: local de postagem, local de destino, conteúdo impresso, indicador de data e conteúdo escrito.

Os descritores sociais e de circulação indicarão a relação das pessoas com esses pequenos pedaços de papel, nos quais está estampada uma paisagem da qual faz ou fez parte. A paisagem é mencionada nos cartões? O cartão é escolhido pela imagem que possui ou vem apenas substituir o papel

de carta? Está presente no imaginário dos usuários a paisagem de São Francisco do Sul?

A natureza empírica deste trabalho, assim como de outras pesquisas que envolvem fotografia, não utilizou com exclusividade apenas um apoio teórico ou metodológico. Ao contrário, procurou-se criar uma estratégia flexível, mas suficientemente segura para dar conta da diversidade de informações que contém o objeto estudado.

2.3 O método de Walter Benjamin

A análise dos dados obtidos através da grade interpretativa das imagens dos cartões-postais paisagísticos levou em consideração os pressupostos metodológicos vinculados à História Cultural Urbana, baseados no método da montagem de Walter Benjamin. Apesar de minha formação como arquiteta e ubanista, utilizo-me da metodologia voltada ao historiador.

O que dá sustentação ao método mencionado é o olhar detetivesco do historiador na tentativa de recolher traços e registros do passado. Esses traços passam por um trabalho de construção, de quebra-cabeças, e então produzem sentido para uma "leitura". Pesavento⁸² enfatiza o processo da montagem:

[...] é preciso recolher traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra-cabeças, capazes de produzir sentido. Assim, as peças se articulam em composição ou justaposição, cruzando-se em todas as combinações possíveis, de modo a revelar analogias e relações de significado, ou então se combinam por contraste, a expor oposições ou discrepâncias. Nas múltiplas combinações que se estabelecem, argumenta Benjamin, algo será revelado,

⁸² PESAVENTO, Sandra. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.64.

conexões serão desnudadas, explicações se oferecem para a leitura do passado.

Analisado por Willi Bolle⁸³, o método da montagem é um procedimento característico das vanguardas do início do século XX. E é essa tradição que está inserida na obra de Benjamin: os conceitos de montagem do Dadaísmo, do surrealismo, do teatro épico e dos meios de comunicação de massa jornal e cinema. Também apresenta influenciais do Barroco (a alegoria como precursora do princípio de montagem), do Romantismo (a estética do fragmento) e da Revolução Industrial, com as construções-montagem e exemplo da torre Eiffel⁸⁴.

Bolle⁸⁵ aprofunda cada um dos cinco conceitos/modelos de montagem utilizados por Benjamin:

- a) O conceito dadaísta: o dadaísmo, como movimento de vanguarda, foi o que mais se utilizou tanto dos procedimentos de montagem e colagem na constituição de uma obra, como no sentido de ruptura.
- b) O conceito surrealista: esse tipo de montagem está diretamente ligado à formação de imagens oníricas;
- c) O conceito do teatro épico: montagem como ruptura, pois o teatro épico irrompeu a teatralidade do fascismo, com suas encenações de massa. Essa nova modalidade trouxe a sobriedade, consciência vigilante, a lucidez;
- d) O conceito jornalístico: com sua disposição multidimensional da escrita, a montagem espacial de um jornal e os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, inteligibilidade e falta de conexão entre uma notícia e outra), contribuem para a de desmontagem (ruptura) e montagem (formulação de sentido);

⁸³ BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representações da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da USP, 1994.

⁸⁴ Ibid., p.89.

⁸⁵ Ibid., p.90-93.

e) O conceito cinematográfico: talvez o que mais ilustra a montagem proposta por Benjamin, o cinema junta elementos isolados, que a princípio não significam nada, e faz nascer um sentido em uma proposta de combinação, tornando-se um meio adequado para a investigação do imaginário coletivo.

A partir desses conceitos, Willi Bolle explica as técnicas específicas de trabalho elaboradas por Benjamin: a montagem por contraste e a montagem por superposição.

Como coloca Bolle⁸⁶, a montagem em forma de contraste/choque é uma "técnica de despertar de fantasmagorias, assim como a superposição; mas, diferentemente desta, onde a tomada de consciência se dá aos poucos, a montagem por meio de contraste, antítese e choque provoca a irrupção imediata do despertar." Pesavento⁸⁷ dá exemplos:

Assim é que, seguindo a estratégia metodológica da montagem segundo o choque contrastivo, é possível pôr frente a frente as representações da cidade que falam de progresso ou tradição, as que celebram o urbano ou idealizam o rural, o imaginário dos consumidores do espaço frente aos dos produtores da urbe, a visão das elites citadinas com a dos populares e deserdados do sistema, a dimensão da esfera pública, como representação, com o imaginário constituído sobre o privado, as imagens do espaço que contrapõem o centro ao bairro ou, ainda, a própria visão da rua, vista como local de passeio ou passagem, contraposta àqueles que nela moram por não terem outra opção.

Já a montagem por superposição, seria a mais propícia para "radiografar" o imaginário coletivo⁸⁸, pois nela a tomada de consciência se daria aos poucos e não por efeito da revelação por choque, mencionada anteriormente: seria o processo metodológico através do qual o historiador iria

.

⁸⁶ BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representações da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da USP, 1994, p.97.

⁸⁷ PESAVENTO, Sandra. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.20.

⁸⁸ BOLLE, op.cit., p.99.

justapondo personagens, imagens, discursos, eventos, performances "reais" ou "imaginárias" do espaço urbano⁸⁹.

2.4 São Francisco do Sul como objeto empírico

O município de São Francisco do Sul está localizado no litoral norte do Estado de Santa Catarina (fig. 14), na chamada Baía da Babitonga. Geograficamente compreende uma região insular e uma região continental. A cidade, que hoje possui aproximadamente 40.000 habitantes, originou-se como consequência da expansão portuguesa no litoral sul do Brasil.



Figura 14 – Estado de Santa Catarina. Localização da Ilha de São Francisco do Sul. Fonte: Autora, 2008.

O povoamento de Santa Catarina iniciou-se no século XVII, sob a influência dos focos de São Vicente, ao Norte, e estuário do Prata, ao Sul, quando pequenos grupos de colonizadores partiram de São Vicente descendo

⁸⁹ PESAVENTO, Sandra. História e História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.20.

a costa e ocupando pontos do litoral. Tratava-se da intenção dos portugueses de ocupar terras que também eram de interesse dos espanhóis.

As datas de criação das cidades do litoral catarinense - São Francisco do Sul (1658), Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis (1666) e Laguna (1767), último local apropriado para um porto ao Norte da Colônia de Sacramento, mostram que a ocupação deveu-se à importância de seus portos, que davam apoio aos navios portugueses que seguiam viagem até o comércio do rio da Prata. É o porto que faz a ligação de toda a história da cidade de São Francisco do Sul; sua conformação atual está intrinsecamente vinculada a essa determinação histórica⁹⁰.

Porém, antes da chegada dos portugueses, segundo Santos e Nacke⁹¹, a área era ocupada por índios Guarani. Fontes indicam que teriam sido os próprios Guaranis aqueles a socorrer a tripulação do L'Espoir e seu capitão, o francês Binot Paulmier de Gonneville, em 1504.

Em 24 de junho de 1503 partiu do Porto de Honfleur uma expedição financiada por comerciantes da Normandia (França) rumo à rota da Índia. Com uma tripulação de sessenta homens a Nau "Espoir" acabou desviando-se de sua rota original e sofrendo diversas dificuldades, desorientada no Oceano Atlântico. Após um mês perdido em alto mar, aporta em São Francisco do Sul, encontrando os índios carijós que, segundo relatos, foram bastante amistosos com os visitantes. A tripulação do navegador permaneceu seis meses em terras brasileiras, partindo para a França em 3 de julho de 1504, levando consigo

⁹¹ SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). *Muito além da viagem de Gonneville*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004A.

⁹⁰ CHUVA, Márcia; PESSOA, José. Centro Histórico de São Francisco do Sul. In: IPHAN. *Cadernos de Documentos 2. Estudos de Tombamento*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995. p.54

Içá-Mirim (um dos filhos do chefe Arosca), prometendo trazê-lo de volta após vinte luas, o que não veio a acontecer⁹².

Apesar de algumas passagens de navegadores pela região (Juan Dias de Solis, Aleixo Garcia, Alvarez Nunes Cabeza de Vaca) a intenção de "povoar" inicia-se somente em 1553, por ordem de Carlos V, com a chegada de Juan Senabria e filho em São Francisco, onde permanecem por cerca de dois anos⁹³. No entanto, as tentativas de ocupação espanhola fracassam.

Contudo, dos anteriores ensaios de colonização algo ficou para a posterior ocupação, como é possível concluir da concessão de uma sesmaria feita em 1642 a Antônio Fernandes para vir povoar a vila que se ia fundar em São Francisco do Sul, "onde já tinha capela de N.S. da Graça"⁹⁴.

Foi em 1658 que a cidade de São Francisco do Sul foi oficialmente fundada, com a denominação de Villa de Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco Xavier do Sul, a partir da vinda de vicentistas para região, como já mencionado anteriormente. Entretanto, os primeiros fundamentos da povoação não foram instalados no local onde hoje está situada a cidade. Só depois de conhecidos os inconvenientes que ofereciam os pontos em que tentaram localizar-se – um afluente do rio Parati, próximo ao morro denominado Paranaguá-mirim; depois à margem fronteira desse mesmo afluente, e mais tarde na ponta do Itacolomi, é que se transfeririam para o local em que se fixaram definitivamente⁹⁵.

Uma das primeiras descrições de São Francisco do Sul é de autoria de Saint Hilaire, que esteve em São Francisco do Sul por volta de 1820. O viajante

⁹² PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vinte Luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁹³ PEREIRA, Carlos da Costa. *História de São Francisco do Sul*. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. p.40

⁹⁴ Ibid., p.42.

⁹⁵ Ibid., p.42.

relata que "a maior parte dos habitantes do distrito se dedica à lavoura e é pouco remediada, residindo sítios, pequenas habitações ruraes dispersas na ilha e na terra firme."96

Em 1847 São Francisco elevou-se à cidade. A partir dessa época, a economia local modificou-se, passando a intensificar sua atividade portuária. Nesse período, de intensas correntes imigratórias, houve a tentativa de criação de uma colônia francesa em São Francisco do Sul. Motivado pelas idéias de Charles Fourier, um grupo de franceses tentou instalar nas proximidades da cidade o que ficou conhecido como "Falanstério do Saí". A iniciativa durou três anos (1841 a 1844) e com seu fracasso os imigrantes dispersaram-se por outras colônias⁹⁷.

A imigração foi uma maneira que o Poder Central encontrou para que a região catarinense, entre outras, não sofresse diretamente a crise do sistema escravista, propiciando com isso o início da ocupação do interior do estado em regime de pequena propriedade e mão-de-obra livre. Esse processo de interiorização, no século XIX, impulsionou a infra-estrutura portuária de São Francisco, que ganhou importância no escoamento da produção do interior. Em 1858 iniciou-se a abertura da estrada D. Francisca, que, partindo do porto, atingiu o planalto 15 anos depois e tornou-se a principal via de escoamento da produção de mate e madeira do Norte catarinense e Sul do Paraná⁹⁸.

Em 1905, é iniciada a estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, com o ramal São Francisco do Sul - Porto União, deslocando a vida do município para

-

⁹⁶ CHUVA, Márcia; PESSOA, José. Centro Histórico de São Francisco do Sul. In: IPHAN. *Cadernos de Documentos 2. Estudos de Tombamento*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995. p.54.

⁹⁷ SANTOS, Sílvio Coelho. *Nova História de Santa Catarina*. 5 ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, p.70.

⁹⁸ CHUVA; PESSOA, op. cit., p.59.

a Baía da Babitonga, junto ao centro histórico da cidade⁹⁹. Nesse período do início do século XX, com a economia em crescimento, o aspecto da cidade modificou-se através de obras de remodelação, o que ocorreu de igual forma em inúmeras cidades em todo o Brasil.

O Centro Histórico e Paisagístico de São Francisco do Sul foi inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, em 16 de outubro de 1987. Segundo Chuva & Pessoa¹⁰⁰, embora tenha sido a mais meridional das povoações portuguesas, a razão pela qual São Francisco foi tombada pelo Iphan não se deve ao fato da cidade ter participado de 'acontecimentos notáveis', mas por tratar-se de um documento da história urbana do País, dentro do contexto histórico de expansão das fronteiras meridionais.

Ao mesmo tempo em que se trata de um documento da história do País, São Francisco do Sul representa uma importante referência para a história de Santa Catarina. Conforme já mencionado, há registros de o navio francês L'Espoir, comandado por Binot Paulmier de Gonneville, ter sido o primeiro navio europeu a tocar Santa Catarina, atracando justamente na Ilha de São Francisco do Sul em 1504. Embora os relatos dessa viagem apenas descrevam o local, sem sabermos ao certo se se trata de São Francisco do Sul ou não, a idéia de ser a primeira cidade "descoberta" do estado preenche o imaginário coletivo dos moradores e historiadores locais, como Carlos da Costa Pereira e Sílvio Coelho dos Santos.

A conformação do primeiro núcleo urbano entre morros e mar, deu ao sítio uma ambiência excepcional. A centralidade do núcleo é reforçada pela

 ⁹⁹ CHUVA, Márcia; PESSOA, José. Centro Histórico de São Francisco do Sul. In: IPHAN. *Cadernos de Documentos 2. Estudos de Tombamento*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995. p.60.
 100 Ibid., p.53.

presença do Porto, que desde sempre representou a principal atividade econômica da cidade, relacionando todo seu desenho à orla marítima¹⁰¹.

Essa relação com a água é de fundamental importância para a cidade. Chuva e Pessoa destacam esse aspecto, afirmando que "a cidade passa uma idéia de via marítima, intrínseca aos habitantes, que perspassa a cultura local: seus prédios novos ou antigos, suas ruas; a certeza de, a cada passo avistar a baía, a cada esquina que se dobra ver o mar num vazio entre os dois prédios, ou numa rua que dentro dele termina"102. Fica claro que os elementos geográficos, transformados pelo homem, são também definidores do processo de ocupação da cidade. Esses elementos são mais do que cenário verde à construção urbana, eles fazem parte da apreensão cultural do território pelo colonizador e por aqueles que formaram sua história.

É nessa perspectiva que a paisagem de São Francisco do Sul se coloca como um objeto de estudo possuidor de uma teia de relações entre o homem e a natureza que deve e merece ser desmontada e reagrupada de forma a produzir sentido.

O estudo dos cartões-postais apoiou-se na produção historiográfica existente acerca de São Francisco do Sul. Além da consulta nas série de publicações editadas em 2004 por conta da comemoração dos 500 anos da "chegada" de Gonneville à Baía da Babitonga (Ana Brancher e Sílvia Arend sobre a história de Santa Catarina; Silvio Coelho dos Santos, Aneliese Nacke, Maria José Reis e Rosa Alice Mosimann sobre diversos aspectos da história e realidade atual de São Francisco do Sul; Carlos Pereira da Costa, reedição sobre a história da cidade), apoiou-se também à um grupo de pesquisas realizadas

BRASIL. Ministério da Cultura. Programa Monumenta. Sítios históricos e conjuntos urbanos de monumentos nacionais: sudeste e sul. Brasília: Ministérios da Cultura, Programa Monumenta, 2005. p.375.
 CHUVA, Márcia; PESSOA, José. Centro Histórico de São Francisco do Sul. In: IPHAN. Cadernos de

Documentos 2. Estudos de Tombamento. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995. p. 66.

predominantemente na primeira metade do século XX, de autoria eminentemente local. Merecem destaque os trabalhos dos francisquenses Arnaldo San Thiago, Carlos Pereira da Costa e Otávio Silveira. São raras as pesquisas sobre São Francisco do Sul que não citam pelo menos um destes autores. Também apoiou-se em dois estudos produzidos pelo Iphan, remontando o primeiro da época que efetuou-se o tombamento – 1987, elaborado por Márcia Chuva e José Pessoa, e o segundo elaborado por Letícia Bauer, em 2008, como parte dos estudos que embasarão a formulação do Plano de Preservação de São Francisco do Sul sob minha coordenação na 11ª Superintendência Regional. Esse último fez um amplo recorrido pelos jornais da época e revelou aspectos urbanos e da vida cotidiana da cidade.

2.5 O cartão-postal em São Francisco do Sul

Na busca por fontes para o desenvolvimento desta pesquisa, depareime com cartões-postais em diferentes fontes: arquivos, museus, duas coleções particulares e inclusive internet.

A primeira coleção particular acessada pertenceu a Sílvio Coelho dos Santos, que em 26 de novembro de 2004 doou seu acervo à Biblioteca Kelvin Duarte do Museu Nacional do Mar, localizada no Centro Histórico de São Francisco do Sul. Essa coleção foi primeiramente publicada em livro por ele organizado¹⁰³ o qual reuniu oito artigos de temáticas variadas sobre a cidade.

¹⁰³ SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). *Muito além da viagem de Gonneville*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

Tive acesso aos 17 cartões-postais originais doados à biblioteca e à cinco cartões-postais somente registrados na publicação, os quais pertencem ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, à Octávio Silveira (sob a guarda de seu neto Paulo Marcio Silveira Brunato), e à Alain Moreau. O capítulo *Cartões-Postais de São Francisco do Sul* traz uma apresentação inicial, a qual destaca a importância desses registros para a perpetuação da memória da cidade, e logo apresenta a sequência de imagens. Não há análise individual dos cartões, o que é, de certa forma, estimulada pelo autor:

O resgate de parte dessa documentação é a seguir apresentado objetivando socializá-la, além de estimular a sua ampliação e outras leituras possíveis. Sabemos que a população local, em sua maioria, dela não tem conhecimento.¹⁰⁴

A segunda coleção pesquisada, composta por 18 cartões-postais, pertence ao arquiteto Fabiano Teixeira dos Santos, colecionador de postais antigos de cidades do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Essas duas coleções complementam-se e algumas vezes sobrepõem-se, e foram fundamentais para a pesquisa por permitirem que eu tivesse acesso aos versos dos cartões-postais. No entanto, possuem uma característica que as difere. Enquanto a primeira apresenta apenas cartões-postais utilizados, ou seja, escritos e/ou postados, na segunda a maior parte do acervo é não circulado.

Além dos cartões das coleções pessoais, foram estudadas as imagens de três cartões-postais de São Francisco do Sul encontrados em páginas de internet disponíveis para venda, cinco reproduções de cartões-postais no arquivo da 11ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico

¹⁰⁴ SANTOS, Sílvio Coelho. Cartões-postais de São Francisco do Sul. In: SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). *Muito além da viagem de Gonneville.* Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, p.137–163.

e Artístico Nacional (Santa Catarina) e 13 reproduções de cartões-postais do arquivo do Museu Histórico de São Francisco do Sul. Em nenhum deles é apresentado o verso do postal, mas as imagens da parte frontal enriqueceram o estudo.

Foram encontrados cartões-postais utilizados desde 1904, até meados do século XX. Optou-se por estudar aqueles produzidos e/ou utilizados de 1900 a 1930 por três motivos:

- a) a bibliografia estudada¹⁰⁵ indicou as três primeiras décadas do século como período áureo do cartão-postal, principalmente até 1920, pois indicam que com a primeira grande guerra há um declínio em seu uso. Sendo assim, concluiu-se que São Francisco do Sul acompanhou essa novidade, e também seu apogeu e declínio, participando no circuito de intercâmbio e colecionismo de postais no mundo, o que ficou comprovado com o resultado da pesquisa;
- b) As três primeiras décadas do século XX foram de grandes mudanças na cidade:
- c) Os cartões-postais encontrados produzidos após 1930 passam a focar, em sua maioria, elementos arquitetônicos isolados, mais que paisagens, tornando-se fontes menos ricas para o foco deste estudo.

Após digitalizar o acervo encontrado, partiu-se para o agrupamento das imagens em diferentes séries, na tentativa de identificar conjuntos de cartões-postais editados por uma mesma editora em uma mesma época. Houve uma expectativa em descobrir diferentes imagens escolhidas pelo editor para representar São Francisco do Sul e sua paisagem, como se fossem a síntese da imagem da cidade.

-

¹⁰⁵ Principalmente VASQUEZ, 2002, e KOSSOY, 2002.

Fala-se na escolha de editor e não de fotógrafo, pois nenhum dos cartões-postais estudados traz o registro de autoria da fotografia. Isso demonstra que, no caso de São Francisco do Sul, as imagens veiculadas em postais eram associadas aos editores, diferentemente de outras cidades. No caso de centros como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belém, São Paulo, Porto Alegre e Ouro Preto, fotógrafos como Marc Ferrez e Guilherme Gaensly, que depois viriam a tornar-se pioneiros no ramo dos cartões-postais, costumavam vender *vistas urbanas*, o que se tornou o fenômeno precursor do cartão-postal paisagístico. Os fotógrafos de vistas urbanss haviam sido precedidos nesse campo por autores como Revert Henriquei Klumb, Augusto Stahl, Camillo Vedani, Georde Leuzinger e Militão Augusto de Azevedo. No caso de São Francisco do Sul, como ocorreu em outras cidades, os autores das imagens vendiam os direitos de reprodução das fotografias para os editores de modo a evitar custos com a impressão e distribuição do produto. Assim, uma única editora poderia publicar vistas de autoria de diversos fotógrafos.¹⁰⁶

Em Santa Catarina, as principais editoras foram Alberto Entres, Carl Schneider, Conrado Goelder, C. V. Zeska, Eduardo Schwartz, Eugen Currlin, Germano Boasken, Hugo Quidde, Livraria Central, Livraria Moderna, Roberto Zumblick e Tyopographia do Farol.¹⁰⁷

A paisagem de São Francisco do Sul foi impressa pelas editoras de Joinville Eduardo Schwartz (sete) e Hugo Quidde (10), pela francesa Edition de la Mission de Propagande (6), por Carl Schneider (três), Eugen Currlin de Blumenau (dois), e Vert. V. Albert Aust, de Hamburgo (três). Cabe ressaltar o papel desse último como precursor a reproduzir vistas de fotógrafos famosos em modelo cartão-postal. Isso ocorreu em Recife, Salvador, Paraná, Pará e Rio

106 VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil: 1893-1930*. São Paulo: Metalivros, 2002. p.54 - 59.

¹⁰⁷ Ibid., p. 58.

de Janeiro. 108, como já mencionado anteriormente. O interesse na paisagem de São Francisco, na década de 1910, permite-nos pensar que a cidade estava inserida no conjunto de imagens escolhidas para representar Santa Catarina para o restante do Brasil e para o mundo. É possível afirmar que a editora alemã foi uma das primeiras a imprimir cartões-postais de São Francisco do Sul. As postagens encontradas datam de 1906 e 1907, e o tipo de impressão, onde no verso não há divisões específicas para destinatário, e na frente há uma área em branco para o conteúdo da correspondência, está entre os primeiros modelos de cartões-postais produzidos no Brasil 109.

Outros 12 cartões-postais não apresentam editoras, o que pode ser atribuído, em parte, ao fato de que a partir de meados da década de 1910 surge o papel fotográfico industrializado no formato cartão-postal, trazendo no verso o local apropriado para endereçamento e colagem do selo, o que possibilitou a impressão de imagens de fotógrafos locais, sem a necessidade de possuir equipamentos gráficos.¹¹⁰

¹⁰⁸ BELCHIOR, Elysio apud VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil: 1893–1930*. São Paulo: Metalivros, 2002, p. 56.

¹⁰⁹ VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil: 1893-1930.* São Paulo: Metalivros, 2002.

¹¹⁰ Ibid., p.60.

Capítulo III

Paisagem em circulação: a leitura dos cartões-postais

Seguindo metodologia elucidada capítulo anterior. no desenvolvimento desta pesquisa deu-se a partir da análise do conjunto de cartões-postais produzidos entre 1900-1930, composto por 61 unidades, a partir de duas categorias: descritores icônicos (localização, abrangência espacial, estrutura, forma, função, elementos e unidades) e descritores sociais e de circulação. Essas análises buscaram identificar marcas no território que contribuíram para a definição do caráter da paisagem de São Francisco do Sul no início do século XX, e que, consequentemente, ajudaram a criar um imaginário e uma identidade paisagística para a cidade. Abaixo segue imagem panorâmica da São Francisco atual (fig. 15), com destaque para os pontos que mais serão mencionados nas próximas páginas, para que se possa ter uma compreensão espacial do local estudado.



Figura 15 - Principais pontos de localização do Centro Histórico de São Francisco do Sul. Fonte: Imagem do acervo da 11ªSR/Iphan, 2001. Editada pela autora.

3.1 Análise dos Descritores Icônicos

3.1.1 Localização da imagem e abrangência visual

Dá-se início à análise dos descritores icônicos por duas categorias fundamentais para a compreensão do universo composto pelos 61 cartões-postais estudados. A primeira categoria, localização da imagem, procura entender de forma ampla, quais são as zonas da cidade que motivaram o interesse pela captura da imagem. Foram basicamente três zonas, que foram denominadas como Zona Urbana, Zona Portuária e Zona Ferroviária. Apesar das três zonas se conectarem e fazerem parte do perímetro urbano, o foco no Porto e na Estação Ferroviária apresentam intenções específicas.

Conforme esperado, a Zona Urbana apareceu como destaque em 68,85% das imagens (42 cartões-postais) como mostra o gráfico abaixo. A Zona Portuária apareceu em 11,48% (sete imagens) e a Zona Ferroviária apareceu em 4,92% dos cartões (três imagens). Nove postais mostraram imagens nas quais aparecem tanto a Zona Urbana quanto a Zona Portuária, representando 14,75% do total.

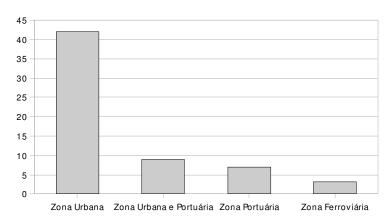


Figura 16 - Descritor icônico Localização da imagem. Fonte: Autora, 2008.

Foi noticiada, em jornal de 1905, a definição do perímetro urbano de São Francisco do Sul. Conforme a matéria, "foi considerado pela lei nº 51 de 30 de Outubro de 1903, numa extensão de dous kilometros, tendo como raio de circunferencia a porta principal da nossa igreja Matriz, o perímetro urbano de nossa cidade"¹¹¹. O Código de Posturas de 1926¹¹² mantém o perímetro, e, até onde foi possível verificar, permaneceu idêntico em 1938, quando a cidade já tinha 1060 edificações, 24 ruas e 3 praças, e contava com uma população de 25 mil habitantes, dos quais 6 mil viviam na cidade ¹¹³. O número de habitantes 17 anos antes, em 1921, era de 11.876 pessoas recenseadas, e número provável estimado em 12.826¹¹⁴. Apesar do aumento de habitantes, a ilha de São Francisco do Sul foi descrita em visita aérea do Ministro da Viação no final da década de 1920 como uma região praticamente desabitada: "Vêmse unicamente, arvores e mattas.De S. Francisco viam-se unicamente, as torres da igreja"¹¹⁵.

A formação da Zona Ferroviária foi impulsionada pela estrada de ferro São Paulo - Rio Grande, cuja construção foi iniciada em 1905. A chegada do trem, e as facilidades oferecidas pelo novo meio de transporte traziam sensações de modernidade e desenvolvimento urbano, o que dava novos ares à cidade¹¹⁶. A chegada da linha férrea provocou insinuações de que São

¹¹¹ A Pátria, São Francisco do Sul, 20 agosto 1905, p. 2.

¹¹² SUPERINTENDENCIA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL. *Lei n. 271, de 31 de Dezembro de 1926 estabelecendo o Código de Posturas do Municipio de São Francisco do Sul.* . São Francisco do Sul: [s.e.], 1926. Art. 300°, p. 44.

¹¹³ SAN THIAGO, Arnaldo. *Breve notícia histórico-descritiva do município*. São Francisco do Sul: [s.e.], 1938, p.11.

Para se ter um parâmetro de comparação, no mesmo ano, Florianópolis possuía 37.024 habitantes recenceados, Araranguá 35.783 e Joinville 38.168. *A Pátria,* São Francisco do Sul, 13 agosto 1921, p. 1.

¹¹⁵ A Razão, São Francisco do Sul, 15 janeiro 1927, p. 1.

¹¹⁶ BAUER, Leticia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880-1930). In: Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul. Florianópolis: 11aSR/Iphan/SC, 2008, p.33.

Francisco ainda não estava tão preparada para tamanho avanço. Uma nota no jornal dizia que a cidade era um "ente que depois de longa enfermidade entra em convalescencia, levantando–se preguiçosamente escolhendo com cautella o lugar onde deve pisar com receio de que as pernas lhe faltem o equilibrio"¹¹⁷, mas reconhecia que a novidade trazia sinais de avanço: "já se nota alguma mudança, diversas construcções de casas, outras em começo, entre ellas um novo trapiche e armazém da acreditada firma commercial dos senhores Carlos Hoepke & Cia"¹¹⁸. Com isso a cidade mostrou–se preocupada com seu embelezamento, mandando a municipalidade "melhorar as ruas, construindo um jardim na Praça da Matriz", assim como "um edificio proprio na mesma praça e bem assim da numeração dos prédios". ¹¹⁹

A ferrovia chegou para impulsionar a Zona Portuária, presente na cidade de São Francisco do Sul desde, pelo menos, o século XVII. No entanto, a partir de 1847, ano em que São Francisco elevou-se à cidade, a economia local passou a depender mais diretamente das atividades do porto. Os motivos para a manutenção da função portuária sempre estiveram relacionados às privilegiadas condições de atracação da Baía da Babitonga, cujos aspectos de profundidade, acesso e espaço para evolução favorecem o tráfego de embarcações de grande calado, conferindo-lhe, segundo Lins¹²⁰, o melhor porto natural do sul do Brasil. Sendo assim, as águas da baía serviram de entrada para viajantes, gerações de imigrantes, insumos e equipamentos, e também de escoamento para produtos como madeira e farinha de mandioca, que figuraram como destaque na trajetória econômica da região.

¹¹⁷ *A Pátria*, São Francisco do Sul, [s.d.] 1905, p. 1-2.

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 1–2.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 1-2.

¹²⁰ LINS, Hoyêdo Nunes. O porto e sua expressão econômica. In.: SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). *Muito além da viagem de Gonneville*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, p. 167.

Segue abaixo três cartões-postais da coleção Édition de la Mission de Propagande, mostrando respectivamente a Zona Urbana com a antiga Zona Portuária no canto esquerdo (fig. 17), Zona Portuária a partir do terreno onde se implantava o novo porto (fig.18), e Estação Ferroviária (fig.19).



Figura 17 - Cartão-postal 03B. Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos.

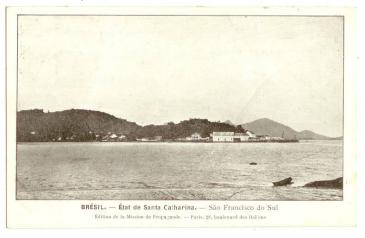


Figura 18 - Cartão-postal 03A. Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos.



Figura 19 - Cartão-postal 03F. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.

A segunda categoria de análise, abrangência espacial, classificou cada imagem em *vista panorâmica*, *vista parcial* ou *vista pontual*. Foram consideradas *vistas panorâmicas* todas aquelas tomadas com grande distanciamento, com o intuito de abranger o maior número de informações possíveis, e dar um panorama geral da cidade. As *vistas panorâmicas* são imagens com grande perspectiva e profundidade, e representaram a grande maioria dos cartões-postais: 55,74% (34 imagens).

As *vistas parciais* foram aquelas tomadas com algum distanciamento, que deram contexto a algum motivo específico. As vistas parciais, mais que abranger um todo, elas registraram cenas, ou parte de uma rua, ou de uma zona da cidade. Representaram 26,23% do total (16 imagens). Já as *vistas pontuais* foram aquelas cuja totalidade do cartão-postal tinha apenas um elemento de destaque, na maioria das vezes alguma edificação. A abrangência pontual foi encontrada em 18,03% (11 imagens).

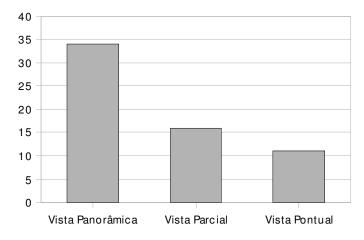


Figura 20 - Descritor icônico abrangência espacial. Fonte: Autora, 2008.

Os resultados mostram que o foco do conjunto voltou-se, expressivamente nas imagens paisagísticas. A partir da invenção do cartão-postal, o início do século foi momento de se mostrar para o mundo como cidade real, cidade existente. Uma imagem com vista pontual não possuía

tanta capacidade de referência direta à São Francisco do Sul (ou Porto Alegre, ou Rio de Janeiro...) como uma imagem de seu conjunto, peculiar na relação entre o natural e o construído na hierarquia de seus elementos.

As imagens com vista pontual, destacaram os galpões do porto, a Estação Ferroviária, o Mercado Público, o prédio da Alfândega e a Igreja Matriz. Esses elementos serão melhor trabalhados nas demais categorias de análise.

3.1.2 Estrutura

O sítio inicial de ocupação do Centro Histórico de São Francisco do Sul corresponde ao local onde hoje se situam a praça e a matriz, e dentre as características micro-espaciais que contribuíram para esta escolha Silva e Bugay¹²¹ destacam: a topografia, que permitia a instalação do porto de forma abrigada; o tipo de solo firme, capaz de suportar as edificações (ao contrário do resto da orla da Baía que se caracteriza por mangues); e a facilidade de obtenção de água potável através de fontes naturais - as cariocas - vista a dificuldade de se encontrar água potável de superfície na ilha.

São Francisco do Sul teve características de assentamento de origem portuguesa, semelhantes a inúmeras cidades brasileiras, onde a igreja e a praça são importantes elementos geradores do espaço urbano. Por ser uma cidade litorânea, por desenvolver-se com grande dependência do mar e por possuir limites físicos bem definidos, seu traçado viário primitivo acabou por se comprimir entre os morros e as águas da Baía, proporcionando um tipo de implantação inicialmente linear, como observa-se nas imagens a seguir.

121 SILVA, Andréa de Souza Marques da; BUGAY, Eliane Regina. *Revitalização do Sítio Histórico de São Francisco do Sul.* Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1985, p.15.



Figura 21 - Cartão-postal 01A, fotografia a partir de base verde (Morro da Caixa d'Água).

Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos.



Figura 22 - Cartão-postal 10C, fotografia a partir de base verde (Morro do Hospício). Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.

Conforme explicado no capítulo anterior, optou-se por relacionar o componente *estrutura* da paisagem com a base na qual ela se apóia nas imagens dos cartões-postais. A formação urbana linear e comprimida de São Francisco do Sul possibilitou imagens com base no Morro do Hospício e no Morro da Caixa d'Água (*base verde*); a partir das ruas da cidade, ou seja, do construído (*base terra*); e com base na Baía da Babitonga (*base água*). Cada

base traz uma especificidade na composição da imagem e consequentemente na construção do imaginário paisagístico da cidade (figuras 21 e 22).

A *base água* esteve presente em 16,39% do material (10 cartões). A *base verde*, apareceu em 39,34% dos casos (24 imagens). A *base terra* apareceu em 44,26% das imagens (27 cartões), representando a maioria das imagens.

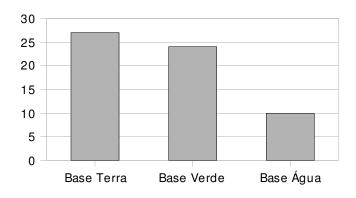


Figura 23 - Descritor icônico Estrutura. Fonte: Autora, 2008.

Que paisagem se quer mostrar a partir de cada base, afinal? Os cartõespostais fotografados a partir dos morros mostram forte perspectiva, e incluem na cena todos os elementos físicos determinantes da formação urbana: o mar, a topografia acidentada dos morros, e a planície de ocupação. Esses postais mostram *proteção, implantação estratégica, beleza cênica e ocupação urbana.* A *proteção* fica evidente pelos próprios morros que cercam o núcleo - Morro do Hospício e Morro da Caixa d'Água. É como se a cidade estivesse escondida e fosse descortinada ao ser visualizada a partir de um dos morros. Aqui entra a *beleza cênica*, ou seja, a surpresa, a contemplação. Essa visual a partir dos morros propicia um olhar ao horizonte, um "olhar ao longe", o que, por sua vez, está relacionado com a intenção de mostrar a cidade como um local estratégico, de fácil navegação, dada a presença marcante de embarcações nos postais. Essa visão panorâmica permite também registrar o estágio de *ocupação urbana* da cidade. Vários cartões-postais mostram a mesma

perspectiva a partir dos morros em anos diferentes, o que permite um entendimento da evolução urbana.

A imagem formada tendo como base de sua estrutura a água traz consigo algumas leituras de composição urbana, como os *limites horizontais* e as *hierarquias verticais*, além de evidenciar a *moldura* da paisagem (fig. 24). Entende-se que os *limites horizontais* da imagem não coincidem com os limites da cidade, mas sim com sua porção mais representativa para o olhar de fora, aquela que se queria mostrar. Fora da cena fotografada estariam os arrabaldes, e outros elementos que não eram de interesse divulgar, considerando que os cartões com vistas a partir do mar foram, em sua maioria, produzidos em seqüência de dois, sendo de escolha do fotógrafo ou editor do cartão-postal não produzir a terceira imagem.

A hierarquia vertical é composta por elementos construídos e naturais. Em um primeiro plano, em contato direto com a água, temos um conjunto homogêneo de construções térreas ou de dois pavimentos que fazem frente àquele que chega por mar, desempenhado um papel de palco para os elementos mais ao fundo. A igreja e as ruínas do Morro do Hospício expõemse como marcos construídos na paisagem, embora estejam em segundo plano, devido à sua implantação em cotas elevadas. Os elementos naturais, formados principalmente pela cadeia de morros, mostram-se em destaque e são definidores na paisagem, na medida em que se apresentam como *moldura* para o ambiente construído.



Figura 24 - Montagem dos cartões 09B e 09C, fotografia a partir da Baía da Babitonga. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.

Os cartões-postais cuja base é o próprio solo, mostram uma paisagem cotidiana, acessível, trazendo mais informações sobre a vivência da cidade que de composição paisagística, embora mostre o conjunto urbano. Essas imagens apresentam o *morador*, a *arquitetura* e o *uso dos espaços*, como pode ser visto na figura 25. Os *moradores* aparecem desempenhando suas mais diferentes funções, como o lazer, o trabalho e a convivência. Com exceção de alguns cartões produzidos em dia de festa, de modo geral, a presença de pessoas nas imagens é reduzida, e mostram uma São Francisco calma. Sabe-se, no entanto, que a calmaria das ruas fotografadas não encontrava correspondente na zona portuária, sempre em intenso trabalho e movimentação, e pouco registrada em cartões-postais em ângulo aproximado. Pode-se considerar a intenção de se mostrar assepsia e organização.

Já a *arquitetura* é exibida de perto, mostrando-se variada e acompanhando as mudanças de estilos vigentes na época (mais sobre a arquitetura será desenvolvido no próximo item). E através das edificações e dos espaços abertos, podemos ter idéia dos *usos* considerados mais importantes na exposição de São Francisco do Sul. Destaca-se o Mercado Público, local de intensa troca comercial e fundamental para o abastecimento e vida econômica da cidade; o Clube XXIV de Janeiro, ícone para a vida social das famílias mais abastadas; e a Igreja Nossa Senhora da Graça, espaço principal

da vida religiosa dos francisquenses. As três edificações fazem parte dos dois espaços mais fotografados considerando a *base terra*: a Rua da Babitonga e a Praça da Matriz.

A *base terra* representou a maioria dos cartões-postais, provavelmente por ser de mais fácil acesso aos fotógrafos. Geralmente estão vinculadas à classificação *vista parcial* da categoria anterior.



Figura 25 - Cartão-postal 08F, fotografia da Rua da Babitonga. Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos.

Apesar do transporte marítimo ser intensamente utilizado à época, a acessibilidade que havia aos morros fez com que as imagens registradas desde o alto fossem mais numerosas que aquelas a partir da água, revelando paisagens panorâmicas relevantes. Sendo assim, discorda-se da idéia de que a "fachada" da orla seja considerada com mais destaque em relação a outras visuais, como é defendido por Vanessa Maria Pereira¹²²:

(...) a orla é o local da platéia, de onde este belo espetáculo deve ser observado, os morros funcionam como fundo deste cenário, atrás dos quais, o que acontece – leia-se aqui, o que se constrói ou o que se modifica – não compromete a cena.

¹²² PEREIRA, Vanessa Maria. *São Francisco do Sul: o patrimônio que se estabelece e a paisagem que se constrói.* Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade). Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, p.43.

(...) fica claro que a relevância é o conjunto urbano, ou seja, a condição de paisagem vista a partir de um determinado ponto, constituindo sua fachada frontal. Já as características particulares das arquiteturas que o constituem, bem como os trechos urbanos observados de outros ângulos parecem não se mostrar tão interessantes do ponto de vista da preservação.

A preservação da paisagem do Centro Histórico de São Francisco do Sul deve ir além da manutenção da composição paisagística formada pela orla. Adverte-se para a necessidade de preservação de lugares de memória que estão diretamente ligados à outras visuais, como é o caso do morro no alto do qual destacavam-se as ruínas do Hospício.

Segundo Carlos da Costa Pereira, em 1681 Isabel da Cunha, viúva de um dos povoadores da vila, teve a iniciativa de edificar naquele local uma capela à São José "distante da matriz cinqüenta braças" 123. Em 1752 passou a ser utilizada pela Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, a qual se propunha a reparar e conservar essa capela e ali fazer os seus exercícios espirituais e a sua festa anual. Muito tempo depois, demoliram a igrejinha e deram início, no mesmo local, à construção de um templo de maiores dimensões, tendo sido levantadas apenas algumas paredes. Em uma de suas dependências, alojaram-se os missionários franciscanos e por lá habitaram alguns anos, vindo daí o nome de Hospício. 124 Depois de um longo abandono, em 1859 a Ordem Terceira voltou a interessar-se pelo local. Contudo, apesar de completada sua parede frontal, a edificação encontrava-se comprometida pelo longo tempo que ficou exposta acabando por se partirem algumas paredes. Dada as constantes dificuldades financeiras da Ordem, a obra nunca foi concluída 125. Sendo assim, o local manteve seu aspecto de ruína por muito

123 PEREIRA, Carlos da Costa. *História de São Francisco do Sul.* 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, p.131.

124 SILVEIRA, Otávio. O Morro do Hospício. Documento datilografado. [s.d.].

¹²⁵ PEREIRA, op.cit., p.131-132.

tempo. Pereira expõe sua indignação sobre a decisão de, na década de 1920, gestão de Eugênio Muler, demolir a construção inacabada¹²⁶:

Por toda a parte encontram-se provas de menosprezo que damos a tudo o que vem do passado, destruindo-se e deformando-se antigas construções e velhos monumentos. (...) É de ontem o arrasamento das velhas paredes da igreja de S. José que se pretendeu construir no morro do Hospício. Sob pretexto de que davam à cidade uma impressão de decadência. (...) Muitas gerações, na sua infância, brincaram à sombra das ruínas ora desaparecidas, da igreja de S. José, que jamais pôde ser concluída; e, com o decorrer do tempo, essas ruínas foram se envolvendo em lendas, nas quais figuravam aparições de frades, tesouros enterrados e subterrâneos misteriosos...

A importância que o Morro do Hospício desempenhava como espaço de lazer dos francisquenses fica evidente ao haver sido registrada a preocupação do município em mantê-lo limpo e incentivando as atividades que nele se realizavam, como pode ser encontrado em inúmeras notas dos jornais locais. Em 1907, publica-se que o Morro do Hospício estava sendo roçado "para ponto de distração", o que o autor, em notado apoio político, classificou como uma "boa idèa e louvamos os que a promoveram, pois era grande a necessidade"¹²⁷.

O Morro era freqüentado pela alta sociedade francisquense. Em nota ainda de 1907, era anunciada a execução de peças do repertório da Sociedade Musical 13 de Maio no morro e "lá, pois, esperamos o que há de chic em nossa terra". ¹²⁸ Havia também a presença daqueles que pelo porto chegavam e estavam de passagem pela cidade. Em 1912, noticiava-se o quão freqüentado era local: "o cume do Morro do Hospicio, depois que a Commissão de Embellezamento mandou preparar o caminho, tem sido muito freqüentado

-

¹²⁶ PEREIRA, Carlos da Costa. História de São Francisco do Sul. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004,. p.130.

¹²⁷ *A Pátria,* São Francisco do Sul, 14 abril 1907, p. 3.

¹²⁸ A Pátria, São Francisco do Sul, 5 maio 1907, p. 3.

pelos forasteiros"129. Essa utilização do morro não se dava apenas pelas atividades que ali eram promovidas, um de seus principais atrativos era, sim, a contemplação da paisagem:

Apezar do máo tempo que houve domingo passado, foi bem concorrida a primeira retreta que houve no morro do Hospicio, onde a 13 de Maio executou bonitas e apreciadas peças e onde por algumas horas teve o nosso publico de admirar as bellezas da nossa bahia.

Já nacionaes e extrangeiros, ao chegarem os vapores para lá se dirigem afim de contemplarem o que de mais bello há na natureza = a bahia Babitonga.¹³⁰

A partir dele tinha-se visão da zona portuária, da zona ferroviária, da zona urbana - incluindo a igreja e o mercado - e do mar, ou seja, foi um ponto estratégico para o entendimento e leitura visual da cidade durante muitos anos. Sendo assim, o Morro do Hospício pode ser considerado duplamente importante na composição da paisagem de São Francisco do Sul do início do século XX: ele não só aparece em destaque nos postais cuja base foi o mar, por sua grandiosidade, mas a partir dele muitas outras imagens foram registradas em fotografias e no imaginário local.

3.1.3 Forma

As feições do núcleo urbano de São Francisco do Sul começaram a tomar forma no início do século XVIII, a partir da chegada de Rafael Pires Pardinho, Ouvidor e Corregedor Geral da Capitania de São Paulo, que no mesmo período passou por Laguna e pela Ilha de Santa Catarina (Florianópolis). Pardinho introduziu modificações administrativas e judiciárias importantes, impulsionando a construção de edifícios públicos, como a

O Município, São Francisco do Sul, 29 novembro 1912, p.3.

¹³⁰ A Pátria, São Francisco do Sul, 5 maio 1907, p. 3.

construção da Casa de Câmara e Cadeia¹³¹. A partir de 1723 a vila de São Francisco passou para a jurisdição da Ouvidoria de Paranaguá, sendo assim até 1823.

Entre as mudanças introduzidas por Rafael Pardinho, que refletiram na forma do núcleo, podem ser destacadas duas determinações: que não se construíssem casas com quintais que chegassem até a praia a fim de permitir uma posterior ocupação por uma rua (que viria a ser a Rua Babitonga); e que depois de povoar a vila, se ocupasse a área entre a Igreja e o Morro São José (Morro da Caixa d'Água)¹³².

A forma da cidade é observada em 1820 por Saint-Hilaire. Naquele então, São Francisco contava com 80 casas térreas, sendo a maioria delas coberta de telhas, quase todas de alvenaria de pedra e bem conservadas. "Poucos os sobrados; as ruas são retas e largas e as que descem do largo da Matriz para a praia são calçadas" 133. Saint-Hilaire ainda registra que instalouse em casa que "apesar de pequena, ella era cômoda e bem situada, fazendo frente para o mar" 134, o que comprova que a ocupação da orla, no início do século XIX, já havia sido iniciada.

Nessa época, ocorreram parte das alterações que mudariam substancialmente o aspecto e a estrutura urbana da cidade. Entre os anos de 1858 e 1869 uma série de posturas sobre o modo de construir foi fixada. Determinou-se para o pé-direito das edificações 18 palmos, 12 palmos para a altura das portas da frente e 5^{1/2} para sua largura, estabelecendo-se, também, a correspondência entre portas e janelas dos sobrados. Além disso, passou-se

-

¹³¹ PEREIRA, Carlos da Costa. História de São Francisco do Sul. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. p.75.

¹³² SILVA, A.; BUGAY, E. *Revitalização do Sítio Histórico de São Francisco do Sul.* Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1985, p.17.

¹³³ SOUZA, Alcídio Mafra de. *Guia dos bens tombados Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992, p.130.

¹³⁴ SILVA; BUGAY, op. cit., p.17.

a exigir uma licença da câmara para todas as novas construções e tornaram-se passíveis de demolição as casas consideradas em estado deteriorado¹³⁵.

No entanto, as feições observadas por Saint-Hilaire, sofreram significativas mudanças no período de 1900 a 1930, o que ficou gravado no conjunto dos cartões-postais estudados. Em 1916 a Casa de Câmara e Cadeia foi demolida¹³⁶, em 1900 o Mercado Público foi construído, em 1926 a Igreja Matriz sofreu grande reforma, em 1903 foram construídos os armazéns Hoepcke na área portuária, em 1905 as novas instalações do Clube XXIV de Janeiro foram inauguradas¹³⁷, e o entorno da igreja passa a compartilhar importância com a orla. Essas mudanças, entre outras, fixaram-se na paisagem de São Francisco do Sul até os dias atuais, perpetuando muitas características da paisagem do início do século XX.

O aquecimento da economia local, ocasionado pelo desenvolvimento do porto, e a facilidade de acesso a produtos estrangeiros, criaram na cidade uma tendência à incorporação dos moldes culturais europeus então vigentes. Isso fica visível na alteração estilística (a arquitetura luso-brasileira é substituída pela arquitetura eclética) e na volumetria das edificações (de casas térreas, passam a ter dois pavimentos). No entanto, apesar da introdução de elementos e ornamentos "modernos", essa alteração na plástica arquitetônica dá-se sem alteração da estrutura colonial dos estreitos lotes, e implantação sem recuos laterais, com poucas exceções.

A forma adquirida pelo núcleo urbano no início do século XX, interpretada a partir da relação entre o construído e o não-construído, foi

¹³⁵ SILVA, A.; BUGAY, E. *Revitalização do Sítio Histórico de São Francisco do Sul.* Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1985, p.18.

¹³⁶ SOUZA, Alcídio Mafra de. *Guia dos bens tombados Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992, p.130.

¹³⁷ Instituto Binot Paulmier de Gonneville. *São Francisco do Sul 500 anos - Construções Históricas*. São Francisco do Sul: S&A Editora, 2004.

resultado das determinações do Código de Posturas de 1887 e mais tarde do Código de Posturas de 1926. O primeiro código mostrou preocupações formais muito relacionadas a questões sanitaristas, enquanto o segundo já partiu para idéias de embelezamento.

A pesquisa acerca dos códigos de posturas desenvolvida pela historiadora Letícia Bauer, destaca, entre as determinações introduzidas pelo Código de Posturas de 1887, a necessidade de caiar anualmente açougues, vendas e armazéns de mantimentos; a previsão de multas para quem tapasse, mudasse ou estreitasse ruas, estradas, fontes ou rios; e a exigência de alinhamentos e nivelamentos para qualquer construção ou reconstrução¹³⁸. Também se determinou as dimensões mínimas das edificações a construir:

Todo o prédio que se edificar ou reedificar na frente das ruas e praças etc, da cidade ou suas proximidades e nas povoações terá pelo menos quatro metros de pé direito, medidas de baldrame no frechal, as portas terão dois metros e oito decímetros de altura, um metro e um decímetro de largura, devendo as janellas ter a mesma largura. Nos sobrados seguirse-ão as mesmas normas.¹³⁹

Apesar da padronização definida, abria-se exceção para os edifícios públicos, igrejas, capelas e palacetes, cuja arquitetura fosse "de bom gosto e solidez" 140. No que tange às dimensões, apesar das determinações de 1887 seguirem as do código anterior (as medidas em palmos se equivale às medidas em metros), foram acrescentadas proibições, como a construção de casas com telhado meia-água no alinhamento das ruas e praças, bem como de casas com

¹³⁸ BAUER, Leticia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880–1930). In: *Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul*. Florianópolis: 11^aSR/lphan/SC, 2008. p.16–17.

¹³⁹ Resolução aprova 115 artigos do Código de Posturas, propostos pela Câmara Municipal de São Francisco.
28 nov 1887. ASSEMBLEÍA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. São Francisco do Sul - Manuscritos Avulsos (1835 - 2000). Florianópolis: Centro de Memória/ Arquivo Permanente, 2004. Art. 61°, p. 97-98.

¹⁴⁰ Ibid., p. 98.

cobertura de sapé, portas, janelas ou gelosias, alpendres e escadas fora do alinhamento. As dimensões das calçadas também foram definidas em 1,65m de passeio no nivelamento definido pela Câmara. Por fim, a normatização estética, determinava que cercas vivas deveriam ter altura uniforme de 1,50m e serem aparadas nos meses de fevereiro e setembro¹⁴¹.

O Código de Posturas de 1926, elaborado por Carlos Pereira da Costa e publicado durante a gestão de Manoel Deodoro de Carvalho, mantinha na íntegra várias das determinações do Código de Posturas de 1887, ao mesmo tempo em que buscava atender as novas exigências da cidade. Porém, é possível perceber, que o segundo não começa pelas normatizações ligadas à saúde e contágios, mas sim pelo espaço urbano¹⁴². Evidencia-se a transição de preocupações higienistas para questões estéticas.

Entre as determinações e previsões de multa, notam-se algumas preocupações que foram determinantes para a forma urbana, dispostas com objetivo de "zelar pela segurança das obras e edificações, e embellezamento da cidade"¹⁴³: dimensionamento padrão de ruas, travessas, estradas e pontes, bem como de calçamento; alinhamento e nivelamento de lotes e fachadas para novos prédios e reforma em prédios existentes; determinação de construção de muros em lotes vazios, determinação dos materiais a serem utilizados nas alvenarias, janelas, sacadas, coberturas, calçadas; tratamento de áreas de esquina e de empenas; determinação de dimensões mínimas de alicerces, paredes, pé-direito e janelas (fig. 26).

¹⁴¹ BAUER, Leticia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880–1930). In: *Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul.* Florianópolis: 11^aSR/Iphan/SC, 2008. p.18.

¹⁴² Ibid., p.23.

SUPERINTENDENCIA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL. *Lei n. 271, de 31 de Dezembro de 1926 estabelecendo o Código de Posturas do Municipio de São Francisco do Sul.* São Francisco do Sul: [s.e.], 1926. Art. 22°.

Tipologia	Alicerces	Paredes	Paredes	Paredes	Pé-direito
		externas	externas 1°	externas 2°	mínimo
		térreo	andar	andar	
Casas térreas	0,60m	0,30-0,40m	_	_	4,00m
Sobrados	0,70m	0,40m	0,30m	_	3,80m
Sobrados de	0,80m	0,60m	0,40m	0,30m	3,60m
dois andares					

Figura 26 - Dimensões das edificações determinadas no Código de Posturas de 1926. Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir do Código de Posturas de 126.

A plástica apresentada pelas edificações, além de representarem o gosto da época, eram resultado direto da aplicação da legislação. Em seu artigo 40, o código determina que "os prédios que forem edificados ou reedificados e os que soffrerem modificações na cobertura, dentro do perímetro urbano, deverão ter cornija e platibandas nas fachadas, não sendo permittida a renovação dos beirados de telhados que derem para a rua"¹⁴⁴ (fig.27).

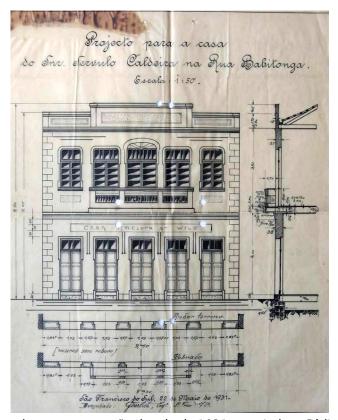


Figura 27 - Projeto de nova construção datado de 1931, seguindo o Código de Posturas de 1926. Acervo Museu Histórico de São Francisco do Sul.

¹⁴⁴ SUPERINTENDENCIA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL. *Lei n. 271, de 31 de Dezembro de 1926 estabelecendo o Código de Posturas do Municipio de São Francisco do Sul.* São Francisco do Sul: [s.e.], 1926, Art. 52°.

Para encerrar a primeira parte denominada "dos arruamentos e das edificações", o código deixa claro que a feição da cidade deveria observar princípios estéticos, julgados pela própria superintendência:

Superintendência Municipal não poderá opporse á fórma ou architectura dos prédios que se construírem dentro do perímetro urbano, desde que tenham sido observadas as disposições deste Código, salvo quando o conjunto não offerecer dispositivo harmonico e satisfatorio com relação á esthetica.¹⁴⁵



Figuras 28 e 29 - Diferentes estilos arquitetônicos, resultado do gosto e das determinações dos códigos. Cartões-postais 02G. e 06A. Fonte: Museu Histórico de São Francisco do Sul.

¹⁴⁵ SUPERINTENDENCIA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL. *Lei n. 271, de 31 de Dezembro de 1926 estabelecendo o Código de Posturas do Municipio de São Francisco do Sul*. São Francisco do Sul: [s.e.], 1926,

Art. 52°.

Partindo para a análise direta das imagens dos cartões-postais, a forma da paisagem de São Francisco do Sul (fig.30) apresentou-se, na maioria vezes, em equilíbrio entre o construído e o não-construído (29 cartões, 47,54%), ficando à frente das imagens em que a paisagem é predominantemente construída (18 cartões, 29,51%) e daquelas em que a paisagem é predominantemente não-construída (14 cartões, 22,95%).

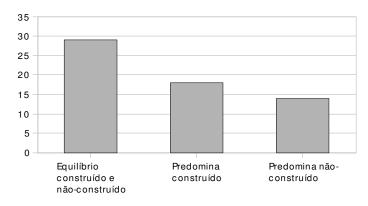


Figura 30 - Descritor icônico Forma. Fonte: Autora, 2008.

Sendo assim, apesar da forma arquitetônica prever-se de forma detalhada pela legislação local, a cidade tentou mostrar-se de forma *integrada* ao seu meio natural. Essa intenção pode ter ocorrido por dois motivos. O primeiro pelo fato de que o conjunto arquitetônico de São Francisco do Sul era mais significativo do que seus elementos arquitetônicos isolados. No período estudado, ainda havia muitas edificações com características coloniais, o que era motivo de vergonha à muitos moradores que desejavam uma São Francisco "moderna". No início da década de 1920, uma artigo no jornal *A Razão* sobre o embelezamento da cidade, falava da intenção de substituir a "feição archaica" dos edifícios solidamente construídos, "tirando-lhes os beiraes tristes e substituindo-os por platibandas graciosas e alegres". Ainda diziam: "precisamos tirar da cidade essa feição de uma cidade adormecida, cujos beiraes se parecem com pálpebras cerradas; as platibandas dão-lhes uma feição risonha, alteiam os edifícios, modernizam-os, tornando-os altivos,

encantadores e interessantes" 146. Já a Baia da Babitonga e seu conjunto natural era sempre fruto de imenso orgulho, sendo esse o segundo motivo pelo qual, na maioria das vezes, se mostrava a cidade entre o verde e o mar: "deste vasto e riquissimo paiz, não ha cousa mais bella e encantadora do que a nossa Bahia" 147. A vontade de que a cidade se desenvolvesse de forma a atingir o mesmo nível de orgulho causado por suas características naturais, evidenciase nesta reportagem da Revista Ilustrada de 1919:

S. Francisco – essa formosa nesga de terra do torrão Catharinense, poetica, na deliciosa suavidade de suas mattas exhuberantes, dum verde delicioso á esmeralda; sublime, na magnificencia natural, na dulçura combinação dum céo azul divino e um mar azul e crystallino, destaca-se sobremaneira entre os municipios do Estado que caminham resolutamente na unificação grandiosa do labor comum sonhando com o futuro promissor; ardendo na febre desvairada duma ambição: a do progresso...

Tivémos opportunidade de, não ha muito tempo, admirar bem de perto, sentir o contato daquella gente progressista que, honra lhe seja feira, trabalha cada qual em suas múltiplas occupações, em pról do desenvolvimento da soberba terra Babitonga – terra futurosa e bella!¹⁴⁸

¹⁴⁶ BAUER, Leticia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880–1930). In: *Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul*. Florianópolis: 11^aSR/Iphan/SC, 2008. p.48.

¹⁴⁷ A Pátria, São Francisco do Sul, 14 abril 1907, p.2.

¹⁴⁸ Revista Illustrada, Florianópolis, Anno I N° 4, 1919.





Figuras 31 e 32 - Cartões-postais 01C e 06F, apresentando o equilíbrio entre o construído e o não-construído. Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos e Museu Histórico SFS.

3.1.4 Elementos e Funções

A análise das *funções* encontradas na paisagem de São Francisco do Sul representou a tentativa de uma aproximação aos *elementos* importantes para a costura da vivência da cidade. As funções foram classificadas em *morar, contemplar, trabalhar, circular, rezar, comprar, navegar, conviver e ter lazer.* Cada imagem poderia apresentar mais de uma função. Por exemplo, quando o Mercado Público e algum transporte marítimo apareceram no mesmo cartãopostal, entendeu-se que esses elementos representavam as funções de *comprar* e *circular*.

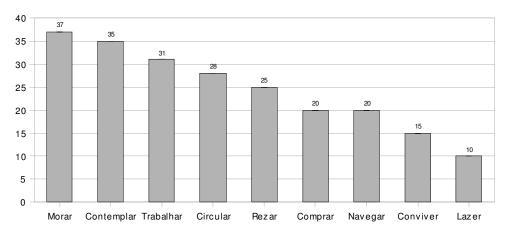


Figura 33 - Descritor icônico Funções. Fonte: Autora, 2008.

A função *morar* apareceu em 60,66% dos cartões-postais. Representada a partir do conjunto arquitetônico, tem seu lugar na maioria das imagens paisagísticas da cidade. É basicamente através das edificações que é possível entender a densificação do núcleo urbano e a transformação do aspecto da cidade. O início do século XX representou mudanças nos padrões estilísticos e os proprietários buscavam acompanhar essa tendência, como já foi anteriormente mencionado.

Em 1920, um morador não identificado conseguiu que publicassem no jornal uma carta que sugeria a remodelação nos moldes da arquitetura moderna e a demolição "[...] daquelle renque de casas acachapadas, de janellas quadradas e pequenas, e de telhado pesado e enegrecido, que olham para a igreja e enfeiam a praça". Estas casas acachapadas localizavam-se onde se situa a atual Prefeitura Municipal.¹⁴⁹

O mesmo autor sugeriu a remodelação da Igreja Matriz, o que acabou ocorrendo. Entre as observações, constavam duras críticas ao seu aspecto, cuja fachada era qualificada de pesada, feia e forte, "[...] um attestado daquella falta de gosto que se nota em quasi todas as construcções portuguezas dos tempos

-

¹⁴⁹ BAUER, Leticia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880–1930). In: *Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul.* Florianópolis: 11^aSR/lphan/SC, 2008, p.49.

coloniais". A função *rezar* aparece em praticamente todos os postais cujo enfoque foi a zona urbana. A posição de destaque da igreja na hierarquia da composição da paisagem, fez com que fosse importante alvo na modernização das fachadas locais: o maior símbolo de coesão social deveria também ser atualizado. Em 1920 consta que uma nova fachada havia sido desenhada, contando com duas torres e acréscimo de algumas janelas, como de fato aconteceu¹⁵⁰. No dia 19 de março de 1921 foi lançada a pedra fundamental da nova torre da Igreja Matriz, cuja obra iniciou em 1922 e foi concluída somente em 1957. Em 1926, a Superintendência entrou em acerto para modificar o calçamento ao redor da igreja, substituindo as "pedras irregulares" por quadros de granito com juntas de cimento¹⁵¹.

A função *contemplar*, além das situações já mencionadas de lazer no Morro do Hospício, poderia ocorrer também nos dias de festa (fig. 34), quando a Baía da Babitonga ficava repleta de embarcações, como por exemplo na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Segundo Bauer¹⁵², em 1921, a comissão da festa solicitava que as famílias ornamentassem as fachadas de suas residências e acompanhassem a procissão pelas ruas ornamentadas com uma "[...] quantidade enorme de lanternas japonesas e fócos poderosos de luz electrica"¹⁵³. Segundo o jornal, cerca de 2 mil pessoas haviam se hospedado na cidade e "[...] a concurrencia, nas ruas, nos cafés e em toda parte da cidade alteraram completamente a vida em geral socegada de S. Francisco"¹⁵⁴. A pesquisa nos jornais revelou que a Festa de Navegantes de 1926 teve show pirotécnico, com direito a queima de fogos de artifício, foguetes de lágrimas,

¹⁵⁰ BAUER, Leticia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880–1930). In: *Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul.* Florianópolis: 11^aSR/lphan/SC, 2008. p.50.

¹⁵¹ A Razão, São Francisco do Sul, 27 março 1926, p. 1.

¹⁵² BAUER, op. cit., p.63.

¹⁵³ *A Pátria*, São Francisco do Sul, 30 julho 1921, p. 2-3.

¹⁵⁴ A Pátria, São Francisco do Sul, 30 julho 1921, p. 2-3.

cascatas luminosas, morteiros, girândolas e painel dedicado a Nossa Senhora, num trabalho realizado pela Fábrica dos Irmãos Paiva, de Paranaguá, especialmente contratada para o evento¹⁵⁵.



Figura 34 - Cartão-postal 06E, São Francisco em dia de festa. Fonte: Museu Histórico de São Francisco do Sul.

A Festa de Nossa Senhora da Glória, realizada na então Freguesia da Glória, contava com muitas famílias francisquenses que iam assistir aos festejos transportadas por embarcações¹⁵⁶. Em 1918 até o vapor Babitonga partiu de São Francisco do Sul rumo à Glória para participar das festividades¹⁵⁷, acrescentando às atividades de festejo a função contemplativa da paisagem. Essas festas organizavam-se em torno da Matriz e do Mercado Público, onde a função *comprar/trabalhar* estendia-se para a função de *lazer*. Com utilização diretamente ligada à distribuição da pesca desde sua construção em 1900, o Mercado foi também objeto de normatização. O código de posturas de 1926 determinava que "todo o producto de pescarias, em aguas maritimas ou pluviaes do municipio, não pode ser conduzido a outro local ou exportado,

¹⁵⁵ A Razão, São Francisco do Sul, 31 julho 1926, p. 2.

¹⁵⁶ *A Pátria*, São Francisco do Sul, 20 agosto 1905, p. 2.

¹⁵⁷ A Pátria, São Francisco do Sul, 4 setembro 1918, p. 3.

sem passar pela banca do peixe, annexa ao mercado, na cidade [...]"158. Outros códigos também faziam referência à suas atividades. Segundo os Artigos 247° e 248°, a praça do mercado era destinada à compra e venda dos gêneros alimentícios, que eram expostos à venda para o consumo público pelos produtores ou encarregados, depois de paga a respectiva taxa. Os compartimentos eram alugados conforme o preço definido pela lei orçamentária da cidade, havendo um administrador na praça do Mercado encarregado de fazer cumprir todas as definições previstas no Código para esta área¹⁵⁹.

No final da década de 1920 foi instalada nas imediações do Mercado Público a bomba automática para fornecimento de gasolina pela Standard Oil¹⁶⁰, o que demonstra que a *circulação* motorizada começava a acontecer. O que antes era realizado quase sempre à pé ou à cavalo, passa a ter auxílio dos veículos. Em 1925 o jornal publicava uma reclamação sobre a alta velocidade dos carros, considerada injustificável pelas curtas distâncias que deveriam ser percorridas, ameaçando os transeuntes¹⁶¹.

A circulação pelo porto ocorreu de forma oficial em 1912, quando a Companhia da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (pertencente à Brazil Railways Co.) foi autorizada por decreto governamental a instalar uma estação marítima na Baía da Babitonga. Desde então sucederam-se as providências de ampliação e melhoria das condições de operação, culminando em grandes obras - envolvendo dragagem, construção de cais e armazéns, e instalações de

-

¹⁵⁸ SUPERINTENDENCIA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL. *Lei n. 271, de 31 de Dezembro de 1926 estabelecendo o Código de Posturas do Municipio de São Francisco do Sul.* São Francisco do Sul: [s.e.], 1926. Art. 144°, p. 27.

¹⁵⁹ Ibid., p. 40-41.

¹⁶⁰ A Razão, São Francisco do Sul, 5 agosto 1928, p. 3.

¹⁶¹ A Razão, São Francisco do Sul, 14 agosto 1926, p. 3.

linhas férreas e guindastes.162 O porto, como já mencionado, passou a ter suas atividades indissociáveis dos serviços ferroviários. Inaugurada no começo do século XX, a Estação Ferroviária de São Francisco do Sul sempre representou o último destino terrestre dos produtos canalizados para embarque163 e maior possibilidade de circulação. Mas, enquanto o movimento de veículos era motivo de reclamações, o trem foi muito bem recebido, sendo objeto dos mais variados comentários e poemas, como este¹⁶⁴ publicado em 1907:

Moça que a todos namora, É um trem que mais demora.

Moça bonita e catita É o trem que mais apita.

Moça feia e sem dinheiro É o trem de bagageiro.

Moça casada e sem filhos É um trem sem limpa-trilhos.

Moça que anda no escuro Este trem não está seguro.

Moça que anda à janella Falando da visinhança, Não é trem de segurança.

Moça que sáe a passeio Com trage já muito visto, É um trem mixto.

Moça solteira ou casada Que ao namorado ou marido É sempre firme e leal É um trem especial.

Elementos que representam a função de *lazer* também estão presentes na paisagem de São Francisco do Sul. As moças solteiras ou casadas do poema

¹⁶² LINS, Hoyêdo Nunes. O porto e sua expressão econômica. In.: SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). *Muito além da viagem de Gonneville*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. p.167–168 ¹⁶³ Ibid., p.168.

¹⁶⁴ A Pátria, São Francisco do Sul, 18 agosto 1907, p. 3.

acima, provavelmente divertiam-se no Clube XXIV de Janeiro, presente em inúmeros cartões-postais da Rua da Babitonga.

O vasto salão do XXIV de Janeiro, profusamente iluminado e decorado com bandeirolas, flores artificiaes e bellissimas palmeiras, regorgitava de convidados, em cujos rostos notavase a alegria franca e jovial que sabem despertar festas como esta que vimos de falar. Gentis senhoritas, e illustres cavalheiros pertencentes a élite da sociedade francisquense cruzavam o salão, esperando o momento em que a orchestra, desferindo seus accordes maviosos, desse começo ás dansas. [...] Á disposição das exmas. famílias dos sócios e dos convidados poz o Club, dois troleos, medida esta tomada em vista do máo estado das ruas devido ás ultimas chuvas. 165

Palco das mais comemoradas e diversificadas atividades sociais, o Clube foi fundado em 24 de janeiro de 1892 (fig.35). Sua sede definitiva, situada na Rua Babitonga, foi inaugurada em 1905¹⁶⁶. Ali foram realizados bailes, jantares, bazares, apresentações de teatro, entre várias outras atividades. A descrição acima, de um baile no XXIV de Janeiro, realizado em 1906, nos auxilia na montagem da cena de movimentação que precedia e sucedia cada festa na beira da Baía.



Figura 35 - Cartão-postal 06B, Clube XXIV de Janeiro. Fonte: Acervo 11aSR/IPHAN/SC.

-

¹⁶⁵ A Pátria, São Francisco do Sul, 16 setembro 1906, p. 3.

¹⁶⁶ BAUER, Leticia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880–1930). In: *Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul.* Florianópolis: 11^aSR/lphan/SC, 2008, p.59.

3.1.5 Unidades

Grande parte dos estudos realizados sobre a paisagem utiliza o conceito de "unidade de paisagem" para delimitação e caracterização das mesmas. Essas unidades trabalham com áreas que apresentam um mesmo caráter formal, ou cujos elementos possuem uma forte ligação e interdependência. Outros estudos acrescentam, para a definição das "unidades de paisagem", suas características intangíveis, baseando-se não só nos elementos que estruturam o território (montanhas, rios, rede de caminhos) e sua organização (tipo de solo), mas também nas dinâmicas, na história e nas tradições culturais, que muitas vezes ficam externas a uma interpretação cartográfica. 167

No entanto, considera-se aqui o centro histórico de São Francisco do Sul como uma única "unidade de paisagem", e as diferentes categorias de análise deste estudo tentam dar conta de parte de seus aspectos materiais e imateriais. Mas, para efeito desta pesquisa, utiliza-se o termo unidade para classificar e analisar diferentes unidades visuais, diferentes perspectivas. A relevância desses ângulos pode ser entendida nas palavras de Silvio Barini e Celeste Zenha¹⁶⁸, citadas por Nelson Schapochnik, ao falar sobre os cartões-postais:

[...] com eles o lugar que se faz retratar procura fixar os enquadramentos através dos quais pretende ser olhado. Decerto, os postais promovem uma educação dos sentidos. É comum reconhecer em fotos tiradas por turistas, ou mesmo por "gente do lugar", a reprodução dos elementos,

NOGUÉ, Joan; SALA, Pere. *Prototipo de Catálogo de Paisaje. Bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos de Paisaje de Cataluña*. Olot y Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2006. p.15.

¹⁶⁸ PINTO, S.B.; ZENHA, C. Imagens da memória postal de Piracicaba. Piracicaba: Unimep, 1990, p.5 APUD SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, F.; SEVCENKO, N. *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.426.

luminosidade e até perspectivas já consagradas nos cartõespostais. Certamente esta permanência é indicadora de que os locais apresentados nos cartões-postais acabam sendo muito visitados. Como guias que è distância podem comunicar os espaços, os monumentos e a arquitetura a serem visitados e admirados, os postais acabam por fundar, na repetição de suas imagens, o hábito.

Então, considerando que a compreensão da paisagem está fortemente condicionada à existência de pontos de observação e percursos visuais, esta classificação propôs sete unidades de visibilidade da paisagem (fig. 36):

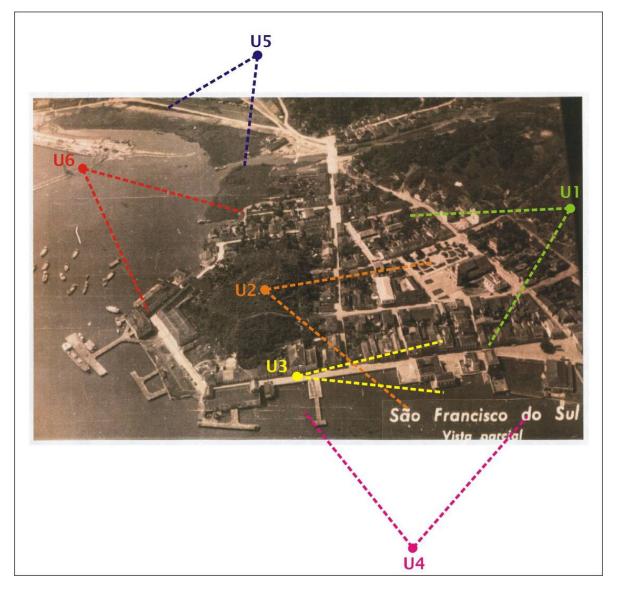


Figura 36 - Principal perspectiva de cada unidade da paisagem representada nos cartões-postais. Fonte: Imagem do acervo do Museu Histórico de SFS [s.d]. editada pela autora, 2008.

- Unidade 1 (U1) do Morro da Caixa d'Água em direção ao Morro do Hospício e/ou Baia da Babitonga;
- Unidade 2 (U2) do Morro do Hospício em direção ao Morro da Caixa
 d'Água e/ou área do Mercado Público;
- Unidade 3 (U3) Rua da Babitonga;
- Unidade 4 (U4) da Baía da Babitonga em direção ao núcleo urbano;
- Unidade 5 (U5) Zona Ferroviária;
- Unidade 6 (U6) Zona Portuária;
- Unidade 7 (U7) outras unidades não classificáveis nas unidades acima.

As perspectivas mais contempladas entre os 61 cartões-postais estudados foram aquelas registradas na Rua da Babitonga no nível do solo (U3), principalmente as voltadas para o Mercado Público, e aquelas a partir do Morro do Hospício em direção ao Morro da Caixa d'Água e Baia da Babitonga (U2). No gráfico abaixo é possível realizar a comparação entre a recorrência das diferentes visuais.

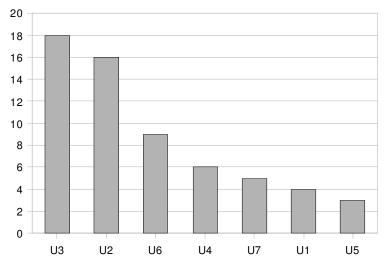


Figura 37 - Descritor Icônico Unidades. Fonte: Autora, 2008.

As imagens da Unidade 1, compostas pelo ponto de tomada a partir do Morro da Caixa d'Água em direção ao Morro do Hospício (figuras 39-41), desvendam a entrada da Baía da Babitonga e apresentam a mesma estrutura:

em primeiro plano aparece a vegetação do Morro da Caixa d'Água (local onde se encontra o fotógrafo), seguida dos fundos da igreja e do Morro do Hospício. Em último plano aparece a encosta continental da Baía da Babitonga, já pertencente a outros municípios. No entanto, sutilmente, os cartões-postais apresentam diferentes destaques. Duas imagens têm como eixo central a Rua Hercílio Luz, lado oeste da Praça Getúlio Vargas. Uma dá ênfase à Rua Fernando Machado, lado leste da praça. A quarta imagem tem como eixo central o próprio Morro do Hospício.

As imagens desse grupo demonstram *segurança*, uma cidade que observa a água, ou seja, a entrada e saída de embarcações. Da perspectiva do fotógrafo, a torre da Igreja nivela-se com o Morro do Hospício, mostrando que a partir dela é possível controlar a Baía, como se a cidade representasse uma fortaleza que faz o primeiro contato com o mar. Por outro lado, essa paisagem está relacionada com a *amplidão* do mar, entendida a partir da perspectiva em diagonal que divida o construído do não-construído.

Pelo número reduzido dos cartões-postais pertencentes à Unidade 1, entende-se que o Morro da Caixa d'Água não era muito frequentado, como acontecia com o Morro do Hospício. No entanto, a perspectiva a partir deste ponto foi imprescindível para a compreensão da localização da cidade de São Francisco do Sul em relação à Baia da Babitonga.





Figuras 38 e 39 - cartões-postais 01A e 06C. Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos e Museu Histórico SFS, respectivamente.





Figuras 40 e 41 - cartões-postais 02C e 02B. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.

A Unidade 2 é composta por 16 cartões-postais cuja imagem parte do Morro do Hospício em direção ao Morro da Caixa d'Água, ou em direção ao Mercado Público. A característica comum do primeiro grupo é o destaque dado à Igreja Matriz (figuras 42 e 43). Apesar de não aparecer centralizada em todas as imagens, a Igreja aparece como *elemento organizador* do espaço: a paisagem urbana de São Francisco se forma a seus pés, e partir dela traçam-se as ruas. Acompanhando as imagens desse conjunto de postais, é possível entender as "atualizações estilísticas" sofridas pela fachada da igreja, como a colocação de frisos horizontais e o aumento do número de aberturas. No entanto, sua relação com a cidade e sua posição em relação ao enquadramento do cartão-postal permanecem as mesmas, aparecendo em destaque juntamente com a Rua Hercílio Luz. As diferentes fases da igreja, registradas em cartões-postais, demonstram que a cidade preocupava-se em exibir-se

atual, preocupava-se com sua *modernização*, a partir da disseminação da imagem de sua principal edificação.

Fica clara a intenção de se mostrar uma *cidade-cenário*, cidade limpa. Não há registro de grandes acontecimentos nem de grupos reunidos de pessoas. A cidade torna-se um grande cenário na lente do fotógrafo, e esse cenário se repete ao longo dos anos com pouquíssima mudança na perspectiva de composição da imagem.

Com a mudança do enfoque a partir do mesmo ponto de tomada, forma-se um segundo grupo de cartões-postais, pertencentes ainda à mesma unidade: são aqueles direcionados para a área do Mercado Público (figuras 44 e 45). Neles, entendemos a formação linear da cidade e o limite do núcleo urbano em relação à Baía da Babitonga. Nessa linearidade encontramos os diferentes usos que dão vida à cidade até os dias atuais, como o Mercado, as casas de comércio, o clube, o hotel. No início do século XX, o crescimento da cidade devido às intensas atividades portuárias gerou a demanda por mais espaços e novos usos. Sendo assim, a estrutura urbana também teve que responder às novas solicitações. Além do alargamento e calçamento de inúmeras ruas, iniciou-se por volta de 1915 uma grande área de aterro em frente à Praça da Bandeira, o que alterou significativamente a relação direta que havia entre a Rua da Babitonga e o mar. 169 Essa remodelação urbana ficou registrada nos postais paisagísticos estudados. E, entre os usos da orla, o Mercado Público, apesar de parcialmente encoberto por outras edificações, aparece exatamente no centro das imagens, demonstrando sua importância, também, como ponto de encontro e organizador do espaço. Diferente de outras imagens, nas quais os limites da cidade ficam mais evidentes, nestes

¹⁶⁹ SILVA, Andréa de Souza Marques da; BUGAY, Eliane Regina. *Revitalização do Sítio Histórico de São Francisco do Sul.* Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1985. p.20.

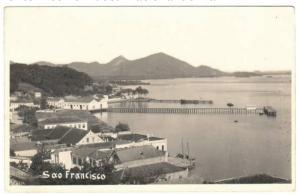
cartões-postais a cidade mostra-se em pleno crescimento, mesmo que esse crescimento seja em direção ao mar.





Figuras 42 e 43 -cartões-postais 10C e 02A. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.





Figuras 44 e 45 – cartões-postais 08G e 02E. Fonte: SANTOS, 2004A e acervo Fabiano Teixeira dos Santos.

Como já colocado anteriormente no descritor icônico *estrutura*, a paisagem descortinada a partir do Morro do Hospício era muito prezada e apreciada pela população local. Talvez fosse a vista panorâmica mais palpável e acessível aos francisquenses. Alguns registros em jornais nos fazem entender o quanto essas visuais eram presentes no imaginário local, como este de 1907:

Em uma destas tardes frescas e agradaveis que a nossa cidade estava calma e sem este murmurio que se nota por occasião das entradas e sahidas dos paquetes, resolvemos subir ao morro do Hospicio, não só para vermos o trabalho que lá estão fazendo com o fim de nos proporcionarem horas de agradaveis palestras e boas distracções aos domingos e dias santificados, como também para apreciarmos o lindíssimo e vasto panorama que se descortina. Bello, bellissimo espectaculo; céo nublado, mar sereno, montes e serras

descobertas, até onde a vista não mais alcança. Quizemos fazer poesia. Porem ficamos estaticos. Diante da linda bahia. Deixemos de parte a modestia e o orgulho e fallemos a verdade nua e crua; de norte a sul deste vasto e riquissimo paiz, não ha cousa mais bella e encantadora do que a nossa Bahia, vista do morro do Hospício. Diga o mesmo quem tiver. E faça o mesmo quem puder. Mas será difficil porque, vaidades de Franciscanos, ninguém a tem¹⁷⁰.

A Unidade 3 traz o *protagonismo* para a Rua da Babitonga. Representou a maioria das imagens estudadas. Este ponto de tomada possui uma característica específica: é o único que realmente traz a paisagem de São Francisco do Sul exclusivamente do ponto de vista do transeunte. Por esse motivo, possibilita uma maior aproximação para a vida cotidiana da cidade, mostrando seus habitantes.

É notável que a grande maioria das imagens da principal rua da cidade apresente a Rua da Babitonga no seu sentido sul, em direção ao Mercado Público. Essa paisagem dá as costas às atividades portuárias, que de um ponto de vista mais próximo era bastante caótico.

Bauer indica que, nesse período, as cargas transportadas pelos vapores aumentavam a cada dia e seu transporte era menos eficiente do que deveria, acarretando problemas. Nem sempre os armazéns davam conta da quantidade de cargas que chegavam ao porto e, muitas vezes, ficavam empilhadas nas ruas 171. Em 1924 foi criado um projeto de lei para a cobrança de taxas para a utilização das vias públicas para depósito de madeira. As mais utilizadas eram as ruas Joinville, Armada, próximas aos armazéns Hoepke, e ruas nas imediações da estrada de ferro.

-

¹⁷⁰ A Pátria, São Francisco do Sul, 14 abril 1907, p.2.

¹⁷¹ BAUER, Leticia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880–1930). In: *Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul.* Florianópolis: 11^aSR/lphan/SC, 2008. p.50.

No outro sentido, a cidade se organizava de maneira mais estruturada, seus edifícios vinham sendo reformados, e as ruas estavam sendo calçadas. A Rua da Babitonga, até a Praça da Bandeira, apresentava usos comerciais e de lazer, sendo a entrada da cidade pelo acesso terrestre. As imagens abaixo mostram a diferença entre as duas pontas da mesma rua: o registrado em cartão-postal e o não registrado, o que pode ser comparado ao palco e ao *backstage* (figuras 46 e 47).





Figuras 46 e 47 - Dois pontos da mesma rua: imediações do Mercado Público (cartão-postal 01G) e armazenamento de madeira nas ruas junto aos Armazéns Hoepcke. Fonte: Acervo Museu Histórico de São Francisco do Sul. [s.d.]

Os registros da Unidade 4 - paisagem do núcleo urbano a partir da Baía da Babitonga - são os que tornam a *totalidade da paisagem* de São Francisco do Sul mais clara. Hoje, essa imagem não é a mais comum para o morador ou visitante, pois, além das atividades do Porto e outras exceções, o acesso

principal se dá por automóvel pelo interior do Estado. Porém, no início do século XX a chegada e locomoção por água era mais comum e acessível. A totalidade da cidade era facilmente captada, trazendo uma escala humana aos elementos naturais.

Em primeiro plano aparece a água, em seguida a linha de construções e por último os morros, os quais emolduram e protegem a cidade. O Morro da Caixa d'Água destaca-se por sua altura, e o Morro do Hospício por ser o pedestal para a edificação que nunca foi terminada, e que hoje encontra-se escondida entra a vegetação que cresceu. Essas imagens, embora não numerosas em cartões-postais, tornaram-se ao longo dos anos em importante leitura de referência para o imaginário local. Antes mesmo do surgimento do cartão-postal, essa vista foi representada em desenho pelo engenheiro-geógrafo Theodor Rodowicz Oswiecimski na década de 1850¹⁷² (fig. 48). Em 1911 a mesma perspectiva foi representada em uma tela por Basílio Ferrari, a qual se encontra no Museu Histórico da cidade (figura abaixo).



Figura 48 - Pintura de Basílio Ferrari. Fonte: Museu Histórico de São Francisco do Sul.

A unidade 5, que tem como foco a Zona Ferroviária, foi uma das principais surpresas na análise, pois estruturalmente foi uma das zonas do início do século XX que mais sofreu descaracterização ao longo do tempo. Hoje, essa perspectiva não é mais acessível, pois a Estação Ferroviária encontra-se bloqueada pelos novos galpões do Porto (figuras 49 e 50). A

-

¹⁷² SANTOS; NACKE e REIS (org.) São Francisco do Sul: Muito Além da Viagem de Gonneville. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, p.77.

relação visual entre o transporte marítimo, terrestre e ferroviário era visualmente estabelecida, possibilitando o entendimento das *redes de conexão* internas e externas de São Francisco do Sul.





Figuras 49 e 50 - Cartão-postal 08B (acervo Fabiano Teixeira dos Santos) e fotografia do arquivo da 11ªSR/IPHAN/SC, 2001.

Seguindo até as novas instalações do porto (unidade 6), e tomando a imagem em direção ao núcleo inicial, vê-se uma área ocupada de forma irregular. Os pontos de referência que antes apareciam (Igreja Matriz, Mercado Público, Morro do Hospício) dão lugar a uma *área secundária*, que embora seja vital para a vida econômica da cidade, não segue os padrões estéticos e de composição do centro de São Francisco do Sul. No entanto, apesar de não tão representado, o porto foi um dos principais impulsores da difusão de cartõespostais de São Francisco do Sul para o Brasil e muitos países do mundo.

3.2 Análise dos Descritores Sociais e de Circulação

Postal173

Maldita seja a mania Desses taes cartões postaes: Roubam dinheiro das bolsas Sem servir p'ra nada mais.

Muitos desagostos crueis Já me fizeram soffrer Escrevendo a certas divas Que não querem responder.

Pelo Correio da Villa Já tenho sido multado: Postaes lindos, sem o sello, Não acho nada engraçado!

Mas como então abolir O chic cartão postal, Si elle é brinquedo do seculo, Si elle é mania actual!

Por isso aceito senhora, Vossa pedida permuta! Mandae cartões a mãos cheias Pois estou prompto pr'a luta!

(Virginio Sant'Ana)

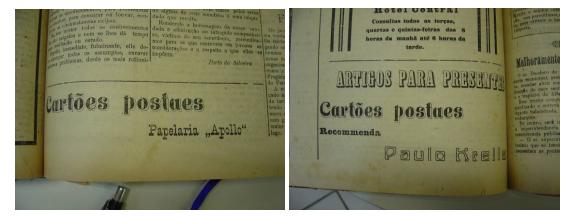
Não se tem exato conhecimento acerca dos estabelecimentos onde os cartões-postais de São Francisco do Sul podiam ser adquiridos. Como já mencionado, esse "brinquedo do século" era produzido, também, além dos limites da cidade. Os fotógrafos geralmente vendiam suas imagens para editores que tinham capacidade de produzi-las em larga escala. Esses

¹⁷³ A Pátria, São Francisco do Sul, 18 agosto 1907, p.2.

editores, por sua vez, não costumavam mencionar os autores das fotografias, impossibilitando-nos hoje de realizar uma análise mais aprofundada sobre a origem dos autores e sua relação pessoal com as imagens produzidas.

No entanto, é provável que as imagens tenham ocupado o estoque de papelarias e tipografias em outras cidades do estado de Santa Catarina, como Joinville e Blumenau, sede de editoras como a Casa Eduardo Schwartz, Hugo Quidde, e Eugen Currlin. Também, podem ter sido vendidas em cidades da Alemanha e da França, onde foram produzidas as séries de Verl. V. Albert e da Mission de Propagande, respectivamente. Com o surgimento do papel fotográfico para reprodução de cartão-postal, muitos fotógrafos aproveitaram para revelar suas próprias imagens em número reduzido, de acordo com sua capacidade econômica, vendendo-as diretamente.

No entanto, a pesquisa no jornal *A Razão* revelou que principalmente no ano de 1927 muitos anúncios de venda de cartões-postais foram publicados. Eram anunciados como "Cartões postaes Papelaria Apollo", "Postaes de vistas da cidade Papelaria P. Krelle", ou associando-os à "artigos para presentes", o que para o colecionador dos versos acima seria bem indicado (figuras 51 e 52).



Figuras 51 e 52 - Dois exemplares do jornal "A Razão" de 1927, trazendo propaganda da venda de cartões-postais. Fonte: Autora, 2008.

A primeira tipografia da cidade foi instalada em 1884, facilitando a impressão local de jornais, trabalho que era até então realizado em cidades

maiores, como Florianópolis. A possibilidade de imprimir idéias e divulgá-las foi recebida com festa. Caracterizada como "um dos elementos de prosperidade para São Francisco que se manifesta resplendente de esperanças", a tipografia era indício de avanço, e chegou saudando a difusão de idéias e evocando imagens ligadas à indústria e ao desenvolvimento da cidade¹⁷⁴.

Com os anos, outras tipografias foram criadas na cidade, oferecendo os mais diversos tipos de serviços. A Typografia de Paulo Krelle, responsável por inúmeros anúncios de venda de cartões-postais nos jornais, expandiu sua atuação e passou a vender toda espécie de produtos, configurando-se em algo próximo a um bazar. Ali se encontravam, além de postais, brinquedos, acessórios, presentes e adereços para as festas de Carnaval. Ainda, as tipografias figuraram como centrais de objetos perdidos que haviam sido anunciados nos jornais¹⁷⁵. De quebra, eram locais de visita das mais diversas personalidades, ao mesmo tempo em que treinavam e empregavam auxiliares. Em 1905 a Typographia de A. Oliveira, situada na Rua Ypiranga, 3, anunciava o recrutamento de dois meninos alfabetizados para "aprender a arte typographica" e oferecia seus serviços gráficos e materiais de escritório¹⁷⁶.

Não só vendiam-se postais. Objeto de coleções, os postais também eram trocados entre aqueles que estavam sob efeito da "mania actual". Pinto e Zenha falam falam da relação do colecionador com sua coleção:

O interesse exercido pelos postais logo se transformou num intenso frenesi, estimulando a formação de coleções e a fabricação de álbuns e caixas para acondicioná-los. [...] Ao se

¹⁷⁴ BAUER, Leticia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880–1930). In: *Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul*. Florianópolis: 11^aSR/Iphan/SC, 2008. p.55.

¹⁷⁵ Ibid., p.57.

¹⁷⁶ A Pátria, São Francisco do Sul, 15 agosto 1905, [s.p].

apropriar de artefatos produzidos em massa, o colecionador promovia uma seleção de temas e séries cuja singularidade resultava da descoberta em cada postal de determinados traços que denotavam a conformação de uma individualidade e afetividade. As marcas de possessão individual engendradas na coleção de cartões-postais também assumiam a forma de uma cartografia das lembranças e dos desejos¹⁷⁷.

A busca por novas unidades para compor coleções levou os cartõespostais aos mais diversos lugares do Brasil e do mundo. Através de relato de
Fabiano Teixeira dos Santos, cujo acervo foi gentilmente disponibilizado para
esta pesquisa, para compor sua coleção que envolve Rio Grande do Sul, Santa
Catarina e Paraná, ainda hoje é preciso ter acesso aos colecionadores do Rio de
Janeiro ou cidades mais distantes, para trazer de volta os postais que para o
norte viajaram há cem anos.

O estudo dos versos dos cartões-postais pôde revelar o alcance das imagens paisagísticas de São Francisco do Sul no início do século XX. Apesar de muitos cartões terem sido acessados por meio de reproduções condicionadas e misturadas junto à coleções fotográficas, permitindo-me analisar apenas as imagens frontais, pude ter acesso ao verso de 27 unidades, entre as 61 analisadas. No estudo do verso, deparei-me com várias situações: cartões-postais que não haviam sido utilizados, representando apenas fonte de informação sobre seus editores; cartões-postais com mensagens manuscritas mas sem marcas de postagem, dando a entender que circularam dentro de envelopes; cartões-postais cuja informação de carimbo foi ilegível; cartões-postais com mensagens ilegíveis; etc.

¹⁷⁷ PINTO, S.B.; ZENHA, C. Imagens da memória postal de Piracicaba. Piracicaba: Unimep, 1990, p.5 APUD SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, F.; SEVCENKO, N. *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.433.

Apesar desses limites, e da consciência de que o uso dos cartõespostais no período de 1900 a 1930 certamente ultrapassou o uso daqueles
encontrados nesta pesquisa, foi possível, a partir das informações acessadas,
revelar um mapa com pontos nos quais a paisagem de São Francisco do Sul
teve passagem, a partir do estudo do verso de 22 cartões-postais. Os indícios
de postagem revelaram que todos os cartões foram enviados de Santa
Catarina. Alguns indicam a cidade, como "S. Francisco" ou "Joinville", mas a
grande maioria apresenta apenas o carimbo com a inscrição "A. de S.
Catharina", indicando ainda se foi postado pela manhã ou tarde.

Há uma única exceção. Um cartão postal foi enviado da Bélgica, com destino para Hannut, dentro do mesmo país. O cartão escolhido foi da edição da Mission de Propagande, no qual consta Paris como local da editora. Com conteúdo em francês, entende-se que essa edição francesa distribuiu seus postais em pontos de venda da Europa, ou é possível deduzir que o proprietário do cartão o adquiriu durante viagem e fez uso do mesmo após chegar em sua cidade de origem. No entanto, embora a grande maioria dos cartões-postais tenha sido enviada de Santa Catarina, verifica-se, através do conteúdo escrito, que nem todos foram escritos por moradores locais. Voltaremos a esse ponto em seguida.



Figuras 53 e 54 - Cartões-postais 09D e 01F. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar e Fabiano Teixeira dos Santos, respectivamente.

Quando analisamos os destinos dos cartões-postais, amplia-se o leque de cidades acessadas pela imagem paisagística de São Francisco do Sul. Dentro do Brasil, foram três postais para dentro do próprio estado de Santa Catarina, um postal para o Rio Grande do Sul, três postais para o Rio de Janeiro e cinco para o Paraná, comprovando a distribuição de famílias entre a região de São Francisco e cidades paranaenses, o que se repete até os dias atuais. Tendo como destino outros países: três postais para a Alemanha, um postal para Portugal e seis para a Bélgica (cabe ressaltar que desses seis, cinco foram enviados para a mesma senhorita, provavelmente por um apaixonado que passava por terras brasileiras).

Foram 25 postais com indícios de datas de postagem. Do total, 18 foram utilizados entre 1902 e 1910, e sete entre 1911 e 1916, notando-se um intenso uso até a Primeira Guerra Mundial, coincidindo com o período que Pedro Karp Vasquez situa como idade de ouro do cartão-postal, iniciando na década de 1890, quando surgiram os primeiros cartões-postais ilustrados e findando na década de 1920, quando começou a decadência da voga do envio e do colecionismo de postais, atribuída, entre outras causas, ao "novo clima de seriedade que se disseminou por todo o mundo, um clima no qual o cartão-postal ilustrado não se encaixava" ¹⁷⁸. O autor ainda faz um paralelo com a realidade brasileira na época do período áureo do cartão-postal, que passava pela República Velha ou Primeira República, encerrada pela Revolução de 1930:

Tal coincidência é significativa, indicando que o auge do cartão-postal ilustrado acompanhou entre nós o período de consolidação republicana. Fase de transição na qual a sociedade imperial essencialmente agrária cedeu passo progressivamente à sociedade industrial que a suplantou. Depois do primeiro e conturbado decênio, foi uma época de grande entusiasmo, esperança e ufanismo, quando os

_

¹⁷⁸ VASQUEZ, Pedro Karp. Postaes do Brazil: 1893-1930. São Paulo: Metalivros, 2002. p.23

brasileiros pareciam ter fé irrestrita no potencial de crescimento do país, fé definitivamente perdida após os anos JK, os últimos nos quais os brasileiros se autorizaram a sonhar. Um tempo que vale a pena revisitar, tendo como guia o cartão-postal clássico¹⁷⁹.

A permissão ao sonho pôde ser observada no tom alegre e descontraído dos conteúdos escritos dos cartões-postais. Não foram encontradas notícias ruins, sentimentos de tristeza ou infelicidade, apenas sentimentos de saudade. A opção pelo uso do cartão-postal para levar notícias leves e risonhas, leva a crer que a escolha das imagens e paisagens que ilustravam as palavras escritas também era feita com intuito de passar uma mensagem de beleza e alegria.

A maioria dos cartões estava escrita em português, mas foram encontrados cartões também em alemão e em francês. Foi possível observar quatro tipos de motivações que levavam as pessoas a enviarem cartõespostais de São Francisco do Sul: viagem (45,45%), saudações (36,36%), datas comemorativas (13,64%) ou motivos comercias (4,55%). Seque o gráfico:

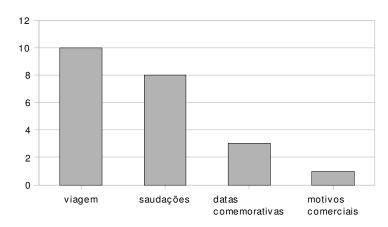


Figura 55 - Motivações e temas dos conteúdos escritos. Fonte: Autora, 2008.

A expectativa em relação ao conteúdo dos cartõespostais dos viajantes que passaram por São Francisco do Sul era grande, pois, esperava-se que nessas circunstâncias tivessem registrado algo de sua visão

¹⁷⁹ VASQUEZ, Pedro Karp. Postaes do Brazil: 1893-1930. São Paulo: Metalivros, 2002. p.23

sobre a cidade, por meio de descrições da imagem do cartão-postal escolhido ou por meio de observações sobre o local. Essa expectativa não foi atingida, já que os cartões-postais dos viajantes tinham como principal intenção mandar notícias pra família ou registrar itinerários de viagem.

É o caso do viajante que em tom de telegrama que, em 17 de junho de 1914, dá notícias à Mlle Alvonne Leite do Rio de Janeiro: "Boa viagem, sigo Rio Grande. Lembranças. Saudades"180. A idéia de longas horas de viagem fica registrada em outros cartões, como o de Lothar, que em 3 de julho de 1906 dá notícias à mãe e à irmã que estão na Alemanha: "Cheguei bem aqui, após uma viagem de 6 horas de Paranaguá [...] As melhores saudações lhes envia daqui vosso grato filho Lothar"181. O viajante estava a bordo do S.S. Karthago (figuras 56 e 57).



Figuras 56 e 57 - Cartão-postal 05A, frente e verso. Fonte: Museu Nacional do Mar.

Embora não incluídos no conjunto de imagens analisadas por tratar-se de período posterior ao estudado, dois cartões-postais utilizados em 1935, escritos em alemão, dão conta de exemplificar o longo trajeto que muitos tinham que percorrer e todos os meios de transporte

_

¹⁸⁰ Cartão-postal 01D. Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos.

¹⁸¹ Cartão-postal 05A. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.

utilizados¹⁸², O viajante certamente encontrava-se bastante cansado para mandar comentários sobre a paisagem:

22 de novembro, 7 horas da manhã, desembarque em um rebocador, em mar agitado. Baldeação para um barco a vapor raso. 10 horas chegada em São Francisco do Sul. Caminho a pé para a estação ferroviária. 11 horas de trem para Joinville. Locomotiva aquecida à lenha. Faíscas saltavam nos vagões. 12 horas e 30 em Joinville.

22 de novembro de 1935. À noite retorno de Joinville. Embarque no barco a vapor costeiro. Daí baldeação, daí baldeação para um rebocador. Às 11 horas e 30 embarque em Monte Rosa e dia de descanso. 23 de novembro, 20 horas. Seguimento da viagem. Agora novamente para o Norte, para Santos.

Uma viajante, ao vir ao Brasil visitar familiares, demonstrou preocupação com os trâmites de chegada. Escrito em alemão, em 1902, ela registrou que estava feliz e foi recebida "pela vovó, papai e irmãs. Em casa tudo bem. Segue carta. Com a alfândega nós nos saímos bem" 183. Há também o viajante em excursão, cujo caráter de trabalho ou lazer não fica claro, como é o caso do alemão Otto Schuster: "Envio-lhe o cartão da excursão no barco a vapor que lhe prometi 184".

Entre os cartões-postais utilizados pelos viajantes, apenas um, sem referência de destinatário, qualifica São Francisco do Sul ao escrever em alemão "Uma parte da pequena cidade de São Francisco do Sul (Brasil)"185.

Os cartões-postais escritos pelos moradores de São Francisco do Sul tinham mais caráter de carta do que de telegrama, se comparados aos postais dos viajantes, e eram utilizados para saudar amigos e familiares. Mais do que dar

¹⁸² Cartões-postais do acervo da Biblioteca do Museu Nacional do Mar. Tradução de Sandro Luis Schlindwein e Gessy Deppe.

¹⁸³ Cartão-postal 10C. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.

¹⁸⁴ Cartão-postal 08H. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.

¹⁸⁵ Cartão-postal 11A. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.

notícias, davam continuidade à troca de cartões efetuada entre primos, tios e sobrinhos:

A minha bôa tia, Hoje tive a ocasião em pegar na pena para responder o seu amável cartão o qual nos veio alegrar, estimo que estas linhas vão encontrar com saude e assim como todos os nossos priminhos e os bondosos tios, que não os conheço e tenho vontade de conhece-los¹⁸⁶.

Enviado ao Rio de Janeiro em 1910, o conteúdo da mensagem demonstra que o cartão encurtava distâncias, pois a comunicação ocorria mesmo sem a possibilidade da visita. As vezes frustavam-se pela ausência de cartas com a chegada dos vapores: "estranhei muito quando aqui chegou o "Itapiruna" e nada de carta" 187.

Alguns cartões chegavam a ter teor das atuais conversas telefônicas, demonstrando a intimidade e proximidade temporal entre as trocas de mensagens, como este escrito em português, também de 1910, enviado ao Paraná:

Zezé, Vai esse retratinho de Ernani que M. Eugenia manda. Elle é mais bonitinho de que o retrato, ficou com os ólhinhos fechados devido o mormaço quente q fazia. [...] A tal criada que mandei fallar não vai por ter uma filha; para voce não convem mesmo visto ella ter criança. Eu julguei que Sinhara encontrava ahi Maria te mandei dizer q mandasse as camizollinhas e calcinhas de Fanny que queria fazer algumas. Zezé, a Fanny já pode usar vestidinhos de menina, curtinhos e degotados. Sapatinhos e meias curtas, efeita bem ela. Aqui o calor tem sido demais. Muito te agradeço as Ervilhas. Os pecegos chegaram todos perdidos foi pena. Muitas saudades da Mariquinha¹⁸⁸

Um cartão-postal teve conteúdo diretamente ligado à sua imagem, apresentando manuscritos sobre as edificações : "Por esse caminho, entre a

100

¹⁸⁶ Cartão-postal 08C. Fonte: SANTOS, 2004A.

¹⁸⁷ Cartão-postal 08F. Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos.

¹⁸⁸ Cartão-postal 08A. Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos.

cadeia e a officina vae me na casa da nossa tia" 189 (fig. 58). A cadeia ainda não havia sido demolida, e a igreja ainda não havia passado por reformas.



Figura 58 - Cartão-postal 08D, cujo remetente indicou a cadeia e a oficina. Fonte: SANTOS, 2004A.

As datas comemorativas também eram motivadoras do uso do cartão-postal. Foi encontrada uma mensagem de "Feliz Natal e muitas felicidades e saúde no ano novo vindouro" 190 de 1912 e outras com intuito de parabenizar aniversariantes, como o postal que dava cumprimentos de felicidades pelo "anniversario natalicio" 191 do destinatário. Por fim, um dos cartões-postais foi utilizado pelo próprio editor Carlos Schneider, também proprietário da Casa de Aço, para anunciar aos clientes a chegada de seu representante comercial: "Amigo e Snr. Temos o prazer de comunicar-lhe que brevemente seguirá para ahi o nosso Representante Snr. João Hoepfner a quem pedimos reservar as suas muitas estimadas ordens" 192.

¹⁸⁹ Cartão 08D. Fonte: SANTOS, 2004A.

¹⁹⁰ Cartão-postal 081. Fonte: Acervo Museu Nacional do Mar.

¹⁹¹ Cartão-postal 08E. Fonte: SANTOS, 2004A.

¹⁹² Cartão-postal 07C. Fonte: Acervo Fabiano Teixeira dos Santos.

Ao escolher uma imagem, "pegar na pena", escrever uma mensagem, postar palavras, os usuários dos cartões-postais contribuíram para a circulação da paisagem francisquense, reforçando suas próprias imagens mentais e tornando possível, àqueles que jamais chegariam à Santa Catarina, incluir a paisagem de São Francisco no conjunto de imagens possíveis, indicada por alguém conhecido, que a teve como real. Segundo Boris Kossoy¹⁹³, essa possibilidade de conhecimento visual do mundo, apesar de fragmentário, através de vistas e paisagens dos mais diferentes países, de suas cidades, ruas, edifícios e monumentos históricos, suas personagens típicas, costumes, cotidiano, certamente influenciou no comportamento e mentalidade dos homens da época, pois propiciou a possibilidade imaginária de viajar para qualquer parte do mundo sem sair de casa.

-

¹⁹³ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo : Ateliê editorial, 2002. p.64-65.

Capítulo IV

O valor patrimonial da paisagem - conclusão

Antes de elucidar as conclusões, cabe repassar o trajeto percorrido por esta pesquisa. Partiu-se da meta de desenvolver um trabalho que envolvesse duas temáticas principais: paisagem e imaginário. As duas temáticas entrelaçaram-se na busca de uma pesquisa que pudesse dar subsídios para a identificação de valores patrimoniais da paisagem, reconhecendo a paisagem como um bem cultural, que envolve os conceitos de patrimônio material, imaterial e natural.

Sendo assim, apresentando como objeto de estudo São Francisco do Sul (SC), a pesquisa teve como objetivo geral identificar os traços e registros do passado que identificassem as atribuições de valor à paisagem da cidade do início do século XX, bem como seus elementos mais representativos, suas identidades e seus lugares de memória. O estudo deu-se a partir da análise da representação da paisagem de São Francisco do Sul em cartões-postais produzidos e circulados no período de 1900-1930, entendendo o estudo das representações como um meio de aproximação ao imaginário da época.

A partir da pesquisa documental, o trabalho também seguiu os seguintes objetivos específicos: reunir as coleções disponíveis de cartões-postais de São Francisco do Sul, do período analisado; desenvolver uma grade interpretativa e sistema de avaliação quantitativa e qualitativa de imagens paisagísticas; verificar a interferência da caracterização da imagem do cartão-

postal na produção de um imaginário da paisagem local; e identificar os valores patrimoniais da paisagem da cidade no início do século XX.

A fundamentação teórica da dissertação passou pelo estudo dos seguintes conceitos: paisagem, patrimônio, representação e imaginário, representação da paisagem, além do entendimento do surgimento do cartãopostal como meio de circulação de imagens paisagísticas. Optou-se por seguir uma visão integradora da paisagem, levando em consideração tanto suas características subjetivas/simbólicas como suas características objetivas/morfológicas. Para tanto, desenvolveu-se uma metodologia de análise dos cartões-postais partindo de pesquisas anteriores estudadas. Alguns tiveram como objeto a fotografia, outros a própria paisagem. Sendo assim, montou-se uma grade interpretativa que possibilitou a análise de descritores icônicos e descritores sociais e de circulação. Dentro dos itens que buscaram entender as características mais objetivas da paisagem de São Francisco do Sul, buscou-se pesquisar a dinâmica e os conteúdos culturais que pudessem estar por trás das imagens, mantendo a preocupação simbólica e morfológica da pesquisa.

A interpretação dos dados obtidos através da grade interpretativa das imagens dos cartões-postais paisagísticos levou em consideração os pressupostos metodológicos vinculados à História Cultural Urbana, baseados no método da montagem de Walter Benjamin. O que dá sustentação ao método mencionado é o trabalho de construção, montagem, superposição e contraste, dos traços e registros do passado buscados com olhar detetivesco. Assim, após analisar os descritores icônicos, sociais e de circulação de 61 cartões-postais, conclui-se que a paisagem de São Francisco do Sul do início do século XX foi possuidora de valores patrimoniais que podem ser entendidos como

valores estéticos; valores naturais e ecológicos; valores produtivos; valores de uso social; valores históricos e valores simbólicos e identitários.

Como valores estéticos da paisagem de São Francisco do Sul do início do século XX entendem-se essencialmente as possíveis leituras da cidade a partir de diferentes visuais. Interpretou-se que não só a perspectiva da paisagem a partir do mar é importante, mas também as perspectivas a partir dos morros – principalmente a do Morro do Hospício – e a perspectiva a partir da Rua da Babitonga, com foco na própria beira-mar. Essas visuais devem ser levadas em consideração, pois fazem parte do entendimento da paisagem e estão presentes no imaginário local. As inúmeras leituras da paisagem de São Francisco se fazem possíveis pela manutenção, ao longo das três décadas, da hierarquia dos elementos compositivos da paisagem: o mar como fundo, o casario como figura, os morros como moldura e a igreja como elemento principal dessa escala.

Também é importante ressaltar o imaginário estético voltado ao século XX, apesar da cidade ainda apresentar uma realidade cotidiana muito ligada ao século XIX. Foi possível compreender que a forma da cidade passou por um processo de consolidação ao longo das três décadas estudadas, como conseqüência do gosto da época refletido nas normativas dos códigos desse período. Mas o grande impulso econômico trazido pelo porto e ferrovia não foi suficiente para transformar por completo o aspecto de cidade do século anterior. A vontade de parecer moderna refletiu-se em alguns edifícios e espaços públicos, construções das classes mais abastadas e locais representativos de grupos sociais, como o Clube XXIV de Janeiro. As famílias e os comércios mais simples não foram expulsos para os arrabaldes, mas conseguiram manter suas feições coloniais e sua localização privilegiada em torno da Praça da Matriz. Por esses aspectos – entendidos pela leitura dos

jornais e demais documentos desta pesquisa, e visualizado nas imagens dos cartões-postais - vê-se que a cidade do início do século XX apesar de estar em plena modernização, não teve fôlego para substituir por completo suas feições, como era de interesse local. Ainda hoje podemos interpretar as várias etapas da história da cidade a partir do mosaico de edifícios que se mantiveram ao longo do tempo.

Entre 1900 e 1930, a cidade já possuía vida fora do núcleo urbano inicial, mas esses locais passaram despercebidos no conjunto de imagens estudadas. Apesar de darem sustentação às atividades vitais da cidade, os moradores dos arrabaldes não se encontravam representados nas imagens de São Francisco do Sul que circularam pelo Brasil.

Os principais valores naturais e ecológicos da paisagem de São Francisco do Sul do período estudado, podem ser encontrados na Baía da Babitonga e nos morros que envolvem o centro histórico. A baía representa o elemento natural que deu vida e sustentação à cidade, seja pela pesca, seja pela navegação. E os morros foram importantes elementos de proteção, lazer e espaço verde para a cidade.

A partir das representações estudadas, entende-se que os valores produtivos da paisagem de São Francisco do Sul estão diretamente relacionados às suas atividades portuárias e suas atividades ferroviárias. A própria circulação das imagens paisagísticas da cidade deveu-se, em grande parte, à movimentação gerada pelo porto e pela linha férrea. As duas estruturas conectaram São Francisco com o resto do mundo e incluíram a cidade na rede de cidades importantes para o desenvolvimento da economia no sul do país. Além disso, o porto e a ferrovia foram locais de trabalho, de

trocas comerciais e de conhecimento e de relações sociais dos atores presentes nas imagens e nos discursos por trás das imagens estudadas.

Os valores de uso social puderam ser compreendidos fundamentalmente a partir da leitura dos jornais da época, que registraram as atividades cotidianas das famílias, e essa compreensão encontra reflexo nas imagens. Podem ser entendidos como possuidores de valor, o uso social da paisagem a partir de quatro lugares: a partir da Igreja Matriz, representando as atividades religiosas; a partir do Mercado Público, representando as atividades comerciais; a partir do Clube XXIV de Janeiro, espaço de lazer; e a partir do Porto, representando as atividades produtivas.

A Igreja Matriz, além de seu valor como ícone da paisagem, possui valor de uso social na medida em que a vida das famílias francisquenses girava em torno de suas regras, suas festas e suas crenças, não interessando a origem e classe social. O Mercado Público foi foco importante das imagens, e representou o espaço da renda a partir da pesca, atividade tradicional de subsistência de várias famílias. Também era espaço de troca, que se iniciava no peixe, mas ultrapassava os limites de compra e venda e passava pela troca de informações formais e informais do cotidiano da cidade. Em contraponto, a paisagem da orla também era utilizada pelos freqüentadores do Clube XXIV de Janeiro, onde as elites se encontravam para lazer e consolidação dos relacionamentos entre famílias. Por fim, temos o uso social da paisagem a partir do Porto, onde São Francisco se expunha para o restante do mundo.

Os valores simbólicos e identitários da paisagem de São Francisco do Sul puderam ser identificados, de forma clara, no orgulho e no amor à natureza local. Sempre louvada e valorizada nos discursos, e presente de forma destacada nas imagens dos cartões-postais, a natureza gerou

sentimento de pertencimento nos moradores locais. A possibilidade de contemplar esses elementos naturais a partir do Morro do Hospício, fez com que o mesmo também possuísse um valor simbólico muito forte. O imaginário local relacionado às atividades de lazer desenvolvidas no Morro e às diferentes histórias contadas sobre sua ocupação nos séculos anteriores, faz desse local um grande possuidor de valor identitário.

Por fim, os valores históricos foram entendidos como formadores de um fio condutor de todos os demais valores estudados. Ele está presente em todas as pegadas deixadas em São Francisco do Sul ao longo da história e por isso conecta as questões estéticas, às sociais, às ecológicas, e assim por diante.

Finalmente, é possível concluir que o entendimento da paisagem de São Francisco do Sul do início do século XX vai além da imagem impressa nos cartões-postais. A partir da metodologia proposta, e da busca por informações e pistas que pudessem ser cruzadas com os descritores icônicos, olha-se novamente para a paisagem em estudo e compreende-se que ajustamos o foco da cidade real para a cidade imaginária. Não mais enxergamos apenas o Morro do Hospício, mas sim as tardes em que ali famílias se reuniam para contemplar a paisagem. Não mais enxergamos o Clube, mas as festas, as atividades e as relações que dali nasciam. Agora, além de visualizar a Baia, conseguimos ouvir o barulho dos vapores. Essa vida por trás das imagens é o que dá à paisagem valor patrimonial. Encontra-se, então, no bem paisagístico a identidade e a história de São Francisco do Sul.

Entende-se que o estudo da paisagem pode passar por inúmeros enfoques, visto que o próprio conceito de paisagem pode ser objeto de análise de diferentes disciplinas. No entanto, esta pesquisa apresentou-se como um

caminho possível de interpretação da paisagem a partir de dados obtidos em sua representação, neste caso em forma de cartão-postal.

Não se esgota aqui o estudo de São Francisco do Sul, nem de suas representações em imagens fotográficas, nem de sua paisagem. Mas entendese que este estudo contribuiu para o aprofundamento de métodos que tenham como objetivo identificar valores patrimoniais, na busca de subsídios para a gestão do patrimônio cultural paisagístico.

Referências Bibliográficas

ALVES, Teresa. Paisagem – em busca do lugar perdido. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa, XXXVI, 72, pp.67–74, 2001.

ANDRADE, Tarcísio Bahia de. *Paisagem e Arquitetura no Rio de Janeiro: iconografia do olhar conciliador de pintores e arquitetos.* 2002. 205 f. Tese (Doutorado) - Universidad Politécnica de Cataluña, Barcelona, 2002.

AREND, Sílvia, BRANCHER, Ana (Org.). *História de Santa Catarina no século XIX.* Florianópolis: UFCS, 2001.

______. *História de Santa Catarina - séculos XVI a XIX.* Florianópolis: UFSC, 2004.

BAUER, Letícia. Relatório final da pesquisa histórica sobre São Francisco do Sul/SC (1880-1930). In: *Estudos para elaboração do plano de preservação do Centro Histórico de São Francisco do Sul*. Florianópolis: 11ªSR/Iphan/SC, 2008.

BELCHIOR, E. de O. Introdução. In: BERGER, P. *O Rio de ontem no cartão-postal* 1900-1930. Rio de Janeiro, RIOARTE, 1983

BEREZIARTUA, Miren Askasibar. Política y Normativa del Paisaje en Europa. Lurralde: Investigación y Espacio, Instituto Geográfico Vasco, n. 21, 1998.

BERQUE, Augustin. Les raisons du paysage - De la Chine antique aux environnements de synthèse. Paris: Hazan, 1995.

______. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Probemática para uma Geografia Cultural. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna: representações da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da USP, 1994.

BRASIL. Ministério da Cultura. Programa Monumenta. *Sítios históricos e conjuntos urbanos de monumentos nacionais: sudeste e sul*. Brasília: Ministérios da Cultura, Programa Monumenta, 2005. p.375

CASTRO, Sônia Rabello de. *O estado na preservação dos bens culturais: o tombamento.* Rio de Janeiro: Renovar, 1991.

CAUQUELIN, Anne. L'invention du paysage. Paris: PUF, 2000.

_____. A invenção da paisagem. São Paulo: Martins, 2007.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CHUVA, Márcia; PESSOA, José. Centro Histórico de São Francisco do Sul. In: IPHAN. *Cadernos de Documentos 2. Estudos de Tombamento*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.

COSGROVE, Denis e DANIELS, Stephen. *The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments*. Cambridge: Cambridge USA, 1989.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CURY, Isabelle (org.). *Cartas Patrimoniais*. 2ªed. rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.

DELPHIM, Carlos Fernando. *Paisagem Cultural Brasileira*. Rio de Janeiro:IPHAN, 2006. Documento de trabalho.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. *Os Significados Urbanos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2000.

FOWLER, P.J. World Heritage Cultural Landscapes 1992–2002. World Heritage Papers 6. UNESCO, 2003.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte.* Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1993.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. 16ª edição. Rio de Janeiro. LTC, 1999.

GUCHT, Daniel e VARONE, Frédéric. *Le paysage à la croisée des regards*. Bruxelas : La lettre volée, 2006

INSTITUTO BINOT PAULMIER DE GONNEVILLE. São Francisco do Sul 500 anos - Construções Históricas. São Francisco do Sul: S&A Editora, 2004.

JAKOB, Michael. L'emergence du paysage. França: Infolio Éditions, 2004.

JANSON, H.W., JANSON, Anthony F. *Iniciação à História da Arte*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia e cidade:* da razão urbana à lógica do consumo. Álbuns de São Paulo (1887-1954). São Paulo: Mercado de Letras, 197.

LINS, Hoyêdo Nunes. O porto e sua expressão econômica. In.: SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). *Muito além da viagem de Gonneville*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004. p. 165–181.

LUZ, Aujor Ávila. *Santa Catarina, quatro séculos de história*. Florianópolis: Insular, 2000.

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.* São Paulo : Ateliê editorial, 2002.

MADERUELO, Javier (org.) Paisaje y pensamiento. Madri: Abada Editores, 2006.

MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: fotografia e história, interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.73-98, 1996.

MARTÍNEZ DE PISÓN, Eduardo. Reflexión sobre el concepto de paisaje. In: *Awareness to the landscape: from perception to protection*. Council of Europe Publishing, 2001.

_____. Los componentes geográficos del paisaje. In: MADERUELO, Javier (org.) *Paisaje y pensamiento*. Madri: Abada Editores, 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, Eduardo (org.). *Turismo e Paisagem*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

MICHELON, Francisca Ferreira. *Cidade de papel: a modernidade nas fotografias impressas de Pelotas (1913–1930).* 2v. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós–Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.

NARANJO, Florencio Zoido. Proteger y Realzar el Paisaje. *Andalucía Geográfica*: Boletín de la Asociación de Geógrafos Profesionales de Andalucía, Sevilha, n. 7, nov. 2000.

NOGUÉ, Joan; SALA, Pere. *Prototipo de Catálogo de Paisaje. Bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos de Paisaje de Cataluña*. Olot y Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2006.

PEREIRA, Carlos da Costa. *História de São Francisco do Sul.* 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vinte Luas: viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PESAVENTO, Sandra. O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social. *Cultura Vozes*. São Paulo: v. 89, n.5, p.34-44, 1989.

	Muito	além	do	espaço:	por	uma	história	cultural	do	urbano.	Estudos
Históricos	. Rio d	e Jane	iro:	v. 8, n°	°16,	p.279	-290, 1	995.			

História e História C	<i>ultural</i> . Belo Horizonte:	Autêntica, 200	05 .
-----------------------	----------------------------------	----------------	-------------

_____. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História.* São Paulo: v. 15, p.9–27, 1995.

_____. O Imaginário da Cidade – Visões Literárias do Urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002

______. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frédérique (orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

Programa Monumenta - Ministério da Cultura. *Sítios históricos urbanos de monumentos nacionais: sudeste e sul.* Brasília: Ministério da Cultura, Programa Monumenta, 2005.

QUÉRIAT, Stéphanie. Les figures d'um pays. Les paysages wallons à la lumière de leur artialisation. In : GUCHT, Daniel e VARONE, Frédéric. *Le paysage à la croisée des regards*. Bruxelas : La lettre volée, 2006.

PANOFSKY, Erwin. *Estudos de Iconologia. Temas Humanísticos na arte do renascimento*.Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

PEREIRA, Vanessa Maria. São Francisco do Sul: o patrimônio que se estabelece e a paisagem que se constrói. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade). Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

POSSAMAI, Zita Rosane. *Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos - Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

RIBEIRO, Rafael Winter. *Caderno de estudos do PEP - Paisagem Cultural e Patrimônio.* Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

_____. *Paisagem Cultural e Patrimônio. Rio de Janeiro*: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RIEGL, Aloïs. El culto moderno a los monumentos. Madrid: Visor, 1987.

ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Bibliothèque des Sciences Humaines. Éditions Gallimard, 1997.

SAN THIAGO, Arnaldo. *Breve notícia histórico-descritiva do município*. São Francisco do Sul: [s.e.], 1938.

SANTOS, Sílvio Coelho. *Nova História de Santa Catarina*. 5 ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Ed. da USP, 2006.

SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). *Muito além da viagem de Gonneville*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004A.

_____. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004B.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, F.; SEVCENKO, N. *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Andréa de Souza Marques da; BUGAY, Eliane Regina. *Revitalização do Sítio Histórico de São Francisco do Sul.* Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1985.

SILVEIRA, Otávio. *O Morro do Hospício*. Documento datilografado. [s.d.].

SOUZA, Alcídio Mafra de. *Guia dos bens tombados Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1992.

UNESCO. Operational Guidelines for the implementation of the World Heritage Convention. Paris: World Heritage Centre, 2005.

VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil: 1893-1930.* São Paulo: Metalivros, 2002.

JORNAIS E REVISTAS

- A Pátria, São Francisco do Sul, 15 agosto 1905.
- A Pátria, São Francisco do Sul, 20 agosto 1905.
- A Pátria, São Francisco do Sul, 16 setembro 1906.
- A Pátria, São Francisco do Sul, 14 abril 1907.
- A Pátria, São Francisco do Sul, 5 maio 1907.
- A Pátria, São Francisco do Sul, 18 agosto 1907.
- A Pátria, São Francisco do Sul, 4 setembro 1918.
- A Pátria, São Francisco do Sul, 30 julho 1921.
- A Razão, São Francisco do Sul, 27 março 1926.
- A Razão, São Francisco do Sul, 31 julho 1926.
- A Razão, São Francisco do Sul, 14 agosto 1926.
- A Razão, São Francisco do Sul, 15 janeiro 1927.
- A Razão, São Francisco do Sul, 5 agosto 1928.
- O Município, São Francisco do Sul, 29 novembro 1912.

Revista Illustrada, Florianópolis, Anno I Nº 4, 1919.

DOCUMENTOS

Resolução aprova 115 artigos do Código de Posturas, propostos pela Câmara Municipal de São Francisco. 28 nov 1887. ASSEMBLEÍA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. São Francisco do Sul - Manuscritos Avulsos (1835-2000). Florianópolis: Centro de Memória/ Arquivo Permanente, 2004. Art. 61°, p. 97-98.

SUPERINTENDENCIA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL. Lei n. 271, de 31 de Dezembro de 1926 estabelecendo o Código de Posturas do Municipio de São Francisco do Sul. São Francisco do Sul: [s.e.], 1926. Art. 247°, 248° e 251°, p. 40–41.

CARTÕES-POSTAIS - Vide apêndice.

Apêndice

GRADE INTERPRETATIVA DOS CARTÕES-POSTAIS DE SÃO FRANCISCO DO SUL (1900-19300)

1		CÓDIGO: 0	1 A
IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM	
ID. COLEÇÃO	Edição Casa Eduardo Shwartz, Joinville (colorizados)	FRENTE Vote de Sie Francis 5 - 10 TIP	
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular		Ĥ
DESCRITORES ICÔNIC	cos		
LOCALIZAÇÃO	_ V NUCLEO	IA VERSO	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	- VISTA	S POLHETE POSTAL	9
ESTRUTURA	_ ☐ BASE TERRA ☐ BASE ÁGUA 📝 BASE VERDE	DE The sale learn of agree and	
FORMA	 ✓ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍD ☐ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO ☐ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO 	The state of the s	48
FUNÇÕES/ATIVIDADES		allow a more for the de an	uro
	✓ MORAR		
ELEMENTOS	_ ☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJU	UNTO ARQUITETÔNICO	
		RO PRÓXIMO MONTANHA FUNDO	
	▼ RUA ARBORIZAÇÃO TRANS	SPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO	
UNIDADES	☑ U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	ÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO	
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA	
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA	
		U7 OUTRAS UNIDADES	
DESCRITORES SOCIAL	S E DE CIRCULAÇÃO		
LOCAL POSTAGEM	Hoje vou	u collocar no Correio uma carta e alguns cartões (6) para voce e dois Cotinha, pois não quero que ella fique triste não recebendo cartões po pai.	
LOCAL DESTINO	Brasil - Rio de Janeiro Recomer Seu xxxx Madame		
	Jayme G Vista de São Francisco E. de Sá	Gomes na xxxxxx 48 á	
IMPRESSO FRENTE	Rio de Já	Janeiro	
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal Edição da Casa Eduardo Schwartz, Joinville Correspondência/Endereço		
EDITOR	Casa Eduardo Schwartz, Joinville		
INDICADOR DATA	1914		

✓ PORTUGUÊS

FRANCÊS

ALEMÂO

CONTEÚDO ESCRITO

✓ POSSUI SELO

2
_

CÓDIGO: 01B

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Edição Casa Eduardo Shwartz, Joinville (colorizados) FRENTE
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular
DESCRITORES ICÔNIO	cos
LOCALIZAÇÃO	 NUCLEO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL VERSO BILHETE-POSTAL Correspondence
ESTRUTURA	BASE TERRA BASE ÁGUA ☑ BASE VERDE
FORMA	■ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— CONTEMPLAR CONVIVER ✓ REZAR
	✓ CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR
ELEMENTOS	✓ CÉU ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	□ BAÍA PESSOAS MORRO PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	▼ RUA ▼ ARBORIZAÇÃO TRANSPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO □ U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS F DF CIRCUI AÇÃO não utilizado
LOCAL POSTAGEM	não utilizado
LOCAL DESTINO	não utilizado
	Vista de São Francisco
IMPRESSO FRENTE	
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal Edição da Casa Eduardo Schwartz, Joinville Correspondência/Endereço 106910
EDITOR	Casa Eduardo Schwartz, Joinville
INDICADOR DATA	não há
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

3

CÓDIGO: 01C

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Edição Casa Eduardo Shwartz, Joinville (colorizados)	FRENTE
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular	
		O'COOM!
DESCRITORES ICÔNIO	COS	
LOCALIZAÇÃO		VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	BILHETE POSTAL Correspondencia Entereço
ESTRUTURA	☑ BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERD	DE
FORMA	▼ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	DO I dayme form
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ☐ CONTEMPLAR 🗸 CONVIVER ☐ REZAR	
	☐ MORAR	
	✓ CIRCULAR NAVEGAR ✓ COMPRAR	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJ	UNTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS	RO PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	▼ RUA	SPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BA	NÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	AIS E DE CIRCULAÇÃO Jayme	Gomes
LOCAL POSTAGEM	não utilizado, mas deduze-se Rio de Janeiro	
LOCAL DESTINO	não utilizado, mas deduze-se Rio de Janeiro	
	Vista de São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal Edição da Casa Eduardo Schwartz, Joinville Correspondência/Endereço 106911	
EDITOR	Casa Eduardo Schwartz, Joinville	
INDICADOR DATA	1914 (por dedução, mesmo usuário 01A)	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

4

✓ POSSUI SELO

CÓDIGO: 01D

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Edição Casa Eduardo Shwartz, Joinville (colorizados) FRENTE
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular
DESCRITORES ICÔNIC	os
LOCALIZAÇÃO	NUCLEO ZONA ZONA PORTURÁRIA FERROVIÁRIA
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO VISTA PANORÂMICA VISTA PONTUAL VISTA PONTUAL PONTUAL
ESTRUTURA	BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERDE BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERDE BASE TERRA BASE ÁGUA BASE ÁGUA BASE VERDE
FORMA	✓ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO Ono mia Paula Treitas 61
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO Prior grande.
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO Louhaves Landa Als Oro de Janeiro
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR
	✓ MORAR
	✓ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ✓ COMPRAR
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	☑ BAÍA ☑ PESSOAS ☑ MORRO PRÓXIMO ☑ MONTANHA FUNDO
	☑ RUA ☑ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANSPORTE TERRESTRE ☑ TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	☑ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	Sao Francisco
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina Boa Viagem, sigo Rio Grande. Lembranças Saudades
LOCAL DESTINO	Brasil - Rio de Janeiro Xxxxxx
	Vista de São Francisco Mile Alvonne Leite Paula Freitas 61 Copacabana Rio de Janeiro
IMPRESSO FRENTE	I lid de danone
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal Edição da Casa Eduardo Schwartz, Joinville Correspondência/Endereço 106900
EDITOR	Casa Eduardo Schwartz, Joinville
INDICADOR DATA	1914
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO ✓ PORTUGUÊS ☐ FRANCÊS ☐ ALEMÂO

CONTEÚDO ESCRITO ✓ PORTUGUÊS

5	

POSSUI SELO

CÓDIGO:

☐ FRANCÊS

PORTUGUÊS

CONTEÚDO ESCRITO

✓ ALEMÂO

01E

			CODIGO.	UIL
IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM		
ID. COLEÇÃO	Edição Casa Eduardo Shwartz, Joinville (colorizad	OS) FRENTE S. Francisco — Trapiche C. H.	pepcke & C.	
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar			031/4
DESCRITORES ICÔNIC	cos		THE PARTY OF THE P	
LOCALIZAÇÃO	— NUCLEO ✓ ZONA DORTURÁRIA FERROV			
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUA		HETE POSTAL	107041
ESTRUTURA	BASE TERRA ✓ BASE ÁGUA 🗌 BASE VE	ERDE THE STANDARD CONTROL OF T	of Horne	6. 11
FORMA	□ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO□ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	2 0/n : 1/h 1/		2) 2)
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONTEMPLAR CONVIVER REZAR MORAR	R		
ELEMENTOS	☑ CÉU ☑ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ CO	NJUNTO ARQUITETÔNICO		
			ITANHA FUNDO NSPORTE MARÍTIMO	
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO	/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONO	GA - NÚCLEO URBANO	
	☐ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCAI☐ ☐ U3 RUA DA BABITONGA	U5 ÁREA FERROVIÁR ✓ U6 ÁREA PORTUÁRIA □ U7 OUTRAS UNIDADE		
DESCRITORES SOCIA		sse aus São Francisco Deinem lieben Kurt.		
LOCAL POSTAGEM	não há End Herr	ereço: rn Richard v.Diringshofen		
LOCAL DESTINO	Join Brasil - Joinville Saur	ville dações de São Francisco de		
IMPRESSO FRENTE	S Francisco - Traniche C Hoepcke & C Ende	querido Kurt ereço: hor Richard v. Diringshofen		
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal Edição da Casa Eduardo Schwartz, Joinville Correspondência/Endereço 107041	dução Gessy Deppe e Sandro Luis Schli	ndwein	
EDITOR	Casa Eduardo Schwartz, Joinville			
INDICADOR DATA	1914			

44

CÓDIGO: 01F

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Edição Casa Eduardo Shwartz, Joinville (colorizados	FRENTE Plate de Sán Francisco
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular	
DESCRITORES ICÔNIC	OS	
LOCALIZAÇÃO	_ NUCLEO	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO //BILHETE POSTAL Correspondencia Engletego
ESTRUTURA	_ BASE TERRA □ BASE ÁGUA 📝 BASE VER	9 - 1'11 / +
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRU	2 6
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	See Trans
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	Grand Chart OF A
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR	Capital Balles
	☐ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	
	☐ CIRCULAR ☐ NAVEGAR ☐ COMPRAR	3
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ CON	NJUNTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA PESSOAS ✓ MOR	RRO PRÓXIMO 📝 MONTANHA FUNDO
	☐ RUA ☐ ARBORIZAÇÃO ☐ TRAN	NSPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BA	BAÍA 🔲 U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	O ☑ U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAIS		s saudades do Cesar.
LOCAL POSTAGEM	Brasil - São Francisco do Sul 182, R	ıhorita Marina H. Xavier Rua Gustavo Sampaio . Capital Federal
LOCAL DESTINO	Brasil - Rio de Janeiro	·
	Porto de São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	Bilhete Postal Edição da Casa Eduardo Schwartz, Joinville Correspondência/Endereço	
EDITOR	Casa Eduardo Schwartz, Joinville	
INDICADOR DATA	1910	
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

50

CÓDIGO: 01G

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Edição Casa Eduardo Shwartz, Joinville (coloriz	rados) FRENTE
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul (reprodução preto e branco)	
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	— ☑ NUCLEO ☐ ZONA ☐ ZONA URBANO PORTURÁRIA FERR	OVIÁRIA
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONT	VERSO L UAL
ESTRUTURA	☑ BASE TERRA ☐ BASE ÁGUA ☐ BASE	VERDE
FORMA	☐ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CON✓ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO☐ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	STRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— CONTEMPLAR ✓ CONVIVER REZA	R
	MORAR ✓ TRABALHAR ☐ LAZE ✓ CIRCULAR ☐ NAVEGAR ✓ COM	
ELEMENTOS	✓ CÉU ✓ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓	CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	□ BAÍA ✓ PESSOAS ☑ RUA □ ARBORIZAÇÃO	MORRO PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO TRANSPORTE TERRESTRE ☐ TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍ	CIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MER	
	✓ U3 RUA DA BABITONGA	☐ U6 ÁREA PORTUÁRIA☐ U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO	não tive acesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	Vista de São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	Casa Eduardo Schwartz, Joinville	
INDICADOR DATA	não há	
POSSULSELO	CONTEÚDO ESCRITO	□ PORTUGUÊS □ FRANCÊS □ ALEMÂO

POSSUI SELO

CÓDIGO: 02A

02A	
-----	--

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	"São Francisco" manuscrito na frente Papel fotográfico	FRENTE
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar	
DESCRITORES ICÔNIO	cos	dum
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO	São Francisco
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VISTA	VERSO
ESTRUTURA	BASE TERRA □ BASE ÁGUA 📝 BASE VERDE	
FORMA	_ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— √ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER √ REZAR	
	✓ MORAR	
	✓ CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR	
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUN	TO ARQUITETÔNICO
	☐ BAÍA PESSOAS MORRO	PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	▼ RUA ▼ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANSP	ORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DECODITORES SOCIA	NO E DE OLDOUI AO ÃO	esso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	São Francisco	
IMPDESSO EDENTE		
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não há indicação de editor	
INDICADOR DATA	não há	

PORTUGUÊS

CONTEÚDO ESCRITO

FRANCÊS

ALEMÂO

7

POSSUI SELO

CÓDIGO:

02B

		CODIGO. UZB
IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	"São Francisco" manuscrito na frente Papel fotográfico	FRENTE
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar	
DESCRITORES ICÔNIO	cos	
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO ZONA ZONA ZONA FERROVIÁRIA	Sau Francisco
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	— ✓ VISTA	VERSO
ESTRUTURA	BASE TERRA BASE ÁGUA ✓ BASE VERDE	
FORMA		
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR CONVIVER ✓ REZAR	
	✓ MORAR TRABALHAR LAZER	
	✓ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUN	NTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS ✓ MORRO	PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	▼ RUA	PORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	✓ U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	AIS E DE CIRCULAÇÃO não tive ac	cesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	não há	

PORTUGUÊS

CONTEÚDO ESCRITO

☐ FRANCÊS

ALEMÂO

CÓDIGO: 02C

02C

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM	
ID. COLEÇÃO ACERVO	"São Francisco" manuscrito na frente Papel fotográfico FRENTE Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar	
DESCRITORES ICÔNIC	COS	
LOCALIZAÇÃO	URBANO VIDAGE VIDAGE	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO — ☑ VISTA	
ESTRUTURA	_	
FORMA	 ✓ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO ☐ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO ☐ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO 	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ✓ REZAR	
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	
	✓ CIRCULAR ✓ NAVEGAR COMPRAR	
ELEMENTOS	✓ CÉU ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ BAÍA ✓ PESSOAS ✓ MORRO PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO ✓ RUA ✓ ARBORIZAÇÃO TRANSPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO	
UNIDADES	☑ U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA ☐ U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO	
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA	
	U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA	
	U7 OUTRAS UNIDADES	
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não tive acesso ao verso	
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	não há	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO	

CÓDIGO: 02D

ı	00D
ı	U2D

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM	
ID. COLEÇÃO	"São Francisco" manuscrito na frente Papel fotográfico FRENTE	
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular	
DESCRITORES ICÔNIC	COS	
LOCALIZAÇÃO	— V NUCLEO URBANO DORTURÁRIA FERROVIÁRIA PORTURÁRIA PORTURA POR	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	
ESTRUTURA	_	
FORMA	_ ☑ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	─ CONTEMPLAR CONVIVER REZAR	
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	
	☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ✓ COMPRAR	
ELEMENTOS	✓ CÉU ✓ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO	
	✓ BAÍA PESSOAS MORRO PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO	
	☑ RUA	
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO	
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA	
	☐ U3 RUA DA BABITONGA ☐ U6 ÁREA PORTUÁRIA	
	U7 OUTRAS UNIDADES	
	~	
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não utilizado	
LOCAL POSTAGEM	não utilizado	
LOCAL DESTINO	não utilizado	
	São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	não utilizado	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	impressão direta em papel fotográfico	
INDICADOR DATA	não há	
DOSSUISELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO	

	47
1_	47

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO: 02E

ID. COLEÇÃO	"São Francisco" manuscrito na frente Papel fotográfico	FRENTE	
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular		The state of the s
DESCRITORES ICÔNIC	OS		
LOCALIZAÇÃO	- ☑ NUCLEO ☐ ZONA ☐ ZONA URBANO PORTURÁRIA FERROVIÁRIA		Sao Francisco
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	- ✓ VISTA	VERSO	#
ESTRUTURA	BASE TERRA □ BASE ÁGUA 📝 BASE VERDE		
FORMA	□ □ □ □ □ □ □)	
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO		7
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO		
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- ✓ CONTEMPLAR		hX (LEONAR)
	_	-	
	✓ MORAR ✓ TRABALHAR □ LAZER □ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ✓ COMPRAR		
ELEMENTOS			
		PRÓXIMO PORTE TERRI	✓ MONTANHA FUNDOESTRE ✓ TRANSPORTE MARÍTIMO
	TION W ANDONIZAÇÃO	OTTL TETIT	THANSI OTTE MARTINIO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4	BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 /	ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA		ÁREA PORTUÁRIA
		U7	OUTRAS UNIDADES
DECORITORES COCIAI	S F DF CIRCUI ACÃO não utiliza	udo.	
DESCRITORES SOCIAL	<u> </u>		
LOCAL POSTAGEM	não utilizado		
LOCAL DESTINO	não utilizado		
	São Francisco		
IMPRESSO FRENTE			
IMPRESSO FRENTE			
IMPRESSO VERSO	Leonar		
EDITOR	impressão direta em papel fotográfico		
INDICADOR DATA	não há		
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	RTUGUÊS	FRANCÊS ALEMÂO

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO:

IMAGEM

02F

ID. COLEÇÃO	"São Francisco" manuscrito na frente Papel fotográfico	FRENTE 1928 para fundamental las Others de Ports	
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul		
DESCRITORES ICÔNIC	cos	São Francisco	
LOCALIZAÇÃO	URBANO ✓ ZONA ZONA PORTURÁRIA FERROVIÁF	VERSO	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VENOU	
ESTRUTURA	_ ☐ BASE TERRA 📝 BASE ÁGUA 🗌 BASE VERI	DE	
FORMA	_	ÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO		
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO		
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR		
	☐ MORAR		
	☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR		
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ CONJUNTO ARQUITETÔNICO		
		RO PRÓXIMO 📝 MONTANHA FUNDO	
	_	SPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO	
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BA	NÍA 🔲 U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO	
ONIDADEO	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO		
	U3 RUA DA BABITONGA	✓ U6 ÁREA PORTUÁRIA	
		U7 OUTRAS UNIDADES	
DESCRITORES SOCIAL	IS E DE CIRCULAÇÃO	e acesso ao verso	
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso		
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso		
	São Francisco		
IMPRESSO FRENTE			
	não tive acesso ao verso		
IMPRESSO VERSO	and tive acesso do verso		
EDITOR	impressão direta em papel fotográfico		
INDICADOR DATA	não há		
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO	

|--|

EDITOR

INDICADOR DATA

POSSUI SELO

CÓDIGO:

☐ FRANCÊS

ALEMÂO

PORTUGUÊS

02G

		CODIGO. UZG
IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	"São Francisco" manuscrito na frente Papel fotográfico	FRENTE
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul	
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	URBANO □ ZONA □ ZONA PORTURÁRIA □ FERROVIÁRIA	VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	■ BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERDE	
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	✓ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— CONTEMPLAR ✓ CONVIVER REZAR	
	✓ MORAR ✓ TRABALHAR ✓ LAZER	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☑ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUN	ITO ARQUITETÔNICO
	☐ BAÍA ✓ PESSOAS ☐ MORRO	PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	▼ RUA	ORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não tive ac	cesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		

impressão direta em papel fotográfico

CONTEÚDO ESCRITO

não há

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO:

IMAGEM

03A

ID. COLEÇÃO	Edition de la Mission de Propagande	FRENTE	
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular		
DESCRITORES ICÔNIC	cos		
LOCALIZAÇÃO	_ □ NUCLEO		88581. — East de Santa Carbarina. — São Finnsiaco do Sal foliam de la Nome de Propagado. — Porto, D. Indirestil des Ital mo
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA VISTA VISTA PONTUAL	VERSO	CARTE POSTALE Alterdic relation de des contragraciones y (Decres contrast à l'autress)
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA 📗 BASE ÁGUA 📗 BASE VERDE		
FORMA		0	
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	-	
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO		
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- ☑ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR		
	MORAR ✓ TRABALHAR ☐ LAZER	-	
	CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR		
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUI	NTO ARQUITE	TÔNICO
ELEMENTOS		PRÓXIMO	✓ MONTANHA FUNDO
		PORTE TERRI	
			-
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA		BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U3 RUA DA BABITONGA		ÁREA FERROVIÁRIA ÁREA PORTUÁRIA
	GOTTON DA BABITONGA		OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	IS E DE CIRCULAÇÃO não utiliza	ado	
LOCAL POSTAGEM	não utilizado		
LOCAL DESTINO	não utilizado		
LOCAL DESTINO			
	Brésil – État de Santa Catharina – São Francisco do Sul		
IMPRESSO FRENTE	Édition de la Mission de Propagande – Paris, 28, boulevard des Italiens		
IMPRESSO VERSO	Carte Postale (Partie réservée à la correspondance) (Partie réservée à l'adresse)		
EDITOR	Edition de la Mission de Propagande		
INDICADOR DATA	1909 (data da missão)		
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	RTUGUÊS	☐ FRANCÊS ☐ ALEMÂO

|--|

CÓDIGO: 03B

IDENTIFICAÇÃO	<u>IMAGEM</u>
ID. COLEÇÃO	Edition de la Mission de Propagande FRENTE
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular
DESCRITORES ICÔNIO	COS
LOCALIZAÇÃO	NUCLEO URBANO PORTURÁRIA FERROVIÁRIA VERCO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO — ✓ VISTA
ESTRUTURA	— □ BASE TERRA 📝 BASE ÁGUA □ BASE VERDE
FORMA	_ ☐ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	□ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO □ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO □ A Hoannus
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER
	✓ CIRCULAR ✓ NAVEGAR COMPRAR
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	RUA ☐ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANSPORTE TERRESTRE ✓ TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	Chère Mariette, Lundi soir nous avons dû voyager en Réservé tant il y avait du monde. Victor était à la gare, attendant Louise. Tante Céline est revenue bien fatiguée du bal ;
LOCAL POSTAGEM	Bélgica - Bruxelas elle dit que ton papa est un vieux xxxx de faire encore le jeune homme ainsi. J espérais que tu serais revenu avec tante car je m'ennui bien ici sans gosse. A bientôt j'espère. Nous t'embrassons. Camille
LOCAL DESTINO	não há Querida Mariette, Segunda-feira à noite nós tivemos que viajar com lugar reservado de
IMPRESSO FRENTE	Brésil – État de Santa Catharina – São Francisco do Sul Édition de la Mission de Propagande – Paris, 28, boulevard des Italiens tanta gente que havia. Victor estava na estação, esperando Louise. Tia Céline voltou bem cansada do baile, ela disse que o teu pai é um velho xxxx de fazer estilo homem jovem assim. Eu estava esperando que tu viesse com a tia pois esta um tédio aqui sem crianças. Até logo eu espero. Um abraço de todos, Camille
	Tradução: Daniela Cañas e Julian Quero
IMPRESSO VERSO	Carte Postale (Partie réservée à la correspondance) (Partie réservée à l'adresse)
EDITOR	Edition de la Mission de Propagande
INDICADOR DATA	1910
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO

11

CÓDIGO: 03C

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Edition de la Mission de Propagande FRENTE
ACERVO	encontrado em www.mercadolivre.com.br
DESCRITORES ICÔNIC	cos
LOCALIZAÇÃO	URBANO ZONA ZONA DORTURÁRIA FERROVIÁRIA
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO — ☑ VISTA
ESTRUTURA	_
FORMA	□ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR
	MORAR ✓ TRABALHAR □ LAZER
	☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR
ELEMENTOS	_ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS
	□ RUA □ ARBORIZAÇÃO □ TRANSPORTE TERRESTRE ▼ TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA ✓ U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	☐ U3 RUA DA BABITONGA ☐ U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não tive acesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso
IMPRESSO FRENTE	Brésil – État de Santa Catharina – São Francisco do Sul Édition de la Mission de Propagande – Paris, 28, boulevard des Italiens
	não tive acesso ao verso
IMPRESSO VERSO	
EDITOR	Edition de la Mission de Propagande
INDICADOR DATA	1909 (data da missão)
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

13

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO: 03D

ı	
ı	በያከ
П	000

ID. COLEÇÃO	Edition de la Mission de Propagande	FRENTE
ACERVO	encontrado em www.postcardman.net	
DESCRITORES ICÔNIC	60S	
LOCALIZAÇÃO	NUCLEO	MASICA — Note the Barrie Contention. — Contention of their francisco de Sed forces on its findes to Supplement. — Parts, dl. precised de Sedan. VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	_ ₩ BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERDE	
FORMA	_ ▼ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES		
TONGOLOFANTIDADLO	CONTEMPLAR CONVIVER REZAR	
	☐ MORAR	
	☐ CIRCULAR ☐ NAVEGAR ✔ COMPRAR	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUN	ITO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS ✓ MORRO	PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	▼ RUA	ORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA	— ☐ U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
		_
DESCRITORES SOCIAL	S E DE CIRCULAÇÃO	cesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	Brésil – État de Santa Catharina – le marché de São Francisco do Sul - Édition de la Mission de	
IMPRESSO FRENTE	Propagande – Paris, 28, boulevard des Italiens	
IMITIESSO TITERTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	Edition de la Mission de Propagande	
INDICADOR DATA	1909 (data da missão)	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	RTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

CÓDIGO: 03E

03E

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Edition de la Mission de Propagande	FRENTE
ACERVO	encontrado em www.postcardman.net	
DESCRITORES ICÔNIC	cos	Day
LOCALIZAÇÃO	URBANO ZONA ☐ ZONA ☐ ZONA FERROVIÁRIA	VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VEHOO
ESTRUTURA	BASE TERRA BASE ÁGUA 🗹 BASE VERDE	
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	0
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ✓ REZAR	
	✓ MORAR	
	☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR	
ELEMENTOS	LEMENTOS	
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS ✓ MORRO	PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	☐ RUA ✓ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANSF	PORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
U3 RUA DA BABITONGA		U6 ÁREA PORTUÁRIA
		✓ U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO	cesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	Brésil – État de Santa Catharina – São	
Francisco do Sul Édition de la Mission de Propagande – Paris,		
IMPRESSO FRENTE	28, boulevard des Italiens	
não tive acesso ao verso		
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	Edition de la Mission de Propagande	
INDICADOR DATA	1909 (data da missão)	
☐ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	DRTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

1	5

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO: 03F

ı	00E
ı	U3F

ID. COLEÇÃO	Edition de la Mission de Propagande	FRENTE	
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar		
		Total and of the	
DESCRITORES ICÔNIC	os	7 7 7 7	
LOCALIZAÇÃO	_ NUCLEO	BRÉSIL. — État de Santa Catharina. — Gare de chemin de fer de S. Francisco do Sul Elitios de la Mission de Propagando. — Paris, 28, Josépard des Italians.	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO	
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA		
FORMA	_ ☐ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO		
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO ☐ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO		
FUNÇÕES/ATIVIDADES			
	CONTEMPLAR CONVIVER REZAR		
	MORAR ✓ TRABALHAR LAZER □ CIRCULAR □ NAVEGAR □ COMPRAR		
	CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR		
ELEMENTOS		ITO ARQUITETÔNICO	
	☐ BAÍA PESSOAS	PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO	
	RUA ARBORIZAÇÃO TRANSP	ORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO	
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO	
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	✓ U5 ÁREA FERROVIÁRIA	
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA	
		U7 OUTRAS UNIDADES	
DESCRITORES SOCIAL	S E DE CIRCULAÇÃO	cesso ao verso	
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso		
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso		
	Brésil – État de Santa Catharina – Gare de		
IMPRESSO FRENTE	chemin de fer de S. Francisco do Sul - Édition de la Mission de Propagande – Paris, 28, boulevard des Italiens		
INITITE COO THEIRTE			
	não tive acesso ao verso		
IMPRESSO VERSO			
EDITOR	Edition de la Mission de Propagande		
INDICADOR DATA	1909 (data da missão)		
☐ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	RTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO	

|--|

CÓDIGO:

04A

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM

ID. COLEÇÃO	Eugen Currlin, Blumenau FRENTE
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar
DESCRITORES ICÔNIC	DOS TO STATE OF THE PROPERTY O
LOCALIZAÇÃO	NUCLEO URBANO PORTURÁRIA FERROVIÁRIA ZONA SONA PORTURÁRIA FERROVIÁRIA Alfandega gas Sao Francisco. — Zollhaus in Sao Francisco.
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO VISTA PANORÂMICA VISTA PARCIAL VISTA PONTUAL VISTA PONTUAL VERSO VERSO VERSO VERSO VISTA PONTUAL PONTUAL VISTA PONTUAL PONTUAL
ESTRUTURA	■ BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERDE
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO O De les por les
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO ☐ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO ☐ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONTEMPLAR ✓ CONVIVER ☐ REZAR MORAR ✓ TRABALHAR ☐ LAZER
	☐ CIRCULAR ☐ NAVEGAR ☐ COMPRAR
ELEMENTOS	✓ CÉU ✓ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS ✓ MORRO PRÓXIMO
	▼ RUA
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES

DESCRITORES SOCIAIS E DE CIRCULAÇÃO

LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina
LOCAL DESTINO	Bélgica - Liége
	No.35. Verlag der Buchhandlung Eugen Currlin in Blumenau - Alfandega em Sao Francisco – Zollhaus in Sao Francisco
IMPRESSO FRENTE	Zolinaus III Gao i Tancisco
	Bilhete Postal
	Brasil
IMPRESSO VERSO	(Neste Lado só o Endereço.)
EDITOR	Eugen Currlin
INDICADOR DATA	1905
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO

Monsieur et Mme Ferette
Mil saudades d'esta et de Mlle Anna F.
26-10-1905

Monsieur et Mme Ferette Rue Hulles 70 Liége Belgique

✓ PORTUGUÊS

ALEMÂO

|--|

CÓDIGO: 04B

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Eugen Currlin, Blumenau FRENTE
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul
	TOTAL SUFFICION CONTRACTOR OF THE PARTY OF T
DESCRITORES ICÔNIC	COS
LOCALIZAÇÃO	■ NUCLEO URBANO DORTURÁRIA FERROVIÁRIA
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO _ UISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA
FORMA	■ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	_ CONTEMPLAR ✓ CONVIVER REZAR
	✓ MORAR ✓ TRABALHAR ☐ LAZER
	☐ CIRCULAR ☐ NAVEGAR ✔ COMPRAR
ELEMENTOS	_ CÉU
	☑ BAÍA ☑ PESSOAS
	▼ RUA
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA □ U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	Saudações
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso Querida, xxxxxxxxxx É os votos de tua sincera amiga
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso Mariquinha Mariquinha
	São Francisco do Sul - Série São Francisco
	N°1. Verlag der Buchhandlung Eugen Currlin in Blumenau
IMPRESSO FRENTE	
	não tive acesso ao verso
IMPRESSO VERSO	
EDITOR	Eugen Currlin, Blumenau
INDICADOR DATA	1906
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

21
OΙ

CÓDIGO:

05A

IDENTIFICAÇÃO			IMAGE	EM
ID. COLEÇÃO	Vert. V. Albert Aust Hamburg		FRENTE	
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar			
				3 Juli 16. Sis Francisco List Javillen Liste Youther & Polivera Horn fins of h ungslangh neif to James; taket son Preantique furthern lander
DESCRITORES ICÔNIC	COS			The manage a high min lan ton
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO ZONA PORTURÁRIA	ZONA FERROVIÁRIA		Aspen Thippower for family for facility and
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA USTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL □	VISTA PONTUAL	VERSO	Alsonder Farker funer 3. 11 the Trungs am Jor 15 Tan Billett Postal.
ESTRUTURA	BASE TERRA ✓ BASE ÁGUA	BASE VERDE		Trace Jennary!
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃ	O CONSTRUÍDO	0	Tharia & Therrest Jantenhauser
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO			(2) NOTAL STREET CHINAMA
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	0		CATE TOURCHEN
FUNÇÕES/ATIVIDADES	GONTEMBLAD CONVIVER	REZAR		Mr. 11122 39/4.
				34
	✓ MORAR ✓ TRABALHAR ☐ CIRCULAR ☐ NAVEGAR ☐	LAZER COMPRAR		
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO	✓ CONJUI	NTO ARQUIT	ETÔNICO
	✓ BAÍA ☐ PESSOAS	MORRO	PRÓXIMO	✓ MONTANHA FUNDO
	☐ RUA ☐ ARBORIZAÇÃO	TRANSF	PORTE TERF	RESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO H	HOSPÍCIO/BAÍA	. V U4	BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIX	A/MERCADO	U5	ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA		□ U6	ÁREA PORTUÁRIA
			☐ U7	OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO	3.Juli 06	cisco – Süd B	rasilian
LOCAL POSTAGEM	Brasil - São Francisco	Liebe Mut Paranagu Lothar(?)	ter und Schw a. Einstweiler	ester. Eben hier gut angelangt nach 6 stündiger Fahrt von n die besten Grüße von hier sendet Euer dankbarer Sohn
LOCAL DESTINO	Alemanha - Munique	São Franc	o de 1906 cisco – Sul do	
	São Francisco Vert. V. Albert Aust Hamburg			heguei bem aqui, após uma viagem de 6 horas de nto as melhores saudações daqui lhes envia vosso grato filho
IMPRESSO FRENTE		Absender Germany	: Partenhaus	er zur Zeit São Franzisko an Bord S.S.Karthago
	Bilhete Postal	Frau Mar München Remetent	Baadertraße e: Partenhaus	errese Partenhauser . 39/4 ser, no momento São Francisco a bordo do S.S.Karthago.
IMPRESSO VERSO			Maria e Therre	ese Partenhauser e 39/4 (Rua Baaderstrasse nr.39 – 4º andar)
EDITOR	Vert. V. Albert Aust Hamburg	7 '		Schlindwein e Gessy Deppe
INDICADOR DATA	1916			
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRIT	O PC	RTUGUÊS	☐ FRANCÊS ✔ ALEMÂO

27

CÓDIGO: 05B

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Vert. V. Albert Aust Hamburg	FRENTE
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular	
^		
DESCRITORES ICÔNIC	cos	Saő Francisco
LOCALIZAÇÃO	URBANO ZONA ☐ ZONA ☐ ZONA FERROVIÁRIA	VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA VISTA VISTA VISTA PONTUAL	Bilhete Postal.
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA	
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	00
	✔ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONTEMPLAR CONVIVER ✓ REZAR	
	MORAR ✓ TRABALHAR ☐ LAZER	-
	CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☑ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ CONJUI	INTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS	O PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	RUA ARBORIZAÇÃO TRANSF	PORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	A U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	✓ U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não utiliza	ado
LOCAL POSTAGEM	não utilizado	
LOCAL DESTINO	não utilizado	
IMPRESSO FRENTE	São Francisco Vert. V. Albert Aust Hamburg	
	Bilhete Postal	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	Vert. V. Albert Aust Hamburg	
INDICADOR DATA	não há	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	ORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

28

CÓDIGO: 05C

IDENTIFICAÇÃO		_ IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Vert. V. Albert Aust Hamburg	FRENTE
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular	
	·	
DESCRITORES ICÔNIO	cos	
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO	San Pransision
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	— ✓ VISTA	VERSO Bilhete Postal.
ESTRUTURA	BASE TERRA □ BASE ÁGUA 📝 BASE VERDI	
FORMA	▼ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍD	00
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR	
	✓ MORAR	
	☐ CIRCULAR ☐ NAVEGAR ☐ COMPRAR	
ELEMENTOS	▼ CÉU	INTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA PESSOAS ✓ MORRO	O PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	▼ RUA	PORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍ	A U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	NIS E DE CIRCULAÇÃO	rado
LOCAL POSTAGEM	não utilizado	
LOCAL DESTINO	não utilizado	
	Saő Francisco Vert. V. Albert Aust Hamburg	
IMPRESSO FRENTE		
	Bilhete Postal	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	Vert. V. Albert Aust Hamburg	
INDICADOR DATA	não há	
□ POSSULSELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	DRTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

54	

CÓDIGO: 06A

IDENTIFICAÇÃO					IMAGEI	М	
ID. COLEÇÃO	Coleção anos 20. E superiores.	Emoldurados. Des	crição nos	cantos	FRENTE	Rua Babitanga Sa	o Francisco di Sul - Brasil
ACERVO	Museu Histórico de	São Francisco do	Sul				
DESCRITORES ICÔNIC	cos					is to the second	
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO URBANO	ZONA PORTURÁRIA	ZON.	A ROVIÁRIA			
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA PANORÂMICA	VISTA PARCIAL	☐ VIST PON	A TUAL	VERSO		
ESTRUTURA	_ ✓ BASE TERRA	BASE ÁGUA	BAS	E VERDE			
FORMA	_	RE CONSTRUÍDO E	E NÃO COI	NSTRUÍDO)		
	✓ PREDOMINÂNC	A DO CONSTRUÍDO)				
	PREDOMINÂNC	A DO NÃO-CONSTF	RUÍDO				
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONTEMPLAR	✓ CONVIVER	REZ	AR			
	✓ MORAR	TRABALHAR	✓ LAZE	:R	_		
	✓ CIRCULAR	NAVEGAR	✓ COM	PRAR			
ELEMENTOS	CÉU 🗸 I	ELEM. ARQUITETÔN	NICO 🗸] CONJUN	TO ARQUITE	TÔNICO	
	☐ BAÍA 🗸 F	PESSOAS] MORRO	PRÓXIMO	✓ MONTANHA FUNDO	
	RUA	RBORIZAÇÃO		TRANSP	ORTE TERRE	ESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO	
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA	A D'ÁGUA - MORRO	DO HOSP	ÍCIO/BAÍA	U4 E	BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO	
	U2 MORRO DO H	OSPÍCIO - MORRO (CAIXA/MEF	RCADO	U5 Á	ÁREA FERROVIÁRIA	
	✓ U3 RUA DA BABIT	ONGA			☐ U6 Æ	REA PORTUÁRIA	
					U7 (DUTRAS UNIDADES	
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCUL	AÇÃO		não tive ac	esso ao verso)	
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao ve	°SO					
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao ve	so					
	Rua Babitonga - São l	Francisco do Sul - Bra	asil				
IMPRESSO FRENTE							
	não tive acesso ao ve	so					
IMPRESSO VERSO							
EDITOR	não tive acesso ao ve	so					
INDICADOR DATA	não há						
POSSUI SELO	_	CONTEÚDO ESC	RITO	POF	RTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÂO

၁၁

POSSUI SELO

CÓDIGO:

06B

ALEMÂO

~	
IDENTIFICAÇÃO	<u>IMAGEM</u>
ID. COLEÇÃO	Coleção anos 20. Emoldurados. Descrição nos cantos superiores. FRENTE
ACERVO	11ªSuperintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
DESCRITORES ICÔNIO	COS
LOCALIZAÇÃO	URBANO □ ZONA □ ZONA □ ZONA FERROVIÁRIA FERROVIÁRIA □ ZONA □ ZON
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO _ UISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA
FORMA	☑ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— CONTEMPLAR ✓ CONVIVER REZAR
	✓ MORAR
	✓ CIRCULAR NAVEGAR ✓ COMPRAR
ELEMENTOS	✓ CÉU ✓ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	☑ BAÍA ☑ PESSOAS
	▼ RUA
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não tive acesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso
	Rua Babitonga - São Francisco do Sul - Brasil
IMPRESSO FRENTE	
	não tive acesso ao verso
IMPRESSO VERSO	
EDITOR	não tive acesso ao verso
INDICADOR DATA	não há

PORTUGUÊS

☐ FRANCÊS

CONTEÚDO ESCRITO

56

CÓDIGO: 06C

mm.

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Coleção anos 20. Emoldurados. Descrição nos cantos superiores. FRENTE
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul
	The state of the s
DESCRITORES ICÔNIC	cos
LOCALIZAÇÃO	URBANO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL
ESTRUTURA	_
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	_ ☑ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR
	MORAR TRABALHAR LAZER
	✓ CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA
	□ RUA □ ARBORIZAÇÃO □ TRANSPORTE TERRESTRE □ TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS F DE CIRCUI AÇÃO não tive acesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso
	Vista Parcial - São Francisco do Sul - Brasil
IMPRESSO FRENTE	
	não tive acesso ao verso
IMPRESSO VERSO	
EDITOR	não tive acesso ao verso
INDICADOR DATA	não há
☐ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO
FO330I SELU	CONTEUDO ESCRITO TOTTOGOLO TITANOLO

|--|

CÓDIGO: 06D

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Coleção anos 20. Emoldurados. Descrição nos cantos superiores.
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul
DESCRITORES ICÔNIC	cos
LOCALIZAÇÃO	_ V NUCLEO
	URBANO PORTURÁRIA FERROVIÁRIA VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL
ESTRUTURA	_
FORMA	_ ☑ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- ✓ CONTEMPLAR
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER
	✓ CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
LLLINLINIOO	□ BAÍA PESSOAS □ MORRO PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	▼ RUA
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO☐ U5 ÁREA FERROVIÁRIA☐ U3 RUA DA BABITONGA☐ U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não tive acesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso
	Vista Parcial - São Francisco do Sul - Brasil
IMPRESSO FRENTE	
	não tive acesso ao verso
IMPRESSO VERSO	
IMPRESSO VERSO	
EDITOR	não tive acesso ao verso
INDICADOR DATA	não há
☐ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

66

CÓDIGO: 06E

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Coleção anos 20. Emoldurados. Descrição nos cantos superiores.	FRENTE Rua Babitanga – São Francisco do Sul - Brasil
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul	1 4 7 1 1 5
		The state of the s
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO	A STATE OF THE STA
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	_ UISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA	
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	✓ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— CONTEMPLAR ✓ CONVIVER REZAR	
	✓ MORAR TRABALHAR ✓ LAZER	
	✓ CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUN	ITO ARQUITETÔNICO
	☐ BAÍA ✓ PESSOAS ☐ MORRO	PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	▼ RUA	ORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não tive ao	cesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	Rua Babitonga - São Francisco do Sul - Brasil	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	não há	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	RTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

58

CÓDIGO:

06F

IDENTIFICAÇÃO				IMAGEM		
ID. COLEÇÃO	Coleção anos 20. E superiores.	Emoldurados. Desc	crição nos can	FRENTE	Jista Parodi — Sao Ficnosco do Sul - Brasil	
ACERVO	Museu Histórico de	São Francisco do	Sul			il cano
DESCRITORES ICÔNIC	cos					
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO URBANO	ZONA PORTURÁRIA	ZONA FERROVIÁ		The state of the s	i it
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA PANORÂMICA	VISTA PARCIAL	UISTA PONTUAL	VERSO		
ESTRUTURA	_ ✓ BASE TERRA	BASE ÁGUA	BASE VEI	RDE		
FORMA	PREDOMINÂNC	FRE CONSTRUÍDO E LA DO CONSTRUÍDO LA DO NÃO-CONSTR)	UÍDO		
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR	✓ CONVIVER	✓ REZAR			
	✓ MORAR ✓ CIRCULAR	☐ TRABALHAR ☐ NAVEGAR	✓ LAZER ✓ COMPRAF	1		
ELEMENTOS	CÉU	ELEM. ARQUITETÔN	IICO 🔽 CON	IJUNTO ARQUITETÔI	NICO	
	✓ BAÍA ✓ I	PESSOAS	MOI	RRO PRÓXIMO	✓ MONTANHA FUNDO	
	✓ RUA ✓ A	ARBORIZAÇÃO	TRA	NSPORTE TERREST	TRE TRANSPORTE MARÍTIMO	
UNIDADES	U1 MORRO CAIX	A D'ÁGUA - MORRO	DO HOSPÍCIO/E	BAÍA 🔲 U4 BAÍA	A DA BABITONGA - NÚCLEO URBAN	0
	U2 MORRO DO H	OSPÍCIO - MORRO (CAIXA/MERCAD	O U5 ÁRE	EA FERROVIÁRIA	
	✓ U3 RUA DA BABI	TONGA			EA PORTUÁRIA	
				U7 OUT	TRAS UNIDADES	
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCUL	.AÇÃO	não ti	ve acesso ao verso		
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao ve	rso				
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao ve	rso				
	Vista Parcial - São Fra	ancisco do Sul - Brasi	I			
IMPRESSO FRENTE						
	não tive acesso ao ve	rso				
IMPRESSO VERSO						
EDITOR	não tive acesso ao ve	rso				
INDICADOR DATA	não há					
POSSUI SELO	_	CONTEÚDO ESC	RITO	PORTUGUÊS	FRANCÊS	ALEMÂO

|--|

CÓDIGO: 06G

- 11	
ш	\sim
ш	IIIhli
ш	

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Coleção anos 20. Emoldurados. Descrição nos cantos superiores.	FRENTE Parcial — 5do Francisco do 501 a Brossi
ACERVO	11ªSuperintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	
DESCRITORES ICÔNIC	206	
DESCRITORES ICCIVIC	,03	
LOCALIZAÇÃO	■ NUCLEO ZONA ZONA PORTURÁRIA FERROVIÁRIA	VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VISTA USTA VISTA VISTA PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	BASE TERRA _ BASE ÁGUA ✓ BASE VERDE	<u> </u>
FORMA	▼ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍD OUTRIBLE OUT	0
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ✓ REZAR	
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	
	✓ CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJU	NTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA PESSOAS ✓ MORRO	PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	▼ RUA ▼ ARBORIZAÇÃO □ TRANS	PORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	✓ U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
		_
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO	acesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	Vista Parcial - São Francisco do Sul - Brasil S. Francisco do Sul	
IMPRESSO FRENTE	5. Transition 5.5 Sur	
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	não há	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	DRTUGUÊS ☐ FRANCÊS ☐ ALEMÂO

34

CÓDIGO: 07A

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM
ID. COLEÇÃO	C. Schneider FRENTE
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular
DESCRITORES ICÔNIC	cos
LOCALIZAÇÃO	URBANO □ ZONA □ ZONA PORTURÁRIA □ FERROVIÁRIA VERSO □ VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL PINORÂMICA PARCIAL PONTUAL PINORÂMICA PARCIAL PONTUAL
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONTEMPLAR CONVIVER REZAR
	✓ CIRCULAR NAVEGAR ✓ COMPRAR
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	☑ BAÍA ☑ PESSOAS
	▼ RUA
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
	~
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO S. França.
LOCAL POSTAGEM	não utilizado
LOCAL DESTINO	não utilizado
	não utilizado
IMPRESSO FRENTE	
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal O mercado de São Francisco, Brazil C. Schneider, N°30
EDITOR	C. Schneider
INDICADOR DATA	não há
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

42

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO:

IMAGEM

07B

ID. COLEÇÃO	C. Schneider	FRENTE	Charles 22 10 - 1/2
ACERVO	SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). Muito além da viagem de Gonneville. Florianópolis: UFSC, 2004		to greater and office
DESCRITORES ICÔNIC	os		0
LOCALIZAÇÃO	URBANO ✓ ZONA ☐ ZONA FERROVIÁRIA		1/2 /
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO	Bilhete Postal
ESTRUTURA	_ ▼ BASE TERRA		3 - Com
FORMA	☐ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO)	E Sam Sa
	 ✓ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO ☐ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO 		Sea Joan Sicreditor
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONTEMPLAR CONVIVER REZAR		C Streets As II
	☐ MORAR		
	☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR		
ELEMENTOS	☑ CÉU ☑ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ CONJUN	ITO ARQUIT	ETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS	PRÓXIMO	MONTANHA FUNDO
	☐ RUA ☐ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANSF	ORTE TERF	ESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	□ U4	BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	□ U5	ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	✓ U6	ÁREA PORTUÁRIA
		☐ U7	OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	Querido p	ai!	
LOCAL POSTAGEM	Brasil - São Francisco do Sul Não vos te	enho escripto	que desejo a vós, e a todos de casa. , por não ter transporte para xxxx pois até que a leva do Rio
LOCAL DESTINO	Brasil - Sao Francisco do Sul Rio Grand	xxxxx já está e.	pronto, so falta os xxxxx que devem chegar por estes dias do
	não há Do filho X	as a todos de xxxxxxx	casa
IMPRESSO FRENTE	Lembranç Ilmo Sr. Jı S. Francis	oão Ricardo F	Pereira
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal S. Francisco, Ponta da Cruz e o vapor "Sparta" C. Schneider N°26		
EDITOR	C. Schneider		
INDICADOR DATA	1907		
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO ✓ PO	RTUGUÊS	☐ FRANCÊS ☐ ALEMÂO

CÓDIGO: 07C

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	C. Schneider	FRENTE
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular	
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	URBANO	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL VISTA PONTU	
ESTRUTURA	☑ BASE TERRA	de control
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONS	dos Sin Caesar Bostel mann
	✔ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	r RioNegro N De V. S Schlieb.
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	amunic abider & Sobole Aco
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— CONTEMPLAR CONVIVER ✓ REZAR	Viga matriz e Sao Francisco
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	-
	CIRCULAR NAVEGAR COMPE	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☑ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ C	CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	☐ BAÍA ✓ PESSOAS ☐ M	MORRO PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	RUA ARBORIZAÇÃO T	RANSPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCI	O/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCA	ADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		✓ U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA		nigo e Snr. emos o prazer de comunicar-lhe que brevemente seguirá para ahi o nosso
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina es	epresentante Snr. João Hoepfner a quem pedimos reservar as suas muitas stimadas ordens. gradecidos, somos
LOCAL DESTINO	Brasil - Rio Negro - Parana An	e V.S. nigos Attos. E Obrgos. arlos Schneider & asa do Aço
		inville, data do carimbo postal
IMPRESSO FRENTE	Ca	no Snr aesar Bostelmann
	Bilhete Postal (riscado) Igreja Matriz de São Francisco	o Negro
IMPRESSO VERSO	C. Schneider N°36	
EDITOR	C. Schneider	
INDICADOR DATA	ilegível	
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	✓ PORTUGUÊS

00
36

CÓDIGO: 08A

า- ∣	INRA
J.	

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Hugo Quidde, Joinville	FRENTE HOLD Play - 530 Francisco Beija tua felhind
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular	Muitas Jandades da
DESCRITORES ICÔNIC	os	
LOCALIZAÇÃO	- ✓ NUCLEO ✓ ZONA ☐ ZONA URBANO PORTURÁRIA FERRO	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTU.	JAL VERSO Lige - 2-2-40 Variere as harbinda de Ennava mas Mr. Engance manda tille Bilhete Postal innais braithiche de que e refinite.
ESTRUTURA	_	VERDE Side a marmage greenly of figure Cox Tra D. Mare
FORMA	_ ☑ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONS	STRUÍDO TROITE DE SENTE DE LES DE PROPERTO DE LES PERO CONTROL DE LES PERO CONTROL DE LA CONTROL DE
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	Mobile de materialisarios de James Miversa
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	de original continues a despitator bus Soio O logos defendados a mana cartas, efecta bus
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- CONTEMPLAR CONVIVER REZAR	Obsails to agreeting as trailing to for a large on a .
	☐ MORAR	
	✓ CIRCULAR NAVEGAR ✓ COMPR	RAR
ELEMENTOS	✓ CÉU	CONJUNTO ARQUITETÔNICO
		MORRO PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	☐ RUA ☐ ARBORIZAÇÃO ☑ T	TRANSPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO	IO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCA	ADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAI	Va Va	ezé 2-2-910 ai esse retrarinho de Ernani que M. Eugenia manda. Elle é mais bonitinho de que o
LOCAL POSTAGEM	não há me	trato, ficou com os ólhinhos fechados devido o mormaço quente q fazia. Só a da enina dahi é que não me vem. A tal criada que mandei fallar não vai por ter uma ha; para voce não convem mesmo visto ella ter crianca. Eu julquei que Sinhara
LOCAL DESTINO	Procil Poroné	na, para voce nac conven mesmo visio ena lei criança. Eu julguer que simara ncontrava ahi Maria te mandei dizer q mandasse as camizollinhas e calcinhas de anny que queria fazer algumas. Zezé a Fanny já pode usar vestidinhos de menina,
	Hotel Pfau – São Francisco sid	urtinhos e degotados. Sapatinhos e meias curtas, efeita bem ela. Aqui o calor tem do demais. Muito te agradeço as Ervilhas. Os pessegos chegaram todos perdidos foi ena. kma Sra. D. Maria José Celestino d'Oliveira
IMPRESSO FRENTE		io Negro Paraná rente: Beija tua filhinha. Muitas saudades da Mariquinha
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal Editor: Hugo Quidde, Joinville, Sta. Catharina Brazil, Nº68	
EDITOR	Hugo Quidde	
INDICADOR DATA	1910	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	✓ PORTUGUÊS ☐ FRANCÊS ☐ ALEMÂO

37

CÓDIGO: 08B

IDENTIFICAÇÃO	<u>IMAGEM</u>
ID. COLEÇÃO	Hugo Quidde, Joinville FRENTE Extração de Entr. de Perro. Lembusque de São Françoises. Result
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular
DESCRITORES ICÔNIC	cos
LOCALIZAÇÃO	URBANO DORTURÁRIA FERROVIÁRIA VERROS
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL VERSO Bilhete Postal
ESTRUTURA	_ BASE TERRA BASE ÁGUA ✓ BASE VERDE
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ☑ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR
	✓ MORAR ✓ TRABALHAR □ LAZER
	☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	■ BAÍA □ PESSOAS □ MORRO PRÓXIMO ■ MONTANHA FUNDO
	▼ RUA ▼ ARBORIZAÇÃO TRANSPORTE TERRESTRE ▼ TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO ✓ U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	IS E DE CIRCULAÇÃO não utilizado
LOCAL POSTAGEM	não utilizado
LOCAL DESTINO	não utilizado
	Estação de Estr. de Ferro. Lembrança de São Francisco. Brazil
IMPRESSO FRENTE	
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal Editor: Hugo Quidde, Joinville, Sta. Catharina Brazil, R05808
EDITOR	Hugo Quidde
INDICADOR DATA	1910 (por dedução)
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

CÓDIGO: 08C

08C

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Hugo Quidde, Joinville	- 144 AF
		FRENTE
ACERVO	SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). Muito além da viagem de	for the state of the same of t
	Gonneville. Florianópolis: UFSC, 2004	from home apolition on war william
		to from the same
DESCRITORES ICÔNIO	200	
	.05	
LOCALIZAÇÃO	URBANO ZONA ZONA DORTURÁRIA FERROVIÁ	RIA
ABRANGÊNCIA ESPACIAL		VERSO & Lancesco 5-10-1910
ADITATOLINOIA EGI AGIAE	VISTA VISTA VISTA VISTA PARCIAL VISTA PONTUAL	Moranha bin to Bilhele Postal
ESTRUTURA	_	RDE Jugar na pena para uspan
FORMA	_ ☑ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRU	100 good no mer alegan, atom & En Sonher to
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	gue estas baharitatus) vol Rosa da Conta Guera
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	en la bondo o mesos foi mantos o Rio de Janesco.
FUNÇÕES/ATIVIDADES		who I am persuado mueto me . Leva Theppolamario
TONÇOLS/ATIVIDADES	- ✓ CONTEMPLAR	byterates; If
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	
	☐ CIRCULAR ☐ NAVEGAR ☑ COMPRAR	
ELEMENTOS	CÉU ELEM. ARQUITETÔNICO 🗹 CON	JUNTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA PESSOAS ✓ MOR	RO PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	▼ RUA	NSPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/B	AÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	D U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL		ncisco, 5-12-1910 ha bôa tia,
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina veio a	ive a ocasião em pegar na pena para responder o seu amável cartão o qual nos legrar, estimo que estas linhas vão encontrar com saude e assim como todos os
LOCAL DESTINO	Conhe	s priminhos e os bondosos tios, que não os conheço e tenho vontade de cel-os. Tem passeiado muito não? Coisas que nunca vio agora está vendo, poi da de novidades; quando pretende vir? É verdade que queria vir agora nessa
	vez? >	(xxxxx vale a pena, se fosse eu vinha só depois do Carnaval, apezar das des que tem-se de você. Acceite saudosos abraços da mamãe e das criançadas
	e um t	pem apertado de sua sobrinha xxxxxxxx
IMPRESSO FRENTE		na Senhorita Rosa da Costa Pereira e Janeiro Rua Felippe Camraão N. 70
	Bilhete Postal Editor: Hugo Quidde, Joinville, Sta. Catharina	
IMPRESSO VERSO	Brazil, №55	
	Thurs Original	
EDITOR	Hugo Quidde	
INDICADOR DATA	1910	
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

CÓDIGO: 08D

ı	
ı	กุรท
П	שטט

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO ACERVO	Hugo Quidde, Joinville SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). Muito além da viagem de Gonneville. Florianópolis: UFSC, 2004	FRENTE
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	URBANO □ ZONA □ ZONA FERROVIÁRIA	Virgon Control of the
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL VISTA PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	■ BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERDE	
FORMA	 □ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO ☑ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO □ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO 	
FUNÇÕES/ATIVIDADES		
3	CONTEMPLAR ✓ CONVIVER ✓ REZAR ✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER ✓ CIRCULAR ☐ NAVEGAR ☐ COMPRAR	
ELEMENTOS	CÉU ELEM. ARQUITETÔNICO CONJUN	TO ARQUITETÔNICO
		PRÓXIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		✓ U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	IS E DE CIRCULAÇÃO Saudades Belizia	de Coritiba
LOCAL POSTAGEM	officina vae	as a Jovita e a Chiquinha e a Silvia. Por esse caminho, entre a cadeia e a e me na casa da nossa tia. as a Eunice e as irmãs e ao Adamastor, Mathilde e a Olga
LOCAL DESTINO	Brasil - Curitiba	is a Lunice e as innas e ao Adamastor, ivalinide e a Oiga
	Largo da Matriz - São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO EDITOR	Hugo Quidde	
INDICADOR DATA	não há	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO ✓ POF	RTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

CÓDIGO:

08E

IDENTIFICAÇÃO		IMAG	EM
ID. COLEÇÃO	Hugo Quidde, Joinville	FRENTE	She Francisco, Bel Rabit may
ACERVO	SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e I Maria José (org.). Muito além da viagem de Gonneville. Florianópolis: UFSC, 2004	REIS,	
DESCRITORES ICÔNIO	cos		
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO ☐ ZONA ☐ ZON URBANO PORTURÁRIA FER	ROVIÁRIA	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	— UISTA VISTA UST PANORÂMICA PARCIAL PON	VERSO TA ITUAL	Bilhete Postal.
ESTRUTURA	☑ BASE TERRA ☐ BASE ÁGUA ☐ BAS	SE VERDE	tier de campi 100 MAN COUNTED IN THE COUNTED ON THE
FORMA	_	NSTRUÍDO	per die de tre an de tico da
	✓ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO		morratio natatina Costa Tereira
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO		que te de Sunde à - Nesta
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONTEMPLAR ✔ CONVIVER REZ	AR	plesidades 1 1207
	─ MORAR ✓ TRABALHAR ✓ LAZ	ΞR	
	✓ CIRCULAR NAVEGAR COM	1PRAR	
ELEMENTOS	_	CONJUNTO ARQUI	IFTÔNICO
ELEMENTOS	■ BAÍA PESSOAS	MORRO PRÓXIMO	MONTANHA FUNDO
	✓ RUA ARBORIZAÇÃO	TRANSPORTE TER	
		_	
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSF		4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/ME		5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA		SÁREA PORTUÁRIA
		U	7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO	Salve o dia 11-6-910 Saudações de Gloria	
LOCAL POSTAGEM	Brasil - São Francisco do Sul	Zico Te cumprimento	e felicito pelo dia do teu anniversario natalicio. Rogo ao bom
LOCAL DESTINO	Brasil - São Francisco do Sul	Deos que te de saude Glória Barbalhos	
	São Francisco, Rua Babitonga	Ao Zico da Costa Pere Nesta	pira
IMPRESSO FRENTE			
	Bilhete Postal		
IMPRESSO VERSO	Editor: Hugo Quidde, Joinville, Sta. Catharina Brazil		
IMPRESSO VERSO EDITOR	Hugo Quidde		
	1910		
INDICADOR DATA	1310		
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	✓ PORTUGUÊS	☐ FRANCÊS ☐ ALEMÂO

CONTEÚDO ESCRITO

✓ PORTUGUÊS

CÓDIGO: 08F

08F

IDENTIFICAÇÃO					IMAGE	EM .
ID. COLEÇÃO	Hugo Quidde, Join	ville			FRENTE	São Francisco, Rua Babitonga
ACERVO	Coleção Fabiano T Acervo particular	eixeira dos Santos				
DESCRITORES ICÔNIC	cos					
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO URBANO	ZONA PORTURÁRIA	ZON FER	IA ROVIÁRIA		
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA PANORÂMICA	✓ VISTA PARCIAL	UIST PON	ΓA ITUAL	VERSO	Bilhete Postal
ESTRUTURA	_ ✓ BASE TERRA	BASE ÁGUA	ВА	SE VERDE		Don't some the same of the sam
FORMA	_ [EQUILÍBRIO ENT	TRE CONSTRUÍDO E	NÃO CO	NSTRUÍDO		Sandaçois. Charala di receber tancartinla & Cama Sa D. Maria
	✓ PREDOMINÂNCI	A DO CONSTRUÍDO	1			a quel vin de Destiro. Yosé Celes tino de Olivarie
	PREDOMINÂNC	A DO NÃO-CONSTR	UÍDO			chique o Mapinema i mata the disconstruction of the Signal form tollers for the Signal Segre
FUNÇÕES/ATIVIDADES	─ CONTEMPLAR	✓ CONVIVER	REZ	'AR		the inspires sofre figure all a Parana grand and retrate da grand sorreits.
	MORAR	✓ TRABALHAR	✓ LAZ	ER		
	✓ CIRCULAR	NAVEGAR	COV	//PRAR		
ELEMENTOS	CÉU 🔲 I	ELEM. ARQUITETÔN	IICO 🔽	CONJUNT	O ARQUIT	ETÔNICO
	☐ BAÍA 🗸 F	PESSOAS		MORRO F	PRÓXIMO	MONTANHA FUNDO
	✓ RUA	ARBORIZAÇÃO		TRANSPO	RTE TERR	RESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA	A D'ÁGUA - MORRO	DO HOSF	PÍCIO/BAÍA	U4	BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO H	OSPÍCIO - MORRO (CAIXA/ME	RCADO	U5	ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABIT	TONGA			□ U6	ÁREA PORTUÁRIA
					☐ U7	OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	IS E DE CIRCUL	.AÇÃO		Boa Zezé		
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina	1			eceber tua c	artinha, a qual veio do Desterro. o aqui chegou o "Itapiruna" e nada de carta, afinal foram todos
LOCAL DESTINO	Brasil - Paraná				rro dar um p as como fiqu	oasseio. lei alegre de ver o retrato da xxxx de vocês.
LOCAL DESTINO	São Francisco, Rua B	abitonga		Rio Negro	D. Maria tino de Olive	eira
IMPRESSO FRENTE				Paraná		
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal Editor: Hugo Quidde, « Brazil	Joinville, Sta. Catharir	na			
EDITOR	Hugo Quidde					
INDICADOR DATA	1906					
POSSUI SELO	_	CONTEÚDO ESC	RITO	✓ POR	TUGUÊS	FRANCÊS ALEMÂO

IDENTIFICAÇÃO

CÓDIGO:

IMAGEM

08G

ID. COLEÇÃO	Hugo Quidde, Joinville	FRENTE	The state of the s
ACERVO	SANTOS, Sílvio Coelho, NACKE, Aneliese e REIS, Maria José (org.). Muito além da viagem de Gonneville. Florianópolis: UFSC, 2004		The state of the s
DESCRITORES ICÔNIC	eos		Carpino, Maria
LOCALIZAÇÃO	– ☑ NUCLEO ☐ ZONA ☐ ZONA URBANO PORTURÁRIA FERROVIÁRIA		Se Ministration Co.
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	- ✓ VISTA	VERSO	Standard Billhete Postal
ESTRUTURA	_ ☐ BASE TERRA ☐ BASE ÁGUA 🗸 BASE VERDE	i.	General Stope or clien the season of
FORMA	☐ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO ☐ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO ☐ PREDOMINÂNCIA DO NÃO CONSTRUÍDO	0	un the annual meter of Anna A. Motternich armite um alragolius P & P & W.
FUNÇÕES/ATIVIDADES	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO - ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR		efertado, de ma filla de Otiva Matolarska Maria. Belija. Caritila Pararia (197)
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER ☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ✓ COMPRAR		
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUI	NTO ARQUIT	ETÔNICO
	✓ BAÍA PESSOAS ✓ MORRO	PRÓXIMO	✓ MONTANHA FUNDO
	☐ RUA ✓ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANSI	PORTE TERF	RESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	. U4	BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO		ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA		
		<u></u> ∪ 07	OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	S. Francis	es Parabens sco 15 de Ago	osto de 1910
LOCAL POSTAGEM			u anniversario, envio vos muitas felicitações e peço a Deus que
LOCAL DESTINO	Dracil Curitibe bem aper	tado, de sua f A. Metterssi	
		anha Marinho	
IMPRESSO FRENTE			
IMPRESSO VERSO	Bilhete Postal Editor: Hugo Quidde, Joinville, Sta. Catharina Brazil, №54		
EDITOR	Hugo Quidde		
INDICADOR DATA	1910		
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	DRTUGUÊS	FRANCÊS ALEMÂO

38

INDICADOR DATA

✓ POSSUI SELO

ilegível

CONTEÚDO ESCRITO

PORTUGUÊS

CÓDIGO:

08H

✓ ALEMÂO

FRANCÊS

			COBICO: COLI
IDENTIFICAÇÃO		IMAGI	ЕМ
ID. COLEÇÃO	Hugo Quidde, Joinville	FRENTE	
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar	FRENIE	Rua Babitonga. S. Francisco. Brazil
DESCRITORES ICÔNIC	cos		
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO	ıRIA	A PART OF THE PART
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA USTA USTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO	All for Millifand Billhete Postal (SET)
ESTRUTURA	☑ BASE TERRA □ BASE ÁGUA □ BASE VEF	RDE	Propose front. Of follow, Super View. Should Commission for the stand of the follow. Should follow to the follow of the follow. Balliffly to follow on the state House.
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRI	UÍDO	Vin Josla John Schuster and Many of
	✓ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO		M. G. Willhofer
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO		Mimch on
FUNÇÕES/ATIVIDADES	_ CONTEMPLAR ✓ CONVIVER REZAR		1. Allenont or Boy emp
	☐ MORAR		
	✓ CIRCULAR NAVEGAR ✓ COMPRAR	l	
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CON	IJUNTO ARQUIT	retônico
		RRO PRÓXIMO	✓ MONTANHA FUNDO
	▼ RUA	NSPORTE TERI	RESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/E	BAÍA □ U₄	4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	 D U:	5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA	U	S ÁREA PORTUÁRIA
		U	OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	IS E DE CITICOLACAC	r Herr Willhöfer	er Dampferpartie die versprochene Karte. Ich hoffe, dass Sie
LOCAL POSTAGEM	Brasil - São Francisco bereit:	s meinen Brief u st zu bekommen üsst Sie herzlich	nd Karten erhalten haben und hoffe Nachrichten von Ihnen
LOCAL DESTINO	Alemanha - Munique	Schuster	
	Bua Babitonga, S. Francisco, Brazil	or já tenha receb	enhor Willhöfer excursão no barco a vapor que lhe prometi. Espero que o ido minha cartae cartões e espero receber notícias suas em
IMPRESSO FRENTE	Sauda	ações cordias Schuster	
IMPRESSO VERSO	Editor: Hugo Quidde, Joinville, Sta. Catharina Muniq Brazil Valley	or M.J.Willhöfer Jue vstr. 42 anha- Bavária	
	Tradu		Schlindwein a Gassy Denna
EDITOR	Hugo Quidde	yau Januiu Luis	Schlindwein e Gessy Deppe

CÓDIGO:

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Hugo Quidde, Joinville	FRENTE
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar	ONS TO STATE OF THE PROPERTY O
DESCRITORES ICÔNIO	200	A Deputy
DESCRITORES ICONIC	,03	
LOCALIZAÇÃO		ONA STO FRANCISCO BRAZOS
ABRANGÊNCIA ESPACIAL		VERSO ISTA ONTUAL
ESTRUTURA	_ ☐ BASE TERRA ☐ BASE ÁGUA 📝 B	BASE VERDE
FORMA	_ ☑ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO (
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	The self of the se
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	Ramo Maria III Samuel
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- ✓ CONTEMPLAR	EZAR
		AZER
	_	OMPRAR
ELEMENTOS	_ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO	✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA PESSOAS	✓ MORRO PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	✓ RUA ✓ ARBORIZAÇÃO	☐ TRANSPORTE TERRESTRE ☐ TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HO	SPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/N	MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO	Joinville 28.11.12 Fröhliche Weihnachten und viel Glück und Gesundheit im kommenden neuen Jahr
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Joinville	wünscht Ihnen mit Ihren Herren Collegen Beata Gery Kamienska
LOCAL DESTINO	Portugal - Lisboa	Joinville, 28.11.12 Feliz Natal e muitas felicidades e saúde no ano novo vindouro deseja-lhe juntamente com seus Senhores colegas Beata Gery Kamienska
	São Francisco Brazil	À ESQUERDA PARA O ALTO: Via Lisboa Brasil
IMPRESSO FRENTE		À DIREITA: Fritz Michaelis Oficial Marinheiro/SMS Bremen /Consulado alemão/Buenos Aires/Monravia/Lisboa/Africa
	Bilhete Postal	S.M.S. Bremen
	Editor: Hugo Quidde, Joinville, Sta. Catharina Brazil, №55	S= Sua
IMPRESSO VERSO	_	M= Majestade S= Navio (navio de Sua Majestade)
EDITOR	Hugo Quidde	Tradução Sandro Luis Schlindwein e Gessy Deppe
INDICADOR DATA	1912	
□ n oog/" □ ·	/	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	PORTUGUÊS ☐ FRANCÊS ✔ ALEMÂO

|--|

CÓDIGO: 08J

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Hugo Quidde, Joinville	RENTE Praça 15 de Novo Lembrarça de São Francisco, Brazil
ACERVO	11ªSuperintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	URBANO ZONA ☐ ZONA ☐ ZONA ☐ ZONA FERROVIÁRIA	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	V — Usta Vista Vista Pontual Pontual	/ERSO
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA	
FORMA	▼ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— CONTEMPLAR ✓ CONVIVER REZAR	
	✓ MORAR ✓ TRABALHAR ✓ LAZER	
	✓ CIRCULAR NAVEGAR ✓ COMPRAR	
ELEMENTOS	✓ CÉU ✓ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO	ARQUITETÔNICO
	☐ BAÍA	ÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	✓ RUA ✓ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANSPOR	TE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	AIS E DE CIRCULAÇÃO não tive aces:	so ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	Praça XV de Nov. Lembrança de São Francisco. Brazil	
IMPRESSO FRENTE		
IMPRESSO VERSO	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO EDITOR	Hugo Quidde	
INDICADOR DATA	não há	
☐ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTO	UGUÊS FRANCÊS ALEMÂO
		<u> </u>

POSSUI SELO

CÓDIGO: 09A

▼ FRANCÊS

ALEMÂO

PORTUGUÊS

CONTEÚDO ESCRITO

09A	
-----	--

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Frente "São Francisco" com fonte semelhante e verso sem divisória
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar
DESCRITORES ICÔNIC	
LOCALIZAÇÃO	NUCLEO URBANO DORTURÁRIA ZONA FERROVIÁRIA FERROVIÁRIA FERROVIÁRIA
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VERSO VERSO VISTA PANORÂMICA
ESTRUTURA	BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERDE ✓ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO CONTEMPLAR CONVIVER REZAR
FORMA	■ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO Kenel Par
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ✓ REZAR
	✓ MORAR
	✓ CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR
ELEMENTOS	_ ☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS ✓ MORRO PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	▼ RUA
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO □ U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	Mademoiselle de Becker
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina Chateai de Kessel – Los Lez Louvain
LOCAL DESTINO	Bélgica - Louvain
	São Francisco (Brésil)
IMPRESSO FRENTE	
	Bilhete Postal
IMPRESSO VERSO	
EDITOR	não há indicação de editor
INDICADOR DATA	1907

09B

IDENTIFICAÇÃO	IMAGE

ID. COLEÇÃO	Frente "São Francisco" com fonte semelhante e verso
	sem divisória FRENTE
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar
	Acervo Museu Nacional do Mai
	The state of the s
DESCRITORES ICÔNIC	Saō Francisco (Brésil)
LOCALIZAÇÃO	_ ☑ NUCLEO ☐ ZONA ☐ ZONA
	URBANO PORTURÁRIA FERROVIÁRIA VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	— ✓ VISTA UVISTA UVISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL Bilhete Postal.
ESTRUTURA	THE CHAIN CHOSE
LOTHOTOTIA	BASE TERRA → BASE ÁGUA BASE VERDE Mademais A BASE VERDE
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO Henel - Pao
	□ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO Henel - Roo
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ✓ REZAR
	✓ MORAR
	☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	□ RUA □ ARBORIZAÇÃO □ TRANSPORTE TERRESTRE ☑ TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	☐ U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA
UNIDADES	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO Bélgica
	Magemoiseile De Becker Chateai de
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina Kessel – Los Lez Louvain

DESCRITORES SOCIAIS E DE CIRCULAÇÃO LOCAL POSTAGEM Brasil - Santa Catarina LOCAL DESTINO Bélgica - Louvain São Francisco (Brésil) IMPRESSO FRENTE Bilhete Postal IMPRESSO VERSO EDITOR não há indicação de editor INDICADOR DATA 1907 POSSUI SELO CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÃO

|--|

INDICADOR DATA

✓ POSSUI SELO

1907

CONTEÚDO ESCRITO

PORTUGUÊS

CÓDIGO:

✓ FRANCÊS

ALEMÂO

09C

IDENTIFICAÇÃO IMAGEM ID. COLEÇÃO Frente "São Francisco" com fonte semelhante e verso **FRENTE** sem divisória **ACERVO** Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar São Francisco / Brésil) **DESCRITORES ICÔNICOS LOCALIZAÇÃO** ZONA PORTURÁRIA ZONA FERROVIÁRIA **✓** NUCLEO **URBANO VERSO** ABRANGÊNCIA ESPACIAL ✓ VISTA PANORÂMICA VISTA VISTA PARCIAL **PONTUAL ESTRUTURA** BASE TERRA **✓** BASE ÁGUA ☐ BASE VERDE **FORMA** EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO ✔ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO FUNÇÕES/ATIVIDADES ▼ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER **✓** REZAR **✓** MORAR ✓ NAVEGAR COMPRAR CIRCULAR ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO **✓** CÉU **ELEMENTOS** PESSOAS MORRO PRÓXIMO **✓** BAÍA ✓ MONTANHA FUNDO ☐ TRANSPORTE TERRESTRE ✓ TRANSPORTE MARÍTIMO RUA ARBORIZAÇÃO **UNIDADES** U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA ✓ U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA U7 OUTRAS UNIDADES **DESCRITORES SOCIAIS E DE CIRCULAÇÃO** Bélgica Mademoiselle De Becker Chateai de LOCAL POSTAGEM Brasil - Santa Catarina Kessel – Los Lez Louvain **LOCAL DESTINO** Bélgica - Louvain São Francisco (Brésil) **IMPRESSO FRENTE** Bilhete Postal **IMPRESSO VERSO EDITOR** não há indicação de editor

24	
24	

09D

IDENTIFICAÇÃO

ID. COLEÇÃO	Frente "São Francisco" com fonte semelhante e verso
	sem divisória
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar

FRENTE

IMAGEM



DESCRITORES ICÔNIC	os			
LOCALIZAÇÃO	- ✓ NUCLEO URBANO	✓ ZONA PORTURÁRIA	ZONA FERROVIÁRIA	VEROO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	−	VISTA PARCIAL	VISTA PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	BASE TERRA	BASE ÁGUA	BASE VERDE	
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO			
	✓ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO			
	PREDOMINÂNC	IA DO NÃO-CONSTF	RUÍDO	

Belgier Billiete Portal.
Mademoiselle De Description Chateau de
Kessel-Coo les Couvain

	✓ PREDOMII	NÂNCIA DO CONSTRUÍDO)			Kesse
	PREDOMI	NÂNCIA DO NÃO-CONSTF	RUÍDO			les.
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONTEMP	PLAR CONVIVER	✓ RE	ZAR	(6-2
	MORAR	▼ TRABALHAR	LAZ	ZER		
	CIRCULAF	R NAVEGAR	СО	MPRAR		
ELEMENTOS	✓ CÉU	✓ ELEM. ARQUITETÔN	NICO [RQUITETÔNICO	
	✓ BAÍA	✓ PESSOAS		MORRO PRÓ	XIMO	✓ MONTANHA FUNDO
	RUA	ARBORIZAÇÃO		TRANSPORTI	E TERRESTRE	TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO	CAIXA D'ÁGUA - MORRO	DO HOS	PÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA	BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO	DO HOSPÍCIO - MORRO (CAIXA/ME	ERCADO	U5 ÁREA FE	RROVIÁRIA
	U3 RUA DA	BABITONGA			✓ U6 ÁREA PC	PRTUÁRIA
					U7 OUTRAS	UNIDADES

CONTEÚDO ESCRITO

LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina
LOCAL DESTINO	Bélgica - Louvain
	São Francisco (Brésil)
IMPRESSO FRENTE	
	Bilhete Postal
IMPRESSO VERSO	
EDITOR	não há indicação de editor

1907

INDICADOR DATA

☐ POSSUI SELO

DESCRITORES SOCIAIS E DE CIRCULAÇÃO

	Bélgica
-	Mademoiselle De Becker
	Chateai de
	Kessel – Los
	Lez Louvain

PORTUGUÊS	✓ FRANCÊS	ALEMÂO

10A

DENTIFICAÇÃO	IMAGEM

ID. COLEÇÃO	Frente "Lembrança de São Francisco, Brazil" com fonte semelhante e verso sem divisória	FRENTE
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar	
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	URBANO DORTURÁRIA ZONA FERROVIÁRIA	Sembrança de Saŏ Francisco, Brazil 6 — 6
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	- ✓ VISTA USTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	Belgica Bilhete Postal
ESTRUTURA	_ BASE TERRA BASE ÁGUA ✓ BASE VERDE	Mademoiselle De Borkery
FORMA	_ ✓ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	Mademoiselle De Biskery
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	Kessel-200 leg Convain
FUNÇÕES/ATIVIDADES		Ly Lonwain
	CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ✓ REZAR ✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	
	✓ MORAR	
ELEMENTOS	CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNT	TO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA PESSOAS ✓ MORRO F	
	✓ RUA ✓ ARBORIZAÇÃO TRANSPO	DRTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	S E DE CIRCULAÇÃO Bélgica Mademoise	elle De Becker
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina Chateai de Kessel - Lo	os
LOCAL DESTINO	Bélgica - Louvain	n
	Lembrança de São Francisco, Brasil	
IMPRESSO EDENTE		
IMPRESSO FRENTE		
	Bilhete Postal	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não há indicação de editor	
INDICADOR DATA	1907	
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO POR	RTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

29

CÓDIGO:

10B

~ ~ ~ ~			
IDENTIFICAÇÃO		IMAGEN	<u>// </u>
ID. COLEÇÃO	Frente "Lembrança de São Francisco, Brazil" com fonte semelhante e verso sem divisória	FRENTE	
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular		
DESCRITORES ICÔNIO	cos		
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO		Chemberges de Bat Francisco Maril V. 18. A.S. 1889 Buffan Joseph Fd. weight ally
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	_ VISTA	VERSO	Bilhete Postal.
ESTRUTURA		E	Thra Inra Nickhorn
FORMA		00	Sorto Alegre.
FUNÇÕES/ATIVIDADES	CONVIVER	_	Violes Sveiner
ELEMENTOS	CÉU ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJU	JNTO ARQUITE	ΓÔΝΙCO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS ✓ MORRO	O PRÓXIMO	✓ MONTANHA FUNDO
	✓ RUA ✓ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANS	PORTE TERRE	STRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍ	A 🔲 U4 B	AÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO		REA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA		REA PORTUÁRIA
		<u> </u>	UTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	Porto Ale		
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina Hotel Bé	ecker	
LOCAL DESTINO	Brasil - Porto Alegre		
	Lembrança de São Francisco, Brazil		
IMPRESSO FRENTE			
	Bilhete Postal Brazil		
IMPRESSO VERSO			
EDITOR	não há indicação de editor		
INDICADOR DATA	1904		
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO P	ORTUGUÊS	☐ FRANCÊS ✔ ALEMÂO

CÓDIGO: 10C

10C
100

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM

	Frente "Lembrança de São Francisco, Brazil" com fonte semelhante e verso sem divisória
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar

FRENTE



_	_	_	 		- ~	 _	_
п	EC	\boldsymbol{c})DE	C II		$\boldsymbol{\Gamma}$	œ
ш		L,n)RE	. TI			

LOCALIZAÇÃO	_ ✓ NUCLEO URBANO	ZONA PORTURÁRIA	ZONA FERROVIÁRIA		Georgia de São Francisco, Brazil 9 10. Md. 190. " For Lind Jung Jang Jang Jang Jung Jang Jung Jung Jung Jung Jung Jung Jung Ju
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA PANORÂMICA	☐ VISTA PARCIAL	☐ VISTA PONTUAL	VERSO	Bilhete Postal.
ESTRUTURA	_ BASE TERRA	BASE ÁGUA	✓ BASE VERDE		Dona Mathilde Fritz. Lona Mathilde Fritz. Gnünberg. Clber- Hessen Mathilde Fritz.
FORMA	_ 🗹 EQUILÍBRIO EN	TRE CONSTRUÍDO I	E NÃO CONSTRUÍDO)	Gmin berg.
	PREDOMINÂNC	IA DO CONSTRUÍDO			Ober- Hessen +11
	PREDOMINÂNC	IA DO NÃO-CONSTF	RUÍDO		Brazil.
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR	CONVIVER	✓ REZAR		2000
	✓ MORAR	TRABALHAR	LAZER		
	CIRCULAR	NAVEGAR	COMPRAR		
ELEMENTOS	✓ CÉU	ELEM. ARQUITETÔN	NICO CONJUN	TO ARQUITE	ETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ I	PESSOAS	✓ MORRO	PRÓXIMO	✓ MONTANHA FUNDO
	✓ RUA	ARBORIZAÇÃO	TRANSPO	ORTE TERR	ESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA	A D'ÁGUA - MORRO	DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4	BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO H	OSPÍCIO - MORRO (CAIXA/MERCADO	U5	ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABI	ΓONGA		□ U6	ÁREA PORTUÁRIA
				U7	OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	IS E DE CIRCUI	ACÃO.	9.10.1902		

DESCRITORES	SOCIAIS E I	DE CIRCULAÇ	CAC
-------------	-------------	-------------	-----

DESCRIPTIONES SOC	DIAIO E DE OITIOOLAÇÃO	Bin glücklich angekommen und von Grossmama, Papa und den Schwestern hier
LOCAL POSTAGEM	Brasil - Santa Catarina	empfangen worden. Zu Hause alles wohl. Brief folgt. Mit dem Zoll sind wir gut weggekommen. Für heute herzliche Grüsse an Alle. Helene.
LOCAL DESTINO	Alemanha - Grunberg	
	Lembrança de São Francisco, Brazil	Cheguei feliz e fui recebido aqui pela vovó, papai e irmãs Em casa tudo bem. Segue carta. Com a alfândega nós nos saímos bem. Por hoje cordiais saudações a todos.
IMPRESSO FRENTE		Helene
	Bilhete Postal Brazil	Dona Mathilde Frtiz Grünberg Allemanha
IMPRESSO VERSO		Tradução Sandro Luis Schlindwein e Gessy Deppe
EDITOR	não há indicação de editor	
INDICADOR DATA	1902	
✓ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	☐ PORTUGUÊS ☐ FRANCÊS ✔ ALEMÂO

32

IDENTIFICAÇÃO	IMAGE

ID. COLEÇÃO	Frente "S. Francisco" com fonte semelhante e verso apenas com linhas	FRENTE	
ACERVO	Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar		
			TI de



DESCRITORES ICÔNIC	cos				
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO URBANO	ZONA PORTURÁRIA	ZONA FERROVIÁRIA		5. Francisco
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	UISTA PANORÂMICA	☐ VISTA PARCIAL	VISTA PONTUAL	VERSO	§
ESTRUTURA	BASE TERRA	BASE ÁGUA	✓ BASE VERDE		2 - 1 - 1 - 1 -
FORMA	_ 🗹 EQUILÍBRIO EN	TRE CONSTRUÍDO E	NÃO CONSTRUÍDO)	Vin Teil der kl. Hadt Tão Francisco do
	PREDOMINÂNC	IA DO CONSTRUÍDO	ı		
	PREDOMINÂNC	IA DO NÃO-CONSTR	UÍDO		(Grant)
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR	CONVIVER	REZAR	_	
	✓ MORAR	✓ TRABALHAR	LAZER		
	CIRCULAR	✓ NAVEGAR	✓ COMPRAR		
ELEMENTOS	∠ CÉU	ELEM. ARQUITETÔN	IICO 🗌 CONJUN	TO ARQUITE	ETÔNICO
	✓ BAÍA	PESSOAS	✓ MORRO	PRÓXIMO	✓ MONTANHA FUNDO
	RUA	ARBORIZAÇÃO	TRANSPO	ORTE TERRI	ESTRE 📝 TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIX.	A D'ÁGUA - MORRO I	DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 I	BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO H	IOSPÍCIO - MORRO C	CAIXA/MERCADO	U5 /	ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABI	TONGA		U6 /	ÁREA PORTUÁRIA
				U7 (OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCUI	_ACÃO	Ein Teil de	r kleinen Stac	dt São Francisco do Sul.

LOCAL POSTAGEM	não há
LOCAL DESTINO	não há
	S. Francisco
IMPRESSO FRENTE	
	não há
IMPRESSO VERSO	
EDITOR	não há indicação de editor
INDICADOR DATA	não há
☐ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO

Ein T	eil c	ler kl	einen	Stad	t São	Fra	nciso	co do	Sul.	
Uma	part	e da	peque	ena c	idade	de	São	Fran	cisco	do Sul

PORTUGUÊS

uma parte da pequena cidade de São Francisco do Sui	ı
(Brasil)	1
Tradução Gessy Deppe	1
	Ì
	Ì
	Ì
	Ì
	Ì

FRANCÊS

✓ ALEMÂO

|--|

IMPRESSO VERSO

INDICADOR DATA

POSSUI SELO

não tive acesso ao verso

CONTEÚDO ESCRITO

PORTUGUÊS

não há

EDITOR

☐ FRANCÊS

ALEMÂO

|--|

60		CODIGO: 11B
IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	Frente "S. Francisco" com fonte semelhante e verso apenas com linhas	FRENTE A
ACERVO	11ªSuperintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	
DESCRITORES ICÔNIO	cos	
LOCALIZAÇÃO	— ✓ NUCLEO	S. Francisco.
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	URBANO PORTURARIA FERROVIARIA — UISTA VISTA VISTA VISTA PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	✓ BASE TERRA	
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES ELEMENTOS UNIDADES	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO CONTEMPLAR CONVIVER REZAR MORAR TRABALHAR LAZER CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR CÉU ELEM. ARQUITETÔNICO CONJUNTO BAÍA PESSOAS MORRO	NTO ARQUITETÔNICO PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO PORTE TERRESTRE □ TRANSPORTE MARÍTIMO
DESCRITORES SOCIAL LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	cesso ao verso
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	S. Francisco.	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	

|--|

CÓDIGO: 12A

4	21
	ZA

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO ACERVO	não pertencente à nenhuma coleção reconhecível Coleção Silvio Coelho dos Santos Acervo Museu Nacional do Mar	FRENTE
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	URBANO □ ZONA □ ZONA □ ZONA FERROVIÁRIA	São Francisco do Sul.
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL VISTA PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	■ BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERDE	
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	✓ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- ☐ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ✓ REZAR	
	✓ MORAR	
	✓ CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☑ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ CONJUN	ITO ARQUITETÔNICO
	☐ BAÍA ✓ PESSOAS ☐ MORRO	PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	☐ RUA ☐ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANSP	ORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		✓ U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não tive ao	cesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
LOCAL DECIMO	São Francisco do Sul	
	Sau Francisco do Sui	
IMPRESSO FRENTE		
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	não há	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	RTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

35

CÓDIGO: 12B

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	não pertencente à nenhuma coleção reconhecível	FRENTE Care Highle A Co Sale Francisco
ACERVO	Coleção Fabiano Teixeira dos Santos Acervo particular	
DESCRITORES ICÔNI	cos	
LOCALIZAÇÃO	— □ NUCLEO ✓ ZONA URBANO PORTURÁRIA FERROVIÁRIA	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	— □ VISTA □ VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	BASE TERRA ✓ BASE ÁGUA ☐ BASE VERDE	
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	□ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO☑ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR	
	☐ MORAR	
	☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR	
ELEMENTOS	✓ CÉU ✓ ELEM. ARQUITETÔNICO 🗌 CONJUN	TO ARQUITETÔNICO
	☑ BAÍA ☐ PESSOAS ☐ MORRO II	PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	☐ RUA ☐ ARBORIZAÇÃO ☐ TRANSPO	ORTE TERRESTRE ✓ TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	✓ U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	AIS E DE CIRCULAÇÃO não tive ac	esso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	C. Hoepcke & C São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	não há	
_		
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO POF	RTUGUÊS

61

CÓDIGO: 12C

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	não pertencente à nenhuma coleção reconhecível	FRENTE
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul	1414
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	URBANO ✓ ZONA ✓ ZONA FERROVIÁRIA	São Francisco
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	— VISTA □ VISTA □ VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	BASE TERRA BASE ÁGUA ✓ BASE VERDE	
FORMA	EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	✓ PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR	
	☐ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	
	✓ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☑ CONJUN	ITO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS ✓ MORRO	PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	RUA ARBORIZAÇÃO TRANSP	ORTE TERRESTRE 📝 TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	✓ U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO não tive ao	cesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	1914	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	RTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

CÓDIGO: 12D

IDENTIFICAÇÃO	IMAGEM
ID. COLEÇÃO	não pertencente à nenhuma coleção reconhecível FRENTE
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul
	THE WATER STREET
DESCRITORES ICÔNIC	COS
LOCALIZAÇÃO	URBANO DORTURÁRIA FERROVIÁRIA VERSO São Pondiso. VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	VISTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA
FORMA	_ ☑ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO
FUNÇÕES/ATIVIDADES	_ CONTEMPLAR
	MORAR ✓ TRABALHAR LAZER
	✓ CIRCULAR NAVEGAR ✓ COMPRAR
ELEMENTOS	✔ CÉU ✓ ELEM. ARQUITETÔNICO ✓ CONJUNTO ARQUITETÔNICO
	□ BAÍA ✓ PESSOAS □ MORRO PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	▼ RUA
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	✓ U3 RUA DA BABITONGA U6 ÁREA PORTUÁRIA
	U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIAL	IS E DE CIRCULAÇÃO não tive acesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso
	São Francisco
IMPRESSO FRENTE	
	não tive acesso ao verso
IMPRESSO VERSO	
EDITOR	não tive acesso ao verso
INDICADOR DATA	não há
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

63

CÓDIGO: 12E

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	não pertencente à nenhuma coleção reconhecível	FRENTE contrança de São Francisco Orazel
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco de Sul	HENE
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul	and the same of th
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	_ V NUCLEO	
	URBANO PORTURÁRIA FERROVIÁRIA	VERSO
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	_ ♥ VISTA USTA VISTA VISTA PONTUAL	VENOS
ESTRUTURA	_	
FORMA	_ ☑ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	_ ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ✓ REZAR	
	✓ MORAR ☐ TRABALHAR ☐ LAZER	
	CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR	
ELEMENTOS		ITO ARQUITETÔNICO
		PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO ORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
	▼ RUA	ORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	✓ U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIDCUL AÇÃO	cesso ao verso
		3000 00 10100
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	Lembrança de São Francisco. Brazil	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	não há	
☐ POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO PO	RTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO
	CONTEUDO ESCRITO	

CÓDIGO: 12F

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	não pertencente à nenhuma coleção reconhecível	FRENTE Saka Prancisco Porto de São Francisco
ACERVO	Museu Histórico de São Francisco do Sul	
DESCRITORES ICÔNIC	cos	
LOCALIZAÇÃO	URBANO ✓ ZONA ZONA ZONA PORTURÁRIA FERROVIÁRIA	THE RESERVE THE PARTY OF THE PA
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	_ VISTA	VERSO
ESTRUTURA	■ BASE TERRA BASE ÁGUA BASE VERDE	
FORMA	_ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	✓ PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	— ✓ CONTEMPLAR ☐ CONVIVER ☐ REZAR	
	☐ MORAR ✓ TRABALHAR ☐ LAZER	
	☐ CIRCULAR ✓ NAVEGAR ☐ COMPRAR	
ELEMENTOS	✓ CÉU ☐ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ CONJUN	ITO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA PESSOAS MORRO	PRÓXIMO ✓ MONTANHA FUNDO
	RUA ARBORIZAÇÃO TRANSP	ORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BAÍA	U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	✓ U6 ÁREA PORTUÁRIA
		U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO	cesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso Frente: Parabéns.	
LOCAL DESTINO	não tive acesso ao verso	
	Porto de São Francisco	
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	não há	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO ✓ PO	RTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO

|--|

CÓDIGO: 12G

12G	
-----	--

IDENTIFICAÇÃO		IMAGEM
ID. COLEÇÃO	não pertencente à nenhuma coleção reconhecível	FRENTE
ACERVO	11ªSuperintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional	1914 - Regarder
		E BE
DESCRITORES ICÔNIC	cos	- Edward
LOCALIZAÇÃO	— ☑ NUCLEO ☐ ZONA ☐ ZONA URBANO PORTURÁRIA FERROVIÁR	
ABRANGÊNCIA ESPACIAL	USTA VISTA VISTA VISTA PANORÂMICA PARCIAL PONTUAL	VERSO
ESTRUTURA	_ ☑ BASE TERRA	DE
FORMA	_ ☑ EQUILÍBRIO ENTRE CONSTRUÍDO E NÃO CONSTRUÍ	DO
	PREDOMINÂNCIA DO CONSTRUÍDO	
	PREDOMINÂNCIA DO NÃO-CONSTRUÍDO	
FUNÇÕES/ATIVIDADES	- ✓ CONTEMPLAR	
	CIRCULAR NAVEGAR COMPRAR	
ELEMENTOS	☑ CÉU ☑ ELEM. ARQUITETÔNICO ☐ CONJ	UNTO ARQUITETÔNICO
	✓ BAÍA ✓ PESSOAS ✓ MORF	RO PRÓXIMO MONTANHA FUNDO
	✓ RUA ✓ ARBORIZAÇÃO ☐ TRAN	SPORTE TERRESTRE TRANSPORTE MARÍTIMO
UNIDADES	U1 MORRO CAIXA D'ÁGUA - MORRO DO HOSPÍCIO/BA	ÍA U4 BAÍA DA BABITONGA - NÚCLEO URBANO
	U2 MORRO DO HOSPÍCIO - MORRO CAIXA/MERCADO	U5 ÁREA FERROVIÁRIA
	U3 RUA DA BABITONGA	U6 ÁREA PORTUÁRIA
		✓ U7 OUTRAS UNIDADES
DESCRITORES SOCIA	IS E DE CIRCULAÇÃO	acesso ao verso
LOCAL POSTAGEM	não tive acesso ao verso Pesso o	que não repare nos borrãos e nas letras
LOCAL DESTINO	sim por Saudad	que foi escrito a preça. les.
LOCAL DESTINO	Vista de S. Francisco	ço 1914
IMPRESSO FRENTE		
	não tive acesso ao verso	
	nac tive decisio do verso	
IMPRESSO VERSO		
EDITOR	não tive acesso ao verso	
INDICADOR DATA	1914	
POSSUI SELO	CONTEÚDO ESCRITO	PORTUGUÊS FRANCÊS ALEMÂO